

ISSN 0100-8587



Religião **Sociedade**

VOLUME 23 • NÚMERO ESPECIAL • ANO 2003

Edição Especial

Ecumenismo

Memória e História

Homenagem a Richard Shaull

Religião
Sociedade

Religião & Sociedade

volume 23- número especial- novembro 2003

Conselho Científico

(fundadores)

Duglas Teixeira (in memorian)

Alba Zaluar, Jaime Pinski, Rubem Alves,
Rubem César Fernandes.

Comitê Editorial

Josildeth Consorte, Lísias Nogueira Negrão,
Otávio Velho, Patricia Birman, Pierre Sanchis,
Regina Novaes (coordenadora)

Assistência Editorial

Clara Mafra, Emerson Giumbelli

Conselho de Redação

Alberto Antoniazzi, Alejandro Frigerio,
Alfredo Bosi, Antonio Flávio Pierucci, Ari
Pedro Oro, Carlos Rodrigues Brandão, Cecília
Mariz, Eduardo Diatahy de Menezes, Eduar-
do Viveiros de Castro, Heraldo Maués, Jether
Pereira Ramalho, José Jorge de Carvalho,
Edênio Valle, Kenneth Serbin, Leonardo Boff,
Luiz Eduardo Soares, Luis Eduardo Wanderley,
Maria Helena Villas Boas Concone, Maria
Isaura Pereira de Queiroz, Maria Laura Vivei-
ros de Castro, Marion Aubrée, Nilton Bonder,
Patrícia Monte-Mor, Paula Montero, Paul
Freston, Pedro Ribeiro de Oliveira, Peter Fry,
Ralph Della Cava, Renato Ortiz, Waldo César,
Vanilda Paiva, Yvonne Maggie.

Religião e Sociedade é editada conjuntamente
pelo Centro de Estudos da Religião (CER) e
pelo Instituto de Estudos da Religião (ISER)

Vendas e Assinaturas para todo o Brasil

Instituto de Estudos da Religião (ISER)

Ladeira da Glória 98

22211-120 Rio de Janeiro - RJ - Brasil

Tel: (21) 2555-3750

Fax: (21) 2558-3764

e-mail: religiao.esociedade@iser.org.br

site: www.iser.org.br

CATALOGAÇÃO NA FONTE UERJ/REDE SIRIUS/PROTAT

R382 Religião & Sociedade. - Vol. 1 (1977).
- Rio de Janeiro : ISER, 1977.
v.

Semestral

ISSN 0100-8587

1. Religião - Aspectos sociais. 2.
Religião e civilização. I. Instituto de
Estudos da Religião.

CDU 2:308

Coordenação: Waldo Cesar

Revisão: Henry Decoster

Diagramação: Rosania Rolins

Capa: Heloisa Fortes

Apoio



Igreja Presbiteriana
Bryn Mawr
Pensilvânia, E.U.A.

S

UMÁRIO

Editorial

por *Regina Novaes* 5

Apresentação

por *Rubem César* 7

In Memoriam

Preciosas memórias de Richard (Dick) Shaul

Nancy Johns 9

Oração

Gene Bay 11

Vida e Obra – Corpo Docente, Seminário Teológico de Princeton

Mark L. Taylor 12

Artigo

Igreja e Sociedade – ou Sociedade e Igreja?

Waldo Cesar 17

Entrevista

Para onde se manifesta a realidade do Espírito

José Jorge de Carvalho e Rita Segato 29

Dossiê Richard Shaul

Nicolau Berdiaev: perspectiva cristã da revolução social

Paz e Terra, agosto 1966 35

O novo espírito revolucionário da América Latina

Paz e Terra, agosto 1969 41

Aula inaugural – Faculdade de Teologia da Igreja Presbiteriana Unida, Vitória, Dezembro, 2000	48
---	----

Depoimentos

Shaulh mudou o projeto de vida de um seminarista	
Áureo Bispo dos Santos	57
Uma figura humana e evangélica	
Frei Carlos Josaphat OP	60
Richard Shaulh – Mestre, Profeta e amigo	
Claude Emmanuel Labrunie	62
O Espírito fala através de seus profetas	
Derval Dasílio	64
Relembrando Richard Shaulh	
Esdras Borges Costa	67
Buscando novidades no trabalho do Espírito	
Jether Pereira Ramalho	69
Caminhando com Richard Shaulh	
Jovelino Ramos	71
Era bom estar junto dele – e mais nos engajar pelos pobres	
Leonardo Boff	75
Richard Shaulh, sempre à frente de seu tempo	
Luiz Alberto Gómez de Souza	76
O Profeta do diálogo	
Mozart Noronha	79
Muito obrigada Shaulh	
Myra Bergmar Ramos	81
A “Terceira Conversão” de Richard Shaulh	
Raimundo César Barreto Jr.	83
“su cadáver estaba lleno de mundo”	
Rubem Alves	91
Ah! Ah! bem, e então...	
Rubem Menzen Bueno	95
Mestre e amigo	
Toniko Born	97

Resenhas

Surpreendido pela Graça – Memórias de um teólogo.	
Estados Unidos, América Latina, Brasil	
Clara Mafra	99
Fé e compromisso – Richard Shaulh e a Teologia no Brasil	
Júlio de Santa Ana	104

E

DITORIAL

Neste número especial, a Revista Religião e Sociedade faz uma homenagem ao pensador Richard Shaull.

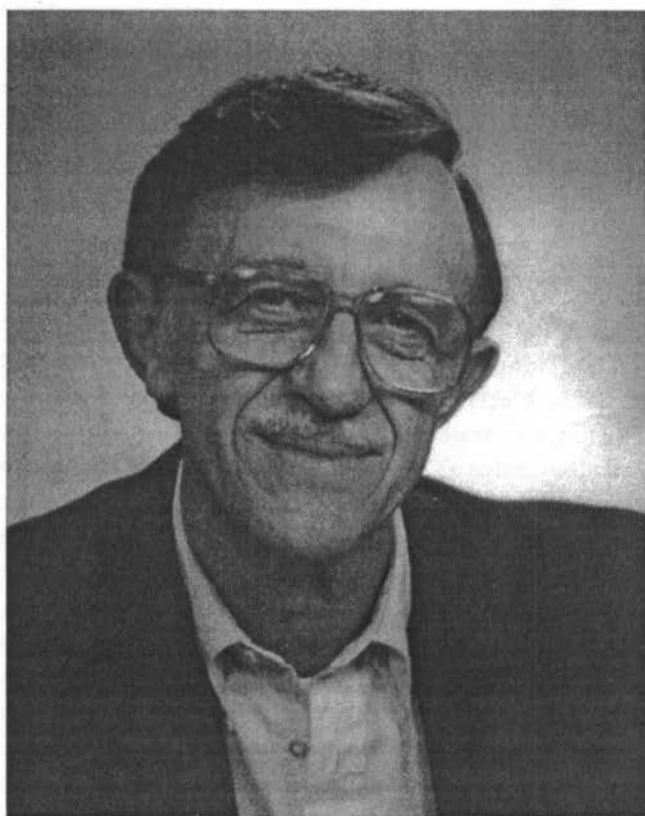
Conhecido internacionalmente, Shaull se tornou uma referência fundamental para uma geração de jovens brasileiros que abraçaram idéias e sentimentos ecumênicos para atuar e compreender as questões de seu tempo.

Ao reconstituir sua trajetória pessoal, recuperamos uma parte importante da história das relações entre as Igrejas e a Sociedade nos últimos cinquenta anos. Ao apresentar seus escritos de 1966 e 1969, publicados na Revista Paz e Terra, seguidos da aula inaugural dada em Vitória em 2001, nos deparamos com a continuidade de um pensamento consistente e, ao mesmo tempo, com as descontinuidades inerentes a quem tem capacidade e disposição para analisar novos fenômenos que suscitam indagações, dúvidas e outras buscas.

Além de trazer tais palavras de Richard Shaull, este número de Religião e Sociedade é composto de um dossiê sobre sua vida e obra, de uma oração, de uma entrevista feita por antropólogos brasileiros, de artigos, de resenhas de livros e, sobretudo, de depoimentos. Através do sumário, o leitor pode ver nomes de profissionais e pensadores bem conhecidos, mas que aqui falam como amigos-admiradores ou admiradores-amigos... A ordem não importa. Afinal todos fazem questão de aproximar a amável personalidade do autor e a riqueza de sua obra.

Do ponto de vista da Revista Religião e Sociedade, para além da honra de homenagear Richard Shaull, fica a certeza de estar produzindo um documento histórico, uma fonte de pesquisa e de múltiplas interpretações.

Agradecemos particularmente a Waldo César, pela iniciativa, empenho e entusiasmo em coordenar este número especial, e a Nancy Johns que acreditou na importância de publicar a Revista e por isso a tornou possível através do apoio afetivo e material conseguido junto à Igreja Presbiteriana de Bryn Mawr.



Richard Shaull

A PRESENTAÇÃO

Rubem César

Os amigos de Shaull estão aqui novamente reunidos. Como quando de suas visitas periódicas nos últimos trinta anos, na casa de Esdras, Rubão ou de Waldo. Encontros calorosos, de sintonia imediata, condição da boa conversa que nos reintegra no tempo e faz pensar. Alguns faltaram, como é inevitável e sempre lamentado. Penso em Elter, Letícia, Maria Júlia, Bispo Sherril, Claudius, mas não há dúvida que a reunião aqui, desta vez, é das boas. São os amigos discípulos de Shaull, que apesar das aparências, portam, ainda, marcas da juventude.

Foi assim desde o início: o encontro, a conversa, o pensar em movimento, Shaull liderando as perguntas. Caso raro de sucesso do modo socrático de conduzir o pensamento. Shaull não precisava responder. Nós o fazíamos por ele. Sua curiosidade nos valorizava. A rigor, não tanto a “nós” pessoalmente, mas ao que se passava ao redor, do que éramos testemunhas. Nós tínhamos a experiência. Shaull nos provocava a interpretá-la. Professor, dos bons. Por seu intermédio, as lidas do movimento estudantil protestante latino-americano dos anos sessenta ganhou reconhecimento internacional. Em 1966, em Genebra, na Conferência sobre Igreja e Sociedade promovida pelo Conselho Mundial de Igrejas, a UCEB (União Cristã de Estudantes do Brasil) foi referência central. Em sua fala, principal na Conferência, apresentou-se como um intérprete, para um público global, do que nós, jovens latinos, supostamente estávamos a dizer. É esta turma da UCEB que está aqui reunida.

Pouco depois, Shaull veio a presidir a Federação Mundial Cristã de Estudantes, combinando duas vertentes do movimento jovem de então, da “revolução social” e da “contra cultura”. Isto porque, corrido do Brasil, assumiu cadeira na Universidade de Princeton e passou a se perguntar sobre o que se passava com os

estudantes de lá. Foi fundo. Separou-se da mulher e foi viver em comunidade com seus alunos seminaristas, em Philadelphia, num bairro cheio de jovens de cabelos longos, roupas largas coloridas e olhos profundos. Acompanhou o esforço pela transformação do corpo de instrumento do trabalho, próprio da herança puritana, que era a sua, em campo pessoal de expressão da sensibilidade, que melhor se via numa festa psicodélica. Sua filha, Wendy, participava do grupo, traduzindo em fotografia os jogos de luz que a linguagem verbal não é capaz de nomear. Shaull promovia encontros teológicos semanais neste ambiente, com um gravador ligado, para que mais tarde pudéssemos recuperar com sobriedade o que fora dito. Bárbara, de risada farta, questionava as epístolas de São Paulo, seu autor mais íntimo, sobre o sentido de tanta loucura que fazia escândalo nas Américas do Sul e do Norte. Histórias do Brasil apareciam amiúde nas ótimas conversas da comunidade de Philadelphia.

Shaull, em seu estilo indagador, buscava os "sinais dos tempos". Pela fé. Sem compromissos com os limites impostos pelas instituições hegemônicas, Igreja, Universidade ou Estado. Reformador protestante, encontrava na doutrina da predestinação os recursos conceituais para deixar-se levar, irreverente diante das doutrinas e sistemas, combinando a humildade, de quem nunca se imagina no topo da montanha, com a ousadia do fiel que busca o reino dos fins.

Reunidos neste volume, apesar de tão dispersos no dia a dia, os amigos e alunos de Shaull voltam de certo modo a afirmar aquele pequeno e frágil núcleo eclesial dos anos sessenta. Graças ao Waldo, que concebeu a idéia, buscou os recursos e brigou por cada texto, até que o volume fosse publicável pela Regina, nossa editora.

I_N MEMORIAM

PRECIOSAS MEMÓRIAS DE RICHARD (DICK) SHAULL

Nancy Johns

No ultimo mês de julho, já com dificuldades para respirar, e muito fraco para caminhar alguns passos que fossem, Dick declarou que desejava fazer “uma última viagem ao Brasil”. Um amigo então perguntou-lhe: “Dick, você pretende morrer no Brasil?” Ele respondeu com um largo sorriso. Dick amava o seu país adotivo, o Brasil, e amava a todos vocês – seus amigos e colegas.

Significou muito para Dick ter seu bom amigo Waldo Cesar ao lado do seu leito durante as últimas semanas de vida. Posso entender isto de muitas formas – Waldo representando vocês todos; e a presença de Waldo, para ele, como sua “última viagem ao Brasil.”

Nosso mútuo amor pelos brasileiros e pelo Brasil, era uma das muitas coisas que tínhamos em comum. O nosso relacionamento foi algo extraordinário, construído por nossa fé comum em Deus e nossa paixão em seguir os ensinamentos radicais de Jesus Cristo no trabalho pela paz, justiça e equidade para todos os seres humanos.

Eu fui abençoada por haver tido quase trinta inacreditáveis anos com Dick, e a experiência incondicional do seu amor. Por ocasião de uma das nossas últimas conversas, disse ele, “Nancy, eu não quero ser lembrado como santo,

mas como servo.” Eu lhe assegurei que tinha plena evidência de que ele não era nenhum santo! Sim, tivemos nossos momentos difíceis – como acontece em todo relacionamento dinâmico – porém tínhamos também um processo baseado em nosso mútuo respeito e amor, que muito nos ajudava na direção de um entendimento sempre mais profundo do outro.

Perdi meu melhor amigo, mas sinto-me confortada em saber que sua memória vive em cada de nós que o amamos.

Nancy Johns, sua esposa, para o culto *In Memoriam*. Paróquia Bom Samaritano (IECLB), Rio, 24/11/2002

ORAÇÃO

Gene Bay

Deus dos vivos e dos mortos, manto cuja misericórdia cobre todas as coisas a fim que nada na criação possa separar-nos de teu amor, te agradecemos pela certeza que, em qualquer vale sombrio que percorramos, tu estás a nosso lado, e agradecemos pela fé que temos de que além das sombras está a luz e o calor de tua casa eterna.

Como te somos gratos, ó Deus, pelo dom de Dick Shaull: por sua generosidade e mansidão, por sua modéstia e sua coragem moral, por seu engajamento pertinaz de toda a vida com a justiça e a inclusão sociais, pela sinceridade de sua mente e a integridade de sua vida, pelo estímulo que transmitiu aos outros e pelos altos valores morais que guardou. Te agradecemos por seu espírito curioso e abrangente, pela amplitude e profundidade de seu ensinamento, pela riqueza de seus escritos, por seu magistério intenso e provocador. Por tudo o que ele fez, e mais ainda por quem era, e pelo privilégio de sua amizade, te agradecemos.

Te agradecemos pela vida e pelo amor que Nancy e Dick compartilharam, pela hospitalidade de seu lar, e pela maneira como foram capazes de se apoiarem e se fortalecerem um ao outro quando a peregrinação de Dick na terra estava chegando ao fim. Pelos salmos lidos e pelas orações oradas juntos, pelos amigos, e a família, e os irmãos em Cristo que se reuniram em torno de ambos, pelo ministério dos médicos e os cuidados compassivos do hospital, pelo dom da paz que desceu sobre Dick quando ele estava se preparando para a transição deste mundo para o próximo, nós te agradecemos.

Rogamos, ó Senhor, que ampare e fortaleça Nancy em sua pena, que assistas todos os amados por Dick: suas filhas Madelyn e Wendy, suas irmãs Jane e June, seu irmão George e suas enteadas Anita e Silvia. Ajuda-nos a todos nós que hoje homenageamos Dick a renovar nosso próprio compromisso com a justiça, nossos atos de compaixão, nossos esforços pela paz entre todos os povos e nações.

Agora em tuas mãos, ó misericordioso Salvador, entregamos teu servo Dick, nosso amigo querido na fé, na esperança e no amor, para que ressuscite na vida eterna. Reconhece, te pedimos, uma ovelha do teu redil, um cordeiro do teu rebanho, um pecador da tua redenção. Recebe-o nos braços da tua misericórdia, no santo repouso da paz eterna, e na companhia gloriosa dos santos de luz... Essa e todas nossas orações nos atrevemos a fazer em nome de Jesus, orando agora como ele ensinou a seus discípulos, "Pai Nosso..."

Dr. Gene Bay

Pastor titular da Igreja Presbiteriana Bryn Mawr, no culto memorial de Richard Shaull, em 2 de novembro de 2002.

RICHARD SHAULL – VIDA E OBRA

Depoimento do Corpo Docente
Seminário Teológico de Princeton

Mark L. Taylor

Richard (Dick) Shaull ocupou a cátedra Professor Henry Winters Luce de Ecumênica, no Seminário Teológico de Princeton (E.U.A) durante 18 anos, entre 1962 e 1980, quando decidiu antecipar sua aposentadoria. Vinte e dois anos depois, em 25 de outubro de 2002, aos 82 anos, Dick faleceu de câncer, em paz, no seu apartamento em Ardmore, Pensilvânia, num ambiente amoroso mantido por sua esposa, Dra. Nancy Johns e por familiares, amigos, estudantes e colegas. Nos últimos anos, Dick havia se tornado pastor associado da Igreja Presbiteriana local de Bryn Mawr, que no domingo 2 de novembro celebrou sua vida em culto memorial.

Num sentido muito real, as celebrações da vida de Richard Shaull não cessam. Do Seminário Presbiteriano de Campinas, ao cenário universitário da Costa Rica, de cultos de oração em Genebra a contínuas comemorações entre grupos cristãos em todo o mundo. No Brasil, a Faculdade de Teologia da Igreja Presbiteriana Unida, em Vitória, foi renomeada em sua homenagem, e pelo menos uma revista (*Religião e Sociedade*, do ISER) prepara um número especial sobre ele. No mês passado, Luis Rivera-Pagán, nosso novo professor da cátedra de Ecumênica, dedicou sua aula inaugural a Richard Shaull. Por que esse fluxo de rememoração e celebração?

Podemos começar lembrando *sua dedicação à família*. Desde a aposentadoria prematura, Dick Shaull e sua esposa Nancy Johns serviram como Voluntários em Missão, nos Estados Unidos e em países latino-americanos (Guatemala, México, Costa Rica, Nicarágua). A ele sobrevivem as duas filhas (Madelyn Shaull e Wendy Shaull, da Califórnia), suas irmãs (Jane Keesey e June Stroup) o irmão (George Shaull) e duas enteadas (Anita Smart e Sylvia Smart) E sua primeira esposa, Mildred Miller Shaull, da Califórnia.

O porque dessa rememoração e celebração também se explica na jornada da vida de Dick, marcada por um *imperecível compromisso com a luta cristã em favor de comunidades desfavorecidas*. Ele mesmo nasceu em pequena fazenda no condado de York, na Pensilvânia, em 1919, e juntamente com seus pais e quatro parentes, atravessou os tempos tumultuosos da Grande Depressão. Naqueles anos, sua família era ativa nas igrejas, comprometendo-o com comunidades religiosas que associavam fé cristã e prática social em favor dos pobres e com eles. Depois de sua graduação no Elizabethtown College, em 1938, e em seguida

no Seminário Teológico de Princeton, em 1941, atuou durante um ano como pastor em Wink, no Texas. Partiu então para a Colômbia, onde teve início seu longo período de vida e de trabalho no campo ecumênico e missionário.

Rememoração e celebração de sua vida evidenciam em especial seu notável *trabalho como missionário e obreiro cristão no exterior*. Na Colômbia consolidou-se sua nítida compreensão da fé bíblica como caminho extensivo a todos os povos, ou seja, em compartilhar as experiências com Deus lado a lado a comunidades de pobres e marginalizados dos centros de poder. Ao retornar ao Seminário de Princeton, completou sua tese de doutorado com Paul Lehman, sobre o tema “O poder de Deus na vida do homem: um estudo dos conceitos protestantes e católicos sobre uma vida nova em Cristo.”

Mais tarde, no Brasil, lecionou no Seminário Presbiteriano de Campinas, e foi co-fundador, com Joaquim Beato, do Seminário do Centenário, no interior de Minas Gerais, assumindo depois o cargo de vice-presidente da Universidade Mackenzie (presbiteriana), em São Paulo. Obrigado a deixar o país durante o regime militar, foi chamado pelo presidente James I. McCord para assumir a cátedra de Ecumênica em Princeton, através da qual influenciou toda uma geração de pastores, missionários e militantes cristãos; mas foi durante esse breve período no Brasil, antes de se tornar professor em Princeton, que Dick realizou o seu trabalho decisivo como protestante de tendência ecumênica.¹ Tais atividades o identificaram como um dos fundadores da Teologia da Libertação, confirmado por muitas pessoas, o que no entanto nunca foi postulado por ele.

Rememoração e celebração de Richard Shaull fluem, ainda hoje, também em função de sua longa vida como *professor*. Dick dedicava especial respeito ao autor do livro de Tiago, no Novo Testamento, que admoestava: “... não sejas muitos de vós mestres, sabendo que receberemos um juízo mais severo.” (Tiago, 3,1) Isto significa, como foi salientado recentemente em culto memorial, que Dick também “questionava a autoridade da instituição que punha à sua disposição a problemática de tanto poder.” No campus podia provocar e criar confrontos. O mesmo orador enfatizou que “estimulava os estudantes a expressar suas próprias opiniões, mas sempre cuidando de não falarem mais alto que ele.”

Foi esse tipo de ensinamento, durante sua longa estadia em Princeton, que permitiu que dissessem, segundo outro estudante, Philip Wickeri (hoje professor de Evangelismo e Missão no Seminário Teológico de San Francisco) que “a comunidade de Dick se espria por todo o mundo, da América Latina à Ásia e à África,” e também por cidades e metrópoles através dos Estados Unidos. Um estudante brasileiro dá testemunho da influência de Dick: “Ele tinha mais confiança em nós do que nós mesmos.” E um estudante coreano lembrou; “Dick era diferente de todos os professores que já tive. Ele sempre me desafiava quando eu achava que eu tinha certeza.” Outro estudante brasileiro, Raimundo C. Barreto, cuja tese estou atualmente orientando na matéria Reli-

gião e Sociedade e que teve Dick como membro de sua banca durante breve período, lembra: "Ele mostrou-me que, antes de pensar em agradar a meus professores em Princeton, eu devia pensar em fazer algo que significasse alguma coisa para a minha própria realidade. Certa vez, ao notar que eu estava demasiado preocupado com metodologia, disse-me ele, 'preocupe-se com o conteúdo mais do que com o método. O fundo é a alma de seu trabalho.'"

Talvez seja a capacidade que tinha Dick de respeitar o conteúdo do trabalho e da vida de alguém que hoje guia a rememoração e a celebração. Isso certamente tem ressonância com as lembranças de tantas outras pessoas. Eu conheci Richard Shaull tardiamente, somente depois de sua saída do seminário em 1980, e mesmo assim a princípio somente através de seus escritos. O primeiro encontro pessoal ocorreu, apropriadamente, em uma entrevista coletiva em Filadélfia que eu havia organizado para intelectuais e militantes que lutavam pela vida de um jornalista que estava no "corredor da morte" na Pensilvânia, Mumia Abu-Jamal. Dick havia se esgueirado silenciosamente na sala apinhada da coletiva para trazer seu apoio. Mais tarde eu viria a ser seu companheiro em duas bancas de defesa de tese em Princeton, jantaria com ele em vários jantares de retiro de seu seminário, compartilharia outra refeição com ele em minha casa, e teria vários almoços de reunião, como quando veio pesquisar na biblioteca do campus.

Minha lembrança mais vívida é um pouco banal, mas reveladora de seu modo de ser. Eu o vejo encostado na moldura da porta de minha sala, esperando que eu reunisse alguns papéis para conversar com ele durante um dos nossos almoços. Paradoxalmente, sua figura muito magra e nervosa parecia irradiar ao mesmo tempo serenidade disciplinada e energia tímida. Isso sempre transmitia uma espécie de força ativa a seu coração bondoso, mas realista, e à sua ágil perspicácia intelectual.

É esse tipo de vida e de energia que levou a tantos estudantes e a outras pessoas uma presença tão profética quanto pastoral. Lembremo-nos que sua passagem pelo seminário de Princeton, de 1962 a 1980, coincidiu como um tempo de mudanças vertiginosas: a Guerra do Vietnã e os movimentos anti-belicistas, os assassinatos de Martin Luther King, Jr. e de Robert Kennedy, a execução de Caryl Chessman, o surgimento do Movimento pela Livre Expressão de Berkeley e a fundação da organização Estudantes por uma Sociedade Democrática, o segundo Concílio Vaticano, outra onda de movimentos feministas nos Estados Unidos, as tensões da Guerra Fria e a corrida às armas nucleares, as ditaduras militares repressoras na América Latina, como a ditadura brasileira que proibiu a entrada de Dick durante mais de vinte anos. Nesses anos, contam seus colegas que em certos momentos as aulas de Dick muitas vezes transbordavam de estudantes que ocupavam os corredores e os vãos das janelas. Certa vez, ele associou-se a uma manifestação contra a guerra, em que se queimavam cartões de recrutamento, em frente a Miller Chapel.

Durante este tempo tumultuoso, Dick buscou a mudança sendo parte de um tipo de comunidade que se apresentava como, segundo ele, “ponto de referência além da luta social imediata.” Dick nunca abandonou esse ponto de referência, mesmo quando notáveis revolucionários com os quais fazia causa comum assim aconselhavam. Herbert Aptheker - militante, historiador, executor do testamento literário de W.E.B. Dubois, diretor do Instituto Americano de Estudos Marxistas - elogiou o que Dick escreveu em *The Christian Century* sobre a maneira como “a velha ordem” poderia ser “derrubada ou destruída” pela “dinâmica da ação de Deus no mundo”.² Mas Aptheker aconselhava dar outro nome à dinâmica da mudança, vendo-a como ação de massa e não como ação de Deus. Substituição que Shaull nunca faria. Para Shaull, a ação política de massa, do mesmo modo que as pequenas ações de mudança política e pessoal, eram lugares do trabalho de Deus na história.

É um testemunho tão impressionante, que será sempre e sempre um chamamento - para tantos dentre nós - para o que contém a obra escrita de Dick: *Encounter with Revolution* (1955), *Containment and Change* (com Carl Oglesby) em 1967, *Consumers or Revolutionaries* (com Josef Smolik) em 1967, *Liberation and Change* (com Gustavo Gutiérrez) em 1977, *Heralds of a New Reformation: The Poor of South and North America* (1984), *Responding to the Cry of the Poor: Nicaragua and the USA* (com Nancy Johns), *Naming the Idols: Biblical Alternatives for U.S. Foreign Policy* (1988), *The Reformation and Liberation Theology: Insights for the Challenge Today* (1991). Uma coletânea em sua homenagem foi publicada e lançada festivamente em Princeton, em 1998: *Revolution of Spirit: Ecumenical Theology in Global Context*. Sua publicação mais recente, em 2000, foi *Pentecostalism and the Future of the Christian Churches: Promises, Limitations, Challenges* (com o sociólogo brasileiro Waldo Cesar). Nessa obra, ele e Cesar passam em revista o papel dos movimentos pentecostais na transformação de estruturas econômicas, sociais e políticas injustas, de uma forma que é testemunho para toda a igreja ecumênica.

E em breve Dick Shaull vai nos brindar com mais uma obra escrita, mesmo depois da morte. Refiro-me a suas memórias, que serão publicadas em novembro deste ano, com o título de *Surprised by Grace*, em língua portuguesa. Além de estender-se de modo abrangente sobre sua vida longa e rica, as memórias terminam com um epílogo que examina “as conseqüências do 11 de setembro.” E nos presenteia com outra meditação profética para nosso tempo: “já não podemos viver em segurança em um mundo no qual tantas desigualdades se acumulam, e no qual as pessoas suportam tantos sofrimentos.” A versão em inglês, traduzida da edição em português, está sendo preparada por Philip Wickeri, e conterà também comentários de alunos e de outros intelectuais que foram inspirados pelo testemunho de Dick.

Raimundo Barreto e eu visitamos Dick, acamado, apenas poucos dias antes de sua morte. Nos despedimos, nos sentamos em silêncio, ouvindo aquela

mente ainda ágil comentar os fatos do dia, entusiasmado especialmente com a esperada vitória no Brasil do candidato do Partido dos Trabalhadores, Luis Inácio da Silva, vitória que naquele momento só demoraria alguns dias. Seu corpo nervoso estava agora quase esquelético, mas alerta como sempre. Nós tentamos dizer-lhe, como haviam feito tantos visitantes do mundo inteiro, o que ele havia significado para nós. Eu disse: "Por seu intermédio, fui orientado, de certo modo, para um histórico de mudanças necessárias, relacionada com estranha "tradição" do Seminário de Princeton que une libertação humana e graça divina, e de certa forma, ainda serei conduzido por esse histórico depois de sua morte, por causa de seu testemunho e por causa do Criador que o trouxe até nós."

Eu teria gostado de estar presente também quando Waldo Cesar, sociólogo brasileiro, amigo e co-autor com Dick – fez um último brinde àquele homem. Cesar fala daquele dia de outubro, quando estava evidente que Dick não veria seu 83º aniversário em novembro.

O dia estava frio. No final da tarde, preparo uma caipirinha para saborear com Nancy e sua filha Anita. Dick quer participar. Pede sua dose. O ambiente está menos tenso. Propus um brinde: Shaull, você nos ensinou muita coisa da vida, e agora também nos ensina como morrer. Um viva a tudo quanto fez por nós.

(Tradução de Henry Decoster)

Notas

- ¹ Shaull permaneceu no Brasil durante 10 anos (1952-1962), onde ocupou vários outros cargos, destacando-se ao trabalho com estudantes cristãos e com o programa Igreja e Sociedade. (N.T.)
- ² Herbert Aptheker, *The Urgency of Marxist-Christian Dialogue* (Nova York, Harper & Row, 1970:172). Aptheker estava comentando o artigo de Richard Shaull, "The God Question", *The Christian Century*, 28 de fevereiro de 1968.

Mark Lewis Taylor

Presbiteriano, professor de Teologia e Cultura em Princeton Theological Seminary (EUA), autor de vários livros, sendo o mais recente *The Executed God: the way of the cross in lockdown America*, 2001. Tem desenvolvido forte vínculo com a América Latina, através de estudos na Guatemala e em Chiapas, México, sobre as dinâmicas políticas e culturais de igrejas em diálogo com a teologia maia e seu impacto nos movimentos populares de resistência nesses contextos. Mark.taylor@ptsem.edu

A

RTIGO

IGREJA E SOCIEDADE – OU SOCIEDADE E IGREJA?

Waldo Cesar

Capítulo publicado no livro *Revolution of Spirit – Ecumenical Theology in Global Context* (Wm. B. Eerdmans Publishing Co., E.U.A., 1998), resultado de um encontro de cerca de 20 ex-alunos e colaboradores de Richard Shaull, de várias partes do mundo, realizado na Universidade Bíblica Latino-americana, em San José, Costa Rica, em junho de 1996, onde Shaull dava cursos periodicamente. Os ensaios, “in honor of Richard Shaull”, narram a convivência com o teólogo e sua influência na vida e pensamento de cada um. O presente trabalho, representativo de uma década de companheirismo e aprendizado com Shaull no Brasil, tenta explorar a situação das igrejas e do país no seu contexto histórico e na polêmica fase anterior e posterior ao programa de Igreja e Sociedade. Sua publicação em *Religião e Sociedade*, quando prestamos nossa homenagem a Richard Shaull, sofreu cortes e adaptações.

INTRODUÇÃO

Dois momentos extraordinários, na segunda metade do século vinte, cem anos depois do estabelecimento definitivo do protestantismo no Brasil, se des-

tacam na história da igreja (ou das igrejas) no país: o primeiro começa em meados dos anos 50, estendendo-se até o golpe militar de 1964; o segundo alcança certo climax nos anos 90 e dá sinais de uma vitalidade que pode cruzar o novo milênio e se prolongar por muitas décadas. Ambos os movimentos, assim como sua continuidade, evidentemente não estão restritos a períodos rígidos do calendário das gerações que viveram as contradições das datas às quais se referem. Nos anos 40, por exemplo, alguns esforços de renovação da igreja, com origem principalmente em movimentos jovens, de certa forma favoreceram o desenvolvimento e a participação em um ousado projeto ecumênico na década dos 50, genericamente denominado Igreja e Sociedade. E o que aconteceu nos anos 90 diz respeito a um sistemático e inusitado crescimento do neopentecostalismo, cujas origens, por sua vez, se remetem à chegada do pentecostalismo no Brasil, no início do século XX.

Há diferenças acentuadas entre os dois momentos. Como também semelhanças, se tomarmos o contexto social e cultural — e religioso — que de muitas formas favoreceu, ou contestou, tanto um compromisso maior da igreja com a sociedade brasileira quanto a eclosão de uma religiosidade popular de tipo carismático. Velhos rótulos são comumente aplicados à natureza dessas manifestações. Progressista uma, alienada outra; uma ecumênica, outra separatista. Razão-emoção, secularidade-fanatismo religioso. Estas e outras classificações, no entanto, nem mesmo se referem exclusivamente a uma distinção entre essas duas formas de experiência religiosa e do seu confronto com o mundo secular. Não se trata necessariamente de uma oposição que distinga uma visão teológica da sociedade, de uma eclesiologia voltada para o cotidiano da massa dos desvalidos.

Assim sendo, tento apontar as circunstâncias que proporcionaram o surgimento e as relações entre esses momentos marcantes da história eclesial brasileira, assim como a sua importância para uma outra perspectiva de análise da realidade brasileira. Quero dizer, como as igrejas evangélicas, incluindo o pentecostalismo, predominantemente voltadas para si mesmas, se situavam no contexto da realidade brasileira? E vice-versa: como avaliar movimentos de renovação dessas igrejas a partir de uma perspectiva *secular*, a igreja como um ente sociológico que procurava romper suas limitações ou tradições e dar respostas à realidade, fosse através de uma visão estrutural do processo social ou de ações voltadas para o dia a dia dos pobres na sua luta pela sobrevivência?

As questões levantadas, portanto, se referem tanto ao movimento dos anos 50, denominado "Igreja e Sociedade", como à expansão do neopentecostalismo na última década do século passado, ao qual chamaria de "Sociedade e Igreja". Trata-se, afinal, de assinalar os contrastes e as aproximações, de muitas formas *produzidas* pela sociedade na qual ambos os momentos se situam, um mais centrado numa visão teológica da realidade e outro mais voltado para uma intensa expe-

riência religiosa que aspirava mudar a vida pessoal e, como proclamava, a própria sociedade.

Muitas implicações sociológicas e teológicas decorrem de tais eventos. As pesquisas, teses, artigos e livros produzidos nos últimos anos, dentro e fora dos círculos eclesiásticos, no Brasil e no exterior, demonstram sua importância histórica, social, cultural e religiosa: a primeira, Igreja e Sociedade, suprimida pela intervenção policial-militar (e eclesiástica) na vida nacional; e a segunda, o movimento pentecostal, por sua ênfase numa espiritualidade que tanto parece *conformada* com a ordem vigente quanto *chamada* para transformá-la através da conversão em massa dos brasileiros.

I. IGREJA E SOCIEDADE

Em princípios de 1955, por iniciativa de Richard Shaull, então professor no Seminário da Igreja Presbiteriana do Brasil, criou-se no Rio de Janeiro uma "Comissão de Igreja e Sociedade". A composição ecumênica do grupo era bastante representativa das diferenças teológicas e ideológicas que caracterizavam os diversos ramos do protestantismo brasileiro. Havia, no entanto, na Comissão que se organizava, acordo em que as igrejas deveriam estabelecer critérios e formas de ação diante da realidade brasileira, embora faltasse unanimidade quanto ao âmbito e à natureza do trabalho a desenvolver. A Comissão, autônoma a princípio, integrou-se nesse mesmo ano na Confederação Evangélica do Brasil (CEB), órgão de cooperação interdenominacional constituído por meia dúzia das principais igrejas históricas evangélicas do país, tomando o nome de "Setor de Responsabilidade Social da Igreja".

Coube-me a tarefa, como secretário-executivo do novo departamento, de promover o programa traçado pelo Setor. Em pouco tempo, as correntes evangélicas que apoiavam o projeto (que deu outro alento à CEB, organismo mais ou menos estagnado no tempo) ultrapassavam o número de igrejas associadas à Confederação. Até mesmo batistas e pentecostais, embora informalmente, se juntaram à idéia de um compromisso maior com a sociedade brasileira. Em pouco tempo surgiram as primeiras dificuldades, ideológicas e institucionais. Estávamos explorando caminhos desconhecidos ou pouco trilhados pelas correntes evangélicas no país. Essa "dialética entre valores e estruturas" (para lembrar Roger Bastide), oscilava entre o compromisso com importantes setores da sociedade brasileira e as reações da ala mais conservadora das igrejas oficialmente ligadas à CEB.

É possível avaliar melhor as dimensões dos conflitos internos se rememoramos os temas que marcaram as quatro consultas nacionais promovidas pelo Setor, entre 1955 e 1962. A evolução temática expressava uma linha de compromisso,

que crescia na medida em que se agravava a crise nacional, por sua vez hesitante entre profundas “reformas de base” e a consolidação das velhas oligarquias. Se a primeira consulta (1955) apenas indicava genericamente “A responsabilidade social da Igreja” como sugestão para um programa de estudo e ação, a segunda (1957) era mais específica, falando de “A Igreja e as rápidas transformações sociais do Brasil”.

Uma das mais arrojadas manifestações desse período de mudanças estava na construção acelerada da nova capital do país — Brasília —, cidade que surgia do nada, no centro geográfico do território nacional, levantada por mãos de mais de trinta mil operários. Ao assinar em campo aberto o primeiro ato oficial no local da futura capital, o presidente Juscelino Kubitschek fez uma declaração que mais parecia promessa de fundo religioso: “Deste planalto central, desta solidão que em breve se transformará em cérebro das altas decisões nacionais, lanço os olhos sobre o amanhã do meu país e antevejo esta alvorada com fé inquebrantável e uma confiança sem limites no seu grande destino.” A ousada iniciativa, inaugurada em 1960, parecia reverter o destino do gigante deitado em berço esplêndido. É também o tempo de centros de estudo e de propostas de reformas sociais, atividades oficialmente dirigidas por pessoas de esquerda. O Setor de Responsabilidade Social da Igreja realizava então a sua terceira consulta (1957), cujo tema abordava “A presença da Igreja na evolução da nacionalidade”. Além de representantes de igrejas evangélicas brasileiras e de líderes do Conselho Mundial de Igrejas, que sustentava financeiramente o programa, a reunião contou com a participação de sociólogos e educadores não cristãos. A novidade, inédita, se por um lado deu mais fôlego à oposição ao Setor, por outro abriu novos caminhos para análise mais integral e mais comprometida da realidade brasileira à luz de uma reflexão cristã.

Cristo e o processo revolucionário brasileiro

A última consulta deu um salto não apenas temático, mas geográfico. Se os encontros anteriores se concentravam no eixo Rio-São Paulo, centro político e cultural de maior peso no país, o quarto encontro se desloca para o Nordeste, 1962, tempo de crescentes tensões sociais diante do avanço das reformas e dos movimentos de base, entre os quais se destacavam as “Ligas Camponesas”. Com um terço da população brasileira, o Nordeste era símbolo da luta entre o passado e um possível futuro no qual a propriedade da terra e a renda nacional não mais estivessem nas mãos de uns poucos senhores. As palavras de moda eram *reforma*, para os mais comedidos, e *revolução* para os que acreditavam na radicalização de um momento único da “evolução da nacionalidade” brasileira.

Assim, a cidade do Recife foi escolhida para sede da quarta consulta nacional, da participaram 167 delegados de 17 estados, representando 16 deno-

minações. O tema — “Cristo e o processo revolucionário brasileiro” — foi para as manchetes dos jornais e repercutiu no Rio e em São Paulo. Ecoou também, mais fortemente ainda, em círculos evangélicos inconformados com esse tipo de testemunho cristão, sobretudo porque se concentrava numa região que parecia reunir todas as contradições da realidade brasileira, com 200 mil desempregados numa população de 800 mil. A luta do povo pela sobrevivência diária ficou mais evidente nos discursos e nos debates, outra vez confrontando cientistas sociais e teólogos. Entre os nomes de destaque na sociologia e na economia, presentes no encontro, estavam Gilberto Freyre, Celso Furtado, Paulo Singer, Juarez Brandão Lopes. O presidente João Goulart (que seria deposto dois anos depois), enviou telegrama de congratulações. O governador do estado, presente na abertura da conferência, ouviu o sermão do presidente do Setor, o reverendo Almir dos Santos, atualizando as palavras de Lucas 4. 18: “O espírito do Senhor está sobre mim porque ele me enviou a apregoar as boas novas aos pobres, isto é, aos economicamente deserdados.” Havia outras autoridades, do estado e da igreja. Até mesmo um representante do comandante da Região Militar, responsável pela “segurança nacional” no Nordeste. Era a primeira vez que uma consulta de origem evangélica no Brasil alcançava a diversidade dos confrontos que se radicalizavam entre os movimentos populares, instituições sociais, a igreja e as Forças Armadas.

A “Conferência do Nordeste”, como passou a ser denominada, marcou o começo do fim do programa Igreja e Sociedade. Havia, soube-se mais tarde, um acompanhamento diário, pelos órgãos de segurança do estado, do que ali se passava e se dizia. Para as autoridades militares as manchetes dos jornais confirmavam as suspeitas de um encontro subversivo: “Cristo presente na crise brasileira”; “Os evangélicos propõem a revolução cristã”; “Bispo evangélico: a igreja não pode conformar-se com a exploração”.

Curiosamente, não foi na Conferência do Nordeste, e sim no encontro anterior, em S. Paulo, que fui procurado, num dia de plena atividade, por um senhor engravatado, que só se identificou quando estávamos frente a frente, pois insistira numa conversa em privacidade. Era um agente do temido DOPS — Departamento de Ordem Política e Social. Queria saber o que discutíamos e o que queríamos dizer com essa história da “presença da Igreja na evolução da nacionalidade”. Perguntei-lhe se dispunha de algum tempo. “Como assim?” E depois de um instante: “Claro, tenho tempo. Mas por quê?”. Respondi-lhe tranquilamente que para explicar-lhe o sentido do tema e da reunião deveria começar com o profeta Amós, do ano 700 e tanto antes de Cristo. “Como assim?” — perguntou de novo, olhar surpreso ante o inesperado. Não demorou muito e me interrompeu, dizendo-se satisfeito. Apenas queria assistir a reunião da tarde, mas me advertiu a não apresentá-lo nem a mencionar o nosso encontro. Quer dizer, a repressão que só viria com toda a sua força em 64,

já estava investigando o que se passava num programa que pretendia estudar a realidade brasileira e dar novo sentido ao compromisso da igreja para com a nossa sociedade.

Internamente, a partir de Recife, as objeções ao projeto Igreja e Sociedade também se radicalizaram. Antes mesmo da Conferência do Nordeste, a diretoria da CEB havia manifestado desagrado com o tema e o cartaz de divulgação do encontro, concepção artística de Claudius Ceccon. Nele, a frase "Cristo e o processo revolucionário brasileiro" se sobrepunha a uma imagem difusa de ferramentas agrícolas, encimadas por uma cruz pendida para um lado. O vermelho vivo do fundo enrubescia e amedrontava os apologistas de uma mensagem que preferiam mais tolerante, atitude coerente com o anticomunismo que servia de rótulo para qualquer tentativa de mudança, dentro e fora da igreja, e que punha a descoberto um paradoxo: em nenhuma das reuniões preparatórias das consultas do Setor de Responsabilidade Social da Igreja — e muito menos nos quatro encontros nacionais — a CEB permitiu a presença de católicos romanos. Marxistas, sim; católicos, não, se bem que os primeiros não eram explicitamente nomeados como tais. O fato é que renomados intelectuais marxistas (entre eles Jacob Gorender, Leandro Konder, Mário Alves, morto pela repressão) participaram ativamente dos temas que constituíram os programas das conferências. Como explicar esse tipo de tolerância? Teria o ranço polêmico com a Igreja Católica, rememoração das perseguições do passado, maior peso do que o medo de uma possível vitória da esquerda? Algo parecido talvez estivesse oculto, e acabou manifesto, na observação de um dos diretores da CEB no intervalo de uma reunião da qual participei. Dizia ele, numa referência pessoal entre ingênua e irônica, que a Confederação não deveria limitar demasiadamente as atividades do programa Igreja e Sociedade: "Afinal, se a esquerda vencer as próximas eleições teremos o Waldo para nos defender".

Como aconteceu o contrário, a perseguição das autoridades eclesiásticas foi implacável — e começou antes do golpe militar. Nos meses que se anteciparam à deposição de João Goulart, em fins de março de 64, quando parecia mais clara a vitória das forças da repressão, iniciou-se o expurgo, não apenas na Confederação Evangélica, mas em seminários, colégios evangélicos e até em igrejas locais, quando também fui expulso da CEB, ao lado de outros secretários executivos e funcionários. Bem antes, porém, em 1959, Richard Shaull havia sido dispensado da cátedra no Seminário Presbiteriano, não lhe sendo possível participar da Conferência do Nordeste, que refletia todo o seu empenho e orientação nessa nova caminhada de fé. Suas iniciativas e atividades, no ensino teológico, na pregação, no meio estudantil, no contato com os dominicanos, no movimento ecumênico, nos livros e artigos publicados — tudo estava sob o signo de uma "subversão" da teologia e da ordem estabelecida. Shaull era publicamente acusado de mentor de toda a crise da igreja. E muitos

dos seus discípulos e companheiros de trabalho deveriam pagar pela cumplicidade e apoio às suas idéias e luta por uma igreja mais próxima dos pobres e deserdados da sociedade.

Um ecumenismo além das igrejas

A experiência ecumênica vivida nos dez anos do programa Igreja e Sociedade havia aberto — ou ampliado — o círculo de relações e de atividades entre ramos evangélicos no Brasil, que antes mal se conheciam ou se limitavam a formas um tanto superficiais de cooperação. Também se fortaleceu a dimensão ecumênica internacional através do Conselho Mundial de Igrejas e se abriram perspectivas não oficiais de cooperação com setores da Igreja Católica. Da mesma forma, estávamos agora mais “livres” para contatar pessoas e instituições não cristãs empenhadas no que se chamava de humanização da vida através da participação do povo na formação do seu destino como Nação. Ao mesmo tempo, a perseguição se intensificava e nos levava à dispersão. Muitos foram os presos ou os que se exilaram no exterior. Um grande vazio apoderou-se de uma liderança, disposta, mas não de todo preparada, para assumir um novo papel na realidade brasileira. A *popularização* da igreja e de outros movimentos sociais, inspirados nos ventos renovadores do movimento ecumênico e da Igreja Católica, sofriam o seu maior golpe na aparente trajetória para o poder. A proposta ecumênica de João XXIII levava ao Concílio Vaticano II representantes de 28 igrejas não-católicas, na busca do que definia como a “união dos cristãos e adaptação da Igreja aos tempos modernos.”

A década de 70, portanto, apesar de todas as perseguições, marcou, tanto no Brasil como na América Latina, também submersa na (des)ordem totalitária, o tempo dos movimentos alternativos. A resposta às missões político-militares e econômicas americanas, com apoio de empresas multinacionais e da nova classe industrial, tem duas vertentes importantes: o surgimento das guerrilhas, na expectativa de vencer o imperialismo pelas armas; e as ONGs — Organizações não governamentais, como formas de intermediação entre a ajuda externa e as classes populares. Ganhávamos, com essa nova experiência, uma dimensão diversa da que nos prendia aos círculos confessionais, levando-nos a cruzar, às vezes com assombro, essas “paragens não eclesiais”, como dizia Gustavo Gutiérrez.

Esse ecumenismo além das igrejas — ao mesmo tempo manifestação de luta contra a repressão — teve grande significado com a fundação da Editora Paz e Terra, em 1966, por iniciativa de leigos protestantes e católicos. Embora vigiada pela ditadura, a editora publicou obras de teólogos e pensadores cristãos, ou não, inéditos no Brasil (Paul Tillich, Dietrich Bonhoeffer, Harvey Cox, Oscar Kullmann, Roger Garaudi, entre muitos outros). Abria-se, desta forma,

um novo espaço, que também levou intelectuais e políticos (sempre me refiro a setores específicos) a descobrirem aliados no mundo da Igreja e da fé cristã.

A revista *Paz e Terra*, contudo, era o motor da editora. Com quase 300 páginas, os dez números publicados, com tiragem bimestral de 10 mil exemplares, divulgavam artigos do Brasil e do exterior, ressaltando a importância “do diálogo e do humanismo que possibilita às criaturas fazer do universo a sua morada”. O editorial de lançamento lembrava ainda um ecumenismo cujo sentido original nos fala do “mundo habitado, o que quer dizer a casa, o campo, a cidade, a família, a economia, a política”. Entre os articulistas figuravam grandes intelectuais da época, entre os quais correspondentes no exterior, função que era exercida por Richard Shaull nos Estados Unidos.

Em princípios de 1967, como diretor da revista *Paz e Terra* e representante de ISAL (Iglesia y Sociedad en América Latina) no Brasil (além de outras acusações de subversão, incluindo a de “arruaceiro”), fui detido e posto incommunicável numa unidade da Polícia do Exército. Seguiu-se um processo na Justiça Militar e nova tentativa de prisão em dezembro de 1968, quando já me havia refugiado fora do Rio. A situação tornou-se ainda mais difícil para a sobrevivência da revista, obrigada a encerrar sua publicação em dezembro de 1969. Mas a grande novidade existencial, a despeito dos sobressaltos de um tempo de incertezas, foi essa experiência de fraternidade baseada na justiça e no amor como elementos fundamentais da unidade e do compromisso. E aqui a comunidade cristã tanto se distingue quanto se confunde com o mundo e com aqueles que lutam por uma sociedade melhor.

INTERLÚDIO

Que se teria passado sem o golpe de 64 e se a esquerda tivesse assumido o poder? Como se portaria a ala conservadora das igrejas frente à continuidade de um movimento que conduzia um processo novo, tanto ecumenicamente quanto em relação à realidade social e política? Tudo indica que o golpe viria, mais cedo ou mais tarde. Ou, se não, provavelmente a CEB e outras instâncias eclesiais ou para-eclesiais se dispusessem, como na sua antecipação à repressão policial-militar, a liquidar a face oficial do Setor de Responsabilidade Social da Igreja. Isto, porém, provavelmente teria significado uma sobrevivência à parte, com a mesma característica alternativa das organizações não governamentais que então se expandiam pelo país.

De certa forma, foi o que aconteceu. Grupo representativo de vários ramos evangélicos, ao lado de irmãos católicos, fundaram o CEI-Centro Ecumênico de Informação, que editava mensalmente um pequeno boletim de divulgação de notícias nacionais e internacionais como estímulo à rede de pessoas e institui-

ções inconformadas com o autoritarismo eclesiástico e secular. O CEI teve apoio substancial de um comitê formado nos Estados Unidos – e aqui também contamos com iniciativa e participação de Richard Shaull, radicado nos Estados Unidos e professor no Princeton Theological Seminary.

Pode-se dizer que a repressão, ao fechar os espaços públicos de nossa atuação, abriu novos horizontes de solidariedade, posta à prova pelo seu caráter clandestino ou semiclandestino. A geografia dos regimes autoritários, ocupando o continente latino-americano, tinha a sua contrapartida num amplo e corajoso círculo de contestadores mais e mais comprometidos com o povo e o seu sofrimento. O horizonte ecumênico se amplia ao campo *secular*, que nos pareceu então mais aberto e mais corajoso do que o pequeno mundo das lideranças evangélicas. O sentido relacional da cultura brasileira (como sugere o antropólogo Roberto da Matta), era experimentado como novidade do espírito e de uma nova *praxis*. A crítica de Ernst Troeltsche ao abandono dos valores culturais pelo protestantismo do seu tempo (que também transparece na teologia de Paul Tillich) se tornava então mais clara com essa imersão num terreno que antes dividia o nosso pensamento e ação na sociedade. Mas é importante lembrar que essa experiência de novas relações sociais e de companheiros não cristãos, que também descobriam na igreja uma face para eles desconhecida, era alimentada pela expectativa de que os golpes militares, por tudo quanto representavam de antipopulares e antidemocráticos, teriam duração curta. Mas assim não foi. No Brasil o poder, alternado por quatro generais, durou mais de vinte anos.

Esse longo e aparentemente infundável interlúdio marcou profundamente a minha geração e a que se seguiu, nascida sob o signo do autoritarismo, da censura, das mentiras oficiais, do medo, do exílio, das torturas, da morte. Perdemos muitos companheiros, no Brasil e em outros países da América Latina. Falava-se mais baixo. Olhava-se para traz — era preciso certificar-se de que não éramos seguidos. Tudo mais é conhecido. A cultura, as artes, a educação, a saúde sofreram um atraso em muitos aspectos irrecuperável. Os camponeses, sem maior capacidade de organização, foram abandonados à própria sorte. As igrejas acrescentaram às suas divisões históricas um componente ideológico mais radical. Então, perguntávamos o que havia significado toda uma década de esperança num mundo melhor, num Brasil novo; e se o tipo de opção representada pelo projeto Igreja e Sociedade havia realmente estabelecido paradigmas capazes de transformar, se não a sociedade, pelo menos as igrejas nas quais surgira e se desenvolvera.

Aqui devemos enfrentar um problema complexo. O interesse histórico por esse período de estudo e de ação, quarenta anos depois da Conferência do Nordeste, evidenciado por meio de teses, artigos e debates, talvez não tenha enfrentado uma questão fundamental: a de perguntar se as estruturas institucionais, e o formato das correntes históricas do protestantismo tinham (ou

têm) possibilidades reais de incorporar uma visão e uma ação voltadas para um mundo de “rápidas transformações sociais”. Esta expressão, trazida por Shaull e corrente nos tempos de Igreja e Sociedade, não encontrava correspondência na lenta percepção dos acelerados acontecimentos que nos rodeavam, tanto sociais quanto tecnológicos, nacionais e mundiais. Não era apenas o dia a dia das nossas cidades que nos surpreendia com o arbítrio e a violência. As notícias da fabricação da primeira bomba de hidrogênio; o início da corrida espacial com o primeiro satélite artificial russo, seguido um ano depois pelos americanos; a consolidação da hegemonia norte-americana na América Latina também através da ajuda maciça da Aliança para o Progresso — tudo isto se acumulava sobre as nossas cabeças como um destino inexorável que parecia reverter todas as utopias de um continente livre, independente, democrático.

II. SOCIEDADE E IGREJA

Com a abertura política, as instituições e a vida se reestruturam segundo as circunstâncias possíveis. Não foi um processo fácil, nem rápido. Os vícios da ditadura perduraram. Porém, 29 anos depois, volvem as eleições diretas; os direitos humanos são reafirmados; exilados políticos retornam ao país; o espírito de cidadania ocupa todos os espaços possíveis. A realidade social brasileira, no entanto, continua contraditória: um pé na modernidade e outro estagnado no passado. Nova moeda, inflação controlada, mas o desemprego cresce e a distribuição de renda continua entre as mais iníquas do mundo. Enfim, o peso diário de um imenso sofrimento.

Uma simples análise dessa conjuntura de desigualdades nos leva com frequência de volta à pergunta dos anos 50: e a Igreja? Como se relaciona hoje com a sociedade? Hoje, se queremos retomar o quadro histórico daquela década, quando já não temos um projeto mais integrador das denominações evangélicas, devemos humildemente reconhecer que a proposição *Igreja e Sociedade* talvez expressasse uma inversão de termos e de perspectiva. Não se trata de uma sutileza vocabular, mas de um modo de encarar a missão. É a partir da realidade que devemos projetar as ações — e as estruturas e as formas — capazes de dar alguma resposta da igreja à sociedade. Nesse passado não tão distante, como foi dito, partíamos da igreja como ela era, na expectativa de mudar o mundo. Hoje devemos falar de *Sociedade e Igreja*.

Haverá algum sinal de que essa perspectiva seja viável? É verdade, as ONGs, na sua extraordinária variedade temática e composição de agentes sociais, em muitos casos se articulam ecumenicamente e se propõem a tarefas que em muito superam os limitados esforços de programas sujeitos às políticas eclesásticas. É a inoperância oficial que faz prosperar o mundo não governamental

(muitas vezes tentando assumir um modelo empresarial), porém sujeito às contingências econômicas e políticas, de natureza nacional ou internacional, além do próprio enfrentamento à enormidade dos problemas que se avolumam com o aumento da população e da ideologia da globalização.

Volto ao quadro das grandes experiências de fé dentro do círculo eclesástico, para lembrar o conhecido processo de crescimento do protestantismo popular através do movimento pentecostal, algo *fora* das estruturas denominacionais históricas, embora sua expressão carismática tenha penetrado nestas igrejas e na própria igreja católica como expressão de uma nova forma de culto e de vida comunitária. Apesar do proselitismo e extremo divisionismo do movimento pentecostal, sua penetração entre a população mais pobre do país, ao lado do crescimento do fenômeno carismático entre as igrejas históricas, parece indicar a possibilidade de uma dimensão *transdenominacional* e *social* que ultrapassa o âmbito institucional e se *une* em espírito onde quer que seja, sem os limites que tradicionalmente demarcam os territórios teológicos, geográficos, históricos, ou até mesmo de classe social. O *estilo* das formas eclesiais conhecidas — e aí talvez se possa incluir a atual estrutura do movimento ecumênico — parece envelhecido e inoperante face às exigências de uma realidade em constante mutação, sobretudo quando comparado com o dinamismo dessa nova experiência de fé e espiritualidade.

A resposta pentecostal

Foi essa excepcional transformação no quadro religioso e eclesástico brasileiro que trouxe Richard Shaull de volta ao Brasil, depois de seu retorno forçado aos Estados Unidos e proibição de entrar no país durante 20 anos. Sua surpresa com essa mudança radical no cenário protestante já era motivo de espanto de outros segmentos religiosos, tanto das igrejas históricas, incluindo o catolicismo, quanto de cientistas sociais.

Shaull vinha acompanhando os estudos, pesquisas e teses que se multiplicavam no país; e nas suas recentes viagens, a partir de 1993, sugeriu uma nova aproximação na análise do fenômeno pentecostal, na qual predominasse uma perspectiva interdisciplinar. Isto é, a dimensão sociológica de um movimento de natureza religiosa seria mais *compreensiva* (abrangente) na medida em que incluísse a visão do teólogo.

Foi assim que voltei a trabalhar com Richard Shaull, agora num contexto histórico e religioso distinto da década do projeto Igreja e Sociedade, embora semelhante no que se referia à nossa comum preocupação anterior, ou seja, a relação entre fé e realidade social. Se o pentecostalismo antes parecia mais concentrado na sua expansão numérica, agora, além disto, algumas de suas

correntes ocupavam amplos espaços na política, na mídia, no campo editorial, na competição com outras igrejas. A Igreja Universal do Reino de Deus, por exemplo, que inicialmente nem era motivo central da pesquisa que empreendemos, chamou-nos a atenção não apenas pelo espantoso crescimento numérico, mas pelos quatro cultos diários, a insistência em temas cruciais da vida cotidiana, além de sua maior liberalidade quanto a “usos e costumes”. E como em outros grupos pentecostais, a consciência missionária de cada fiel, anunciando as boas novas transformadoras, baseadas no poder do Espírito Santo, da vida de pessoas insatisfeitas com o seu destino ou sua experiência religiosa anterior. Um tipo de igreja – a do dia a dia —, e de fé – comprometida com o outro —, que parte da realidade social — Sociedade e Igreja.

A pesquisa interdisciplinar, uma fascinante experiência acadêmica e espiritual, resultou no livro *Pentecostalismo e futuro das Igrejas Cristãs – Promessas e desafios* (Vozes e Sinodal, 1999, também publicado nos Estados Unidos, Eerdmans Publishing Co., 2000). Shaull é enfático ao escrever: “Foi através do meu envolvimento com os pentecostais no Brasil que percebi alguns dos elementos que podem ser parte de uma nova forma de igreja e de vida cristã emergindo sob orientação do Espírito Santo [...] e estabelecer uma nova agenda para a reflexão teológica, como também uma reformulação de nossas comunidades de fé.” Entre as questões levantadas, está a pergunta tanto sobre o futuro desse movimento quanto o que irá acontecer com as igrejas históricas que se estagnaram no tempo e nos seus templos. E mais: qual o significado de toda essa novidade eclesial para o movimento ecumênico e para a teologia tradicional que preside as velhas instituições da igreja.

Em outras palavras, como ainda assinala Richard Shaull, tudo indica que estamos diante de “uma grande mudança no que entendemos acerca da natureza da salvação. Quaisquer que sejam suas limitações, tal mudança está sendo experimentada e vivida por muitos.” Trata-se de articular e desenvolver “um novo paradigma da salvação”, de reinterpretar a história da redenção como um todo, relacionada com novos sinais pelos quais o Espírito desafia as igrejas para um novo compromisso com a vida e com os deserdados da sociedade.

Waldo Cesar

Sociólogo e jornalista. <waldocesar@uol.com.br>

E

NTREVISTA

DIRIGIR-SE PARA ONDE SE MANIFESTA
A REALIDADE DO ESPÍRITO.
– UM DIÁLOGO COM RICHARD SHAULL –

José Jorge de Carvalho & Rita Segato

Transcrevemos abaixo uma conversa que tivemos com Richard Shaull em Brasília, no Lago Sul, no dia 15 de junho de 2001. Havíamos estado com Shaull em março de 1996, no Centro de Estudos Latino Americanos da Universidade de Flórida. Shaull viajara a Gainesville para acompanhar a visita de uma semana que Leonardo Boff então fazia ao Centro. Participamos os quatro de um debate sobre o Futuro da Espiritualidade na América Latina. Nas conversas em Gainesville, Shaull nos contou longamente de sua relação amorosa e trágica com o Brasil ao longo de quase cinquenta anos. Havia regressado recentemente do nosso país e falava com entusiasmo do seu reencontro com a religiosidade popular de estilo pentecostal, muito particularmente com a Igreja Universal do Reino de Deus, na qual identificava, naquele momento, uma energia livre da domesticação espiritual das igrejas reformadas e de seu racionalismo. Contou-nos também da antiga relação, igualmente extraordinária, que teve com Paulo Freire que, perseguido pelo regime militar, lhe confiou os originais da *Pedagogia do Oprimido*. De fato, foi Shaull que encontrou o primeiro editor para a obra,

publicada originalmente em inglês, nos Estados Unidos. Em Gainesville, Shaull falou sobre a dor causada pela ditadura e a impossibilidade de regressar ao Brasil, os anos de exílio do país do seu coração, sobre o exílio de Paulo Freire, e do seu retorno a um lugar que já não era o mesmo. O seu discurso refletia a mistura de perda e de esperança, de lamento e de entusiasmo daquele momento.

Em junho de 2001, ao preparar sua viagem a Brasília, Dick Shaull pediu a seus amigos para que nos contatassem e, apesar do seu frágil estado de saúde, encontrou tempo para ver-nos nos dois dias que passou na capital brasileira. Na nossa breve e intensa conversa gravada e aqui transcrita, impressiona o seu perfeito domínio da língua portuguesa, expresso numa fala quase inteiramente gramatical, do princípio ao fim. Com lucidez e profundidade, Shaull enfatiza a necessidade de um movimento pendular, da instituição para a vida, do centro para a margem, da racionalização para o espírito, da teologia para a mística, do construído para a reconstrução. Enfim, expressa uma crença irredutível na capacidade de criação e de surgimento do novo no mistério do Espírito.

Seus temas centrais são dois. Em primeiro lugar, a necessidade de buscar no povo a fonte da renovação da fé, porém já não como o fez a Teologia da Libertação uma geração atrás. Esta tentou sentir a dor do povo e transformou-a em categorias teológicas racionais. Agora, trata-se de aproximar-se da sua riqueza de energia espiritual e aprender dela. Em segundo lugar, Shaull afirma e reitera que esse trabalho de busca e apropriação não pode ser feito a partir de ou em benefício das igrejas históricas, seja o catolicismo ou as reformadas. Em todos os casos, tanto nos anos cinquenta como hoje, o povo é, no discurso de Shaull, bússola e âncora no caminho cristão.

Ofertamos este fragmento vivo como uma pequena homenagem à sua memória.

José Jorge – Gostaria que você nos falasse sobre a sua preocupação social.

Richard Shaull – Eu estou convencido de que, hoje, temos que ver onde, em linguagem teológica, o Espírito está se manifestando em novas expressões de vida e de comunidade, e como estão relacionados com as expressões emergentes que temos. Mas não se pode mais identificá-los através de uma estrutura, velha ou nova, disso eu estou convencido. E então, em outros lugares, por exemplo em Costa Rica, na Guatemala, talvez no México, tenho tido contato com grupos que estão se formando com esse tipo de preocupação, mas no Brasil, até o momento, não sei onde...

José Jorge – Preocupação social?

Richard Shaull – Não só a preocupação social, mas também a preocupação por relacionar-se com a realidade espiritual e religiosa do povo, e fazer conexão, um tipo de reflexão que vocês estão fazendo sobre a visão de mundo do povo. Isso já não tem lugar dentro das igrejas históricas.

Rita Segato – Onde se manifesta o Espírito, não é, de alguma forma?

Richard Shaull – Exato. Predomina nos meios das igrejas históricas um tipo de racionalismo que se preocupa mais em definir o que se pode acreditar dentro de certas linhas já definidas racionalmente, em vez de estar buscando como, na visão de mundo do povo, se está manifestando a realidade do Espírito. Isto é o que me motiva [a fazer essas viagens].

Rita Segato – O que é o bem?

Richard Shaull – E se procurássemos definir o bem no sentido do que dá vida e o mal no sentido daquilo que não dá vida, porque a destrói? Para mim, naturalmente, vejo no contexto bíblico, no contexto de Jesus, uma orientação para estabelecer um diálogo com algum ponto de referência. Isto para mim é importante, e nesse sentido também, então, procuramos definir o bem e o mal nessa relação com a vida de Cristo. O que dá vida tem que ser definido não no sentido em que nós, como teólogos da libertação, fizemos há vinte anos. Parece-me que definir o que dá a vida e o que não dá a vida é uma questão agora mais de procurar descobrir uma realidade do poder do espírito na vida do povo e sua capacidade de reconstruir a vida. No México tenho tido várias discussões com pessoas que estão dizendo que realmente o importante é a reconstrução da vida, e isso, pelo menos para mim, parece um ponto de partida. Acho que falar do bem está relacionado, hoje, cada vez mais, com a questão da experiência. Durante muito tempo pensava que o falar estava relacionado mais com a definição, as possibilidades de responder a essa pergunta intelectualmente, dentro de certas categorias racionais. Hoje me parece, isso já não está funcionando como esperávamos e que, em seu lugar, temos experiências e testemunhos dessas experiências em diálogo com algum campo de referência histórica e do legado de uma certa herança cristã. É nesse processo que devemos buscar, hoje, os diversos elementos de diálogo, mais do que em uma definição racional da questão.

José Jorge – Queria voltar à primeira pergunta à qual se referiu, quando falou dos anos cinquenta, e disse que agora não vê mais esse movimento, essa efervescência ou essa conexão no modelo da Teologia da Libertação de vinte anos atrás. O que ocuparia hoje esse lugar?

Richard Shaull – Parece-me que a Teologia da Libertação fez uma contribuição muito importante, no sentido de insistir que teologicamente temos que começar com a situação, e não com uma estrutura racional teológica, ou filosófica. Parece-me muito importante o que a Teologia da Libertação fez no sentido de descobrir na herança cristã que a realidade da transformação da pessoa espiritualmente e da transformação social, estão de tal maneira inter-relacionadas que não podem ser separadas. São essas, pelo menos, duas coisas que me parecem fundamentais. Agora, creio que nunca levamos muito a sério o que estávamos dizendo ao afirmar que nossa reflexão teológica teria que partir de um diálogo com a experiência do povo: isto nunca fizemos. Acredito que foi a partir da leitura da Bíblia que descobrimos a experiência de estar com os pobres e em diálogo com eles – o que abriu novas possibilidades, mas então trabalhamos essas possibilidades intelectualmente, teologicamente etc., não dando continuidade ao diálogo com o povo. E levamos isso a um nível de abstração cujo resultado foi, por um lado, que perdemos o contato com a visão de mundo do povo, assim como também perdemos a possibilidade de recriar nossa própria visão, o que teria sido possível com a manutenção desse diálogo. E para mim é importante, agora, esse diálogo de interação com o pentecostalismo. Me parece que o pentecostalismo mantém aberta a possibilidade de um diálogo com estas dimensões da experiência humana, o que nunca chegamos a tocar.

José Jorge – Mesmo, por exemplo, com a Igreja Universal do Reino de Deus?

Richard Shaull – Eu não diria tanto *a* Igreja Universal, mas muitas pessoas *na* Igreja Universal. Fizemos entrevistas com mais ou menos cinquenta mulheres da Universal, não com os líderes da igreja, e o que encontramos em quase todas foi um testemunho de que sua experiência havia sido de transformação, de reconstrução da vida. Agora, isto me parece que tem importância, mas...

Rita Segato – Mas essa experiência pentecostal, por exemplo como a vivem agora os carismáticos, no catolicismo, ou essas igrejas pentecostais novas: não é muito massificada? Não são os gestos muito codificados, a espiritualidade muito mais uma fórmula?

Richard Shaull – Não há dúvida. Por isso me parece ser tão importante manter um diálogo entre a herança cristã teológica, histórica, e essa experiência no meio pentecostal porque o que há não é somente isto que está dizendo, mas também o fato de que está aparecendo, a meu ver, uma nova maneira de compreender e viver a fé cristã. E o que temos que buscar é se estamos livres para ver essa nova realidade e o que fazemos com ela. Agora, eu não espero que os líderes da Igreja Universal possam fazer isso, e o que mais me preocupa é o

que as igrejas históricas, como a igreja carismática, tendem a fazer; que venham a tomar as expressões externas de uma experiência interna, cujas bases são diferentes das nossas, e importá-las para dentro de igrejas históricas católico-protestantes. Isto seria como dar uma injeção, um pouco de entusiasmo a um corpo meio morto. Então não se trata tanto da questão da pentecostalização da igreja, mas de ver quais são as raízes dessa experiência nova de fé e de vida que pode estar presente no meio de toda essa bagunça. Não sei, posso estar errado, mas é o que penso.

José Jorge – Uma última pergunta: e se fosse como o Evangelho em Solentiname, de Ernesto Cardenal? Naquele momento havia uma sintonia, não?

Richard Shaull – Havia.

José Jorge – Agora não há mais essa sintonia?

Richard Shaull – Penso que não. Bom, uma das coisas que aconteceu: estive numa conferência de professores de teologia na Colômbia, há vários anos, e havia um líder camponês das comunidades de base da Colômbia, uma das pessoas que causou mais impacto nesse encontro, a partir da experiência que tinha como participante na Teologia da Libertação. O resultado é que foi levado a afastar-se do seu próprio povo, e da sua própria experiência, e chegando a uma situação na qual não era nem um nem outro, os padres não aceitavam a maneira como ele participava, e a base do povo não o aceitava porque se havia afastado deles academicamente, intelectualmente, na linguagem e na maneira de pensar. E isso para mim é parte do problema. Não sei, tudo isso me interessa muito.

José Jorge – Ver se a juventude pode reconectar, não é?

Richard Shaull – Infelizmente não tenho muitas pessoas no meio presbiteriano com quem possa travar esse tipo de diálogo.

José Jorge – Eles são muito conservadores, não é?

Rita Segato – Nos Estados Unidos também?

Richard Shaull – Bem, nos Estados Unidos é interessante que talvez as melhores discussões que tenho tido sobre isso foram com dois teólogos pentecostais. Um deles é uma mulher norte-americana, que está no seminário de uma igreja pentecostal de segunda importância mundialmente, a Igreja de Deus. Ela escreveu sua tese de doutorado sobre Paulo Freire, tomando sua pedagogia como base

para o que chama de um novo processo de formação pentecostal. Estamos até tratando de escrever juntos algumas coisas. O outro é um peruano, Bernardo Campos, que já tem escrito algumas coisas. Passamos uma semana no México, num diálogo frente a estudantes de dois seminários, uma semana discutindo essas coisas. A idéia original era a de que eu apresentasse a perspectiva reformada e ele a pentecostal, tomando cinco pontos diferentes. Logo depois da primeira sessão olhamos um para o outro e dissemos: não é isso o que estamos fazendo. O que estamos fazendo é enfrentar quatro ou cinco problemas importantes, cada um a partir da própria experiência e da sua relação com os outros problemas; e, onde estamos e em que ponto podemos e temos que definir o próximo passo. Para mim foi uma experiência fascinante, porque se tratava de enfrentar e abrir novas perspectivas. Mas eu estou muito cansado e não posso pensar direito...

José Jorge – Está ótimo, Shaull, muito obrigado.

Richard Shaull – Muito bem, temos tempo para continuar em outra ocasião.

José Jorge de Carvalho & Rita Segato

Antropólogos. Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília.
Coordenação do Projeto Movimentos Religiosos no Mundo Contemporâneo.
PRONEX/CNPq

DOSSIÊ RICHARD SHAULL

Richard Shaull, além de excelente preletor, professor e pregador, era também um incansável escritor. Sua bibliografia — livros, artigos, entrevistas — é imensa, boa parte traduzida do inglês para outros idiomas. Ao apresentarmos três trabalhos de sua autoria, queremos ressaltar dois momentos do seu pensamento teológico e social, distantes cerca de 40 anos um do outro. Nos dois primeiros, da década de 60, Shaull analisa historicamente a situação revolucionária russa, através da visão de outro teólogo, Nicolau Berdiaev, como ele, preocupado em definir o papel da igreja na realidade social de seu país. O segundo artigo, na mesma linha, tem como alvo a América Latina e as tentativas de mudança no quadro social e político, assim como o lugar da igreja naquele processo. Ambos os artigos foram publicados na revista *Paz e Terra*, uma novidade ecumênica para a época, afinal perseguida e fechada pela repressão militar, da qual Shaull era correspondente nos Estados Unidos.

O terceiro trabalho foi produzido no final do ano 2001, quando Shaull deu um curso, o último de sua vida, na abertura de uma nova fase da Faculdade de Teologia da Igreja Presbiteriana Unida, em Vitória, que agora é designada com o seu nome. A aula inaugural que então pronunciou, mostra a coerência de seu pensamento social e teológico e os desafios sempre presentes na sua vida e nos seus escritos.

NICOLAU BERDIAEV:
PERSPECTIVA CRISTÃ DA REVOLUÇÃO SOCIAL
(Publicado na revista *Paz e Terra*, nº 1, julho 1966)

O encontro dos cristão com o comunismo tem sido objeto de grande número de estudos, aparecidos em diversos lugares do mundo nos últimos anos. Entretanto, o problema específico de uma perspectiva cristã da revolução, surpreendentemente, tem recebido muito pouca atenção. Qualquer exame deste tópico dentro do mundo comunista conta com severas restrições; no Ocidente, as condições que produziram uma primeira geração de revolucionários deixou de existir, ao mesmo tempo que a nova situação revolucionária ainda não foi claramente percebida ou é tratada com atitude negativa de protesto ou repúdio. Somente nos países em desenvolvimento, e, especialmente na América Latina, a revolução parece haver chegado a ser, mais um a vez, uma questão inevitável. Com efeito, pode ser a vocação na América Latina, neste momento da história, não só viver a revolução, de maneira decisiva para o resto do mundo. É uma tarefa, antes de tudo complexa; exige dos cristão, que pelo menos se voltem para os que em outras partes do mundo e em outras gerações viveram situações semelhantes e chegaram a pensar profundamente no problema.

Ao embarcar em uma investigação desta natureza, um homem que deve concitar nossa atenção é Nicolau Berdiaev, o conhecido filósofo e teólogo ortodoxo russo. Podemos afirmar, sem vacilação, que nenhum outro pensador cristão de nosso tempo viveu tão completa e intensamente a experiência da revolução. Não só compreendeu sua importância e fez dela o fato central de seu pensamento através de sua vida, mesmo quando se encontrava fora da Rússia, no exílio, como também reconheceu que só podia ser entendida pelas pessoas "que haviam aceito a revolução em sua experiência interior, que viveram e sofreram nela, e se elevaram acima de seu conflito diário". (*Origem do Comunismo Russo*, pag. 129.)

Berdiaev pertencia à aristocracia russa, a classe dominante de uma sociedade feudal e tradicional. Nos seus primeiros anos um profundo sentimento de justiça e compaixão o transformou em um "nobre arrependido e golpeado em sua consciência", e isto o levou a romper com essa sociedade. A este fato juntou-se um espírito de revolta contra toda a ordem estabelecida que experimentava desde sua infância.

"A rebelião marcou não só uma fase do meu desenvolvimento intelectual mas uma qualidade inata de meu pensamento e de minha vida... Sempre me simpatizei com todos os grandes rebeldes registrados no anais da história; com a revolta de Lutero conta a

tiranía eclesiástica, e a do Iluminismo contra a autoridade; com a rebelião rousseauiana da natureza contra a civilização, e a rebelião da Revolução Francesa contra a opressão; com a revolta do Idealismo contra o poder do objetivo, e a revolta de Marx contra o capitalismo; com a rebelião de Belinsky contra o espírito e a harmonia universais de Hegel, e com a revolta anarquista de Bakunin; com a rebelião de Leon Tolstoi contra a história e a civilização, e com a revolta de Ibsen contra a sociedade”(*Sonho e Realidade*, pág. 55.)

Aqui vemos como Berdiaev chegou à conclusão de que o fracasso último da revolução russa consistia em sua idolatria. Os revolucionários russos não podiam crer em Deus, embora fossem profundamente religiosos, e trasladaram sua psicologia e motivos religiosos a uma nova esfera, criando assim “uma forma peculiar de idolatria social”. A revolução e a nova sociedade adquiriram, finalmente, significativo religioso. Segundo expressou Berdiaev: “Deus deve ser negado para que o Reino de Deus venha sobre a terra” (*A Revolução Russa*, pág. 26.) Esta paixão para estabelecer o “Reino de Deus” se adapta muito bem ao caráter totalitário do sistema marxista para criar um estado que pode chegar a ser absoluto, que exige total lealdade, mas que ao se converter nisso se fecha a muitos elementos da realidade e desumaniza o homem.

Não é surpreendente que Berdiaev seja o primeiro pensador cristão que chegou a entender claramente a natureza religiosa do Comunismo e o que isto chegou a significar para o desenvolvimento da Rússia. “O povo russo está passando de um período medieval a outro, após experimentar o renascimento somente em sua reduzida classe superior” (*A Revolução Russa*, pág. 39.)

Ao analisar o fracasso da revolução russa desta maneira Berdiaev não se viu forçado a converter-se em um reacionário tal como aconteceu com tantos outros ex-comunistas. Manteve até o fim sua fé no socialismo como o único sistema que oferecia uma saída para uma ordem econômica mais justa e mais humana. A contribuição marxista a este propósito pode ser feita na medida em que a análise e as soluções econômicas de Marx mantiveram sua independência dos acontecimentos particulares na Rússia e da estrutura metafísica dos sistemas marxista. Ele previu que em alguns países o comunismo “podia chegar a ser um fenômeno inteiramente diferente apesar de teorias marxistas similares”, e que eventualmente poderia ser menos integrado, não fazer uma exigência tão absoluta para tomar o lugar da religião, e chegar a ser mais secular. (*Origem do Comunismo russo*, pág. 187-188.)

“A tirania e crueldade do governo soviético não têm conexão necessária com o sistema sócio-econômico do comunismo. É possível

conceber o comunismo na vida econômica unido com o humanismo e a liberdade. Isto poderia supor outro espírito e uma ideologia diferente" (Ibid. pág. 143.)

Entretanto, Berdiaev estava convencido de que este novo espírito e esta nova ideologia só poderia surgir de um encontro com o cristianismo, porque só ali podem se encontrados ser encontrados os recursos para refazer o homem e a sociedade. Encerra seu estudo do comunismo russo com estas palavras: "Isto só pode ser feito por um cristianismo rejuvenescido que seja fiel a seu espírito profético e que se volte para o Reino de Deus (Ibid, pág. 188.) Ao terminar nosso estudo devemos examinar o que há atrás desta afirmação.

Mencionamos antes que Berdiaev passou por uma evolução do marxismo para o cristianismo, apesar do que descobriu na atitude da igreja, porque se encontrava buscando um fundamento para a fé no homem no mundo. O destino do homem no mundo moderno foi uma preocupação central através de toda sua vida. Não podia estar satisfeito com o marxismo, porque chegou à conclusão de que "todos os movimentos ideológicos, todas as associações de pessoas na perseguição de ideais sabe-se que usurpam e traem a liberdade, independência e espírito criador do homem".(*Sonho e Realidade*, pág. 51.) Toda a história é um processo de objetivação, no qual a sociedade tende a aniquilar a personalidade humana.

Berdiaev viu que este processo de desumanização alcançava um clímax na sociedade burguesa capitalista, e viu o socialismo como o instrumento mediante o qual isto poderia ser destruído, abrindo-se nova possibilidade para o homem moderno. Porém logo chegou à conclusão de que a revolução não poderia alcançar seus objetivos porque não poderia ir mais além de um processo semelhante de desumanização. Somente poderia oferecer um coletivismo socialista que chegaria também a escravizar e destruir a personalidade. Sua doutrina do homem descansava sobre um só plano, não possuía nenhuma dimensão de profundidade. Chamaria ao homem para servir a um ídolo, mas um ídolo escraviza o homem em lugar de libertá-lo para o desenvolvimento e a ação criadora.

Somente a fé cristã oferece a possibilidade de ir mais longe: "Esta é a única defesa da dignidade, criação e liberdade humana, a única defesa da humanidade do homem. Só o Cristianismo pode criar uma sociedade com interioridade; tudo que os movimentos sociais produzem é externo" (*O destino do homem no mundo moderno*, pág. 115.) Isto ocorre porque ele entende que o Deus-Homem. O Deus da fé cristã não é um objeto impessoal mas o "Deus de Abraão, Isaac e Jacó", que chegou a ser homem e chama o homem para viver em relação com ele. Desse modo o Cristianismo difere de outras religiões, em que não só crê em Deus, mas também no homem. A personalidade transcende o mundo natural; representa uma ruptura ou salto em relação a ele. A fim de

permanecer fiel a si mesmo, o homem se encontra sempre aspirante ao transcendente. É incansável quanto às restrições que lhe impõem seu meio ambiente ou qualquer estrutura da sociedade. Nesta relação descobre a profundidade de sua própria humanidade, encontra o sentido de tudo, e é sustentado pela graça que o liberta do Eu e de tudo que possa limitar sua vida. É deixado livre para atuar em obediência ao chamado do que está mais além. É neste contexto que a criação humana é possível. Por esta razão é que Berdiaev dá ênfase tão grande na liberdade, não em termos de nosso individualismo ocidental, mas como impressão de nossa existência pessoal básica e a fonte da ação criadora.

Nisto descansa a única esperança final para a humanização da vida do homem na sociedade: "O homem é chamado a atuar no meio da sociedade; mas pode manifestar sua atividade, dominar seu meio ambiente social, controlar suas relações sociais e fazer com que estas sirvam a fins espirituais, somente se sua atividade não é uma cega obediência aos imperativos desse mesmo meio ambiente, e essas relações sociais, mas uma resposta ao chamado de um poder mais profundo, interior e espiritual" (*O Espírito Burguês*, pág. 130)

Este mais além, não é só um chamado ao homem. É a realidade do Reino que irrompe na vida humana e torna possível, para o homem que vive dentro das ordens da sociedade, transcendê-las e ao mesmo tempo rebelar-se contra elas. Além disso, o Reino representa a realidade do juízo de Deus que rompe o poder destas estruturas, abrindo-as para o futuro e criando novas oportunidades dentro da história para a culminação da vida humana. Esta é a revolução real na qual Deus se encontra envolvido no mundo.

A partir daqui se deduz que o Cristianismo é sempre revolucionário. Em qualquer ordem social, particular, a preocupação é a transformação radical do homem, da sociedade e do mundo. O cristão não tem confiança cega no progresso constante e inevitável, mas confia no poder transformador do Reino que sempre está julgando e renovando a ordem temporal, e "é chamado a compreender a verdade de Cristo na companhia do mesmo Cristo, seu salvador" (*Ibid*, pág. 130.) Por isso o cristão vive sempre escatologicamente, e esta escatologia é, para Berdiaev, a única base para u autêntico espírito revolucionário. Em vez de um convite para escapar do mundo, é um chamado para transfigurar este mundo demoníaco e atribulado. Em uma perspectiva escatológica, o cristianismo necessariamente deve ser valente, dinâmico e criador.

Um dos fatos mais surpreendentes de Berdiaev, é que manteve e aprofundou esta afirmação de fé cristã em uma situação em que a igreja, tal como ele a conheceu, representava quase uma negação dessa fé. Na revolução comunista ele viu um juízo sobre o cristianismo e a crise que este devia enfrentar, e pela qual era chamado a denunciar todas as tentativas de encontrar segurança no passado e avançar em direção ao futuro. Lutou, através de toda

sua vida para que se produzisse 'esta mudança tanto dentro da igreja russa ortodoxa, como entre os ortodoxos de França e no movimento cristão de estudantes entre os emigrados, embora, na maioria dos casos, com quase nenhum resultado. E, entretanto, sua confiança na fé cristã como a única fonte para a renovação final da vida humana era tão firme, e sua convicção na ação apocalíptica de Deus no mundo era tão profunda, que se sentiu livre para lutar constantemente em prol desse objetivo e viver dessa esperança.

O NOVO ESPÍRITO REVOLUCIONÁRIO DA AMÉRICA LATINA

(Publicado na revista *Paz e Terra*, n. 4, agosto, 1969)

Tem havido na América Latina número insólito de grandes revolucionários. A primeira revolução social dos tempos modernos não se deu na Rússia, mas sim no México em 1910; e desde então, freqüentes têm sido os movimentos revolucionários no continente sul. No entanto, agora sucede algo novo. Pela primeira vez o espírito revolucionário se difundiu através de quase toda a América Latina; conquistou grande número de camponeses e operários, bem como estudantes e jovens. Para eles esta tendência revolucionária significou mudança radical de perspectiva, nova esperança para o futuro e compromisso total de vida. Em outros gerou temor. A aspiração revolucionária – e a reação contra ela – alargaram o abismo já existente entre velhos e jovens, direita e esquerda, Estados Unidos e América Latina. Ninguém poderá dizer quais serão as últimas conseqüências, mas não há dúvida que serão de grande alcance. Nosso propósito neste artigo é apresentar certas informações básicas que possam vir a ser úteis aos norte-americanos que desejam entender este fenômeno e pensar no que deles se pode exigir.

A causa principal destes movimentos tem sido sempre as grandes injustiças e desigualdades da sociedade latino-americana, tão fortemente resguardadas que pouca possibilidade houve de mudança fácil ou gradual. É natural que em situação deste tipo o desenvolvimento econômico e as rápidas transformações sociais leve a difundir o entusiasmo pela revolução. Mas creio que há dois fatores especiais que contribuem para intensificar tal estado de ânimo no momento presente. O primeiro é a descoberta de que o desenvolvimento econômico não melhora necessariamente a sorte das massas nem cria uma sociedade mais justa. Não é fácil para nós entender em que isto implica. As transformações estruturais que tiveram lugar em nossa própria sociedade, especialmente na época de Roosevelt, tornaram possível, para nós, identificar o crescimento econômico com a melhoria do bem-estar geral e nos levaram a dar por assente que o mais importante na Ásia, África e América Latina é a rapidez do desenvolvimento econômico. Em alguns casos nossas esperanças se viram confirmadas e o desenvolvimento industrial melhorou a sorte das massas e robusteceu as forças que estavam atuando em prol de uma mudança gradual. Na América Latina deu-se algo totalmente diferente. Ali existira durante séculos uma ordem semifeudal de privilégios. Em conseqüência, um número muito reduzido de famílias tem enormes riquezas e um poder econômico e político quase completo. As massas, por seu lado, vivem na mais abjeta pobreza e, praticamente, não têm participação na vida nacional. O desenvolvimento econômico recente não transformou as estruturas básicas desta

sociedade. Como declarou há pouco tempo, Celso Furtado, “este processo enriqueceu subitamente a um pequeno número de pessoas: modificou muito pouco a sorte de três quartas partes da população. Na realidade, os camponeses e os operários industriais estão em pior situação agora do que antes, em relação às demais classes da sociedade.”

Este mesmo processo de desenvolvimento econômico, no entanto, estremeceu os fundamentos da antiga ordem. A indústria trouxe grande número de camponeses para as enormes cidades, onde chegaram a sentir-se em insegurança quase total, mas onde, por outro lado, aprenderam a aspirar a melhor situação econômica e a certo grau de participação na vida da comunidade e da nação. Operários e camponeses não só estão conscientes de que estão sendo injustiçados como também, se dão conta de que podem e devem fazer algo para remediar isto. Para eles, e para muitos membros mais jovens das classes privilegiadas, o próximo passo indispensável em direção a uma sociedade nova e melhor consiste na mudança radical das estruturas desta sociedade, “as reformas de base”, para usar termo ora corrente no Brasil. Isto significa reforma agrária, sistema tributário baseado nas possibilidades do contribuinte, nova política fiscal do governo e dos bancos visando a auxiliar o pequeno proprietário e o homem comum, controle da especulação com a terra e dos bens de raiz, reforma das instituições políticas, novas oportunidades de educação para as massas, reforma universitária etc. Como estas transformações fundamentais ainda não ocorreram em grau significativo, nem se pode esperar que as classes dirigentes atuem com a devida rapidez para provocá-los, o ânimo revolucionário cresce, as pressões em favor da mudança se tornam mais fortes e surge grande quantidade de movimentos que buscam estas mudanças. Em alguns países o sentimento revolucionário está latente, em outros se expande gradualmente. No Brasil chegou a empolgar vasto número de pessoas, especialmente nos setores do país em que os problemas são mais agudos.

Camponeses e operários industriais em condições piores que no passado

O segundo fator é a crescente autoconsciência nacional. Na América Latina, bem como na Ásia e na África, o nacionalismo tornou-se uma das forças mais importantes e potencialmente criadoras no desenvolvimento nacional. Representa um ideal que inspira grandes esforços em prol de uma causa comum, e une as pessoas em uma comunidade que transcende os grupos regionais econômicos e raciais. Não importa quais sejam os perigos latentes em todo nacionalismo, mas não devemos subestimar este fato. Como declarou uma notícia européia recente: “Este nacionalismo recorda com freqüência os rasgos construtivos de patriotismo pioneiro com que se edificou o continente americano.”

O novo nacionalismo exige mudanças nas relações com os Estados Unidos

Na América Latina, o nacionalismo exerce papel ainda mais importante no presente momento, pois permitiu que pessoas que tradicionalmente olhava para outros continentes, tomando-os como modelo, descobrissem uma existência autêntica vinculada à própria herança cultural e às condições de vida do lugar em que se encontram.

Como bem o descreveu o professor Maurício López:

“Nosso continente se formou por um processo de sedimentação; vivemos pedindo emprestado, usando muito pouco do que era genuinamente nosso. O pêndulo de nossa cultura oscilou de um lado para o outro entre as vertentes indígenas e a escala de valores europeus. Surgimos da união de uma civilização indígena petrificada com um hispanicismo decadente. Posteriormente, chegou a versão francesa do liberalismo, que alimentou a mentalidade de nossas minorias seletas, mas nunca chegou realmente ao povo. Caminhamos agora em busca de um humanismo que possa aproveitar as velhas e as novas forças, um humanismo que, sujeitando razão e sentimento a sua disciplina, converta a fusão de sangue que existe já nós em uma fusão de almas”.

Este novo espírito veio a constituir a dinâmica e a orientação de novas e brilhantes formas de arte, música e literatura, e também ser a causa do interesse pela realidade brasileira (realidade nacional em geral), isto é, pela situação concreta social, econômica e política em cujo contexto devem aparecer as soluções adequadas.

Este novo nacionalismo, tal como acontece na Ásia e África, é também marcadamente anticolonialista, e os Estados Unidos são vistos como o poder colonial. A reação contra o nosso avassalante poder econômico e político na América Latina está se difundindo cada vez mais e, já chegou a definir-se claramente. Egbert de Vries, em *El hombre en los rápidos cambios sociales*, descreve a atitude dos asiáticos e africanos, com relação a este ponto, em termos muito semelhantes aos que encontramos atualmente na América Latina:

“Abusando de sua superioridade militar e pressionados pela cobiça de seus industriais em busca de matéria-prima a baixo custo e mercados para sua produção em massa, os governos europeus arrastaram os povos independentes da Ásia e da África para sua própria órbita, explorando-os economicamente, frustrando seu crescimento

econômico natural e sua vida nacional, negando-lhes o direito natural à autodeterminação, atacando sua cultura e expondo-os aos males da chamada civilização ocidental". (pág. 28)

O professor de Vries acrescenta que esta descrição, bem como a atitude comum em relação ao colonialismo mantida no Ocidente, corresponde à realidade. Nós, como norte-americanos, nos recusamos a ser incluídos nesta classe, mas dificilmente entenderemos o que está acontecendo na América do Sul até que nos demos conta de que este tipo de atitude em relação a nós é muito comum. O novo nacionalismo exige mudança radical nas relações entre os Estados Unidos e estes países e isto constitui um dos ingredientes do espírito revolucionário.

O anseio revolucionário chegou a ser fator tão decisivo atualmente na América Latina por ter vindo acompanhado de profundo sentido de compromisso com a ação capaz de modificar as estruturas de sociedade tão rapidamente quanto possível. Isto representa mudança quase total na atitude dos camponeses e operários industriais. Durante séculos estes homens foram fatalistas. Sua situação era desesperadora, mas nada podiam fazer para mudá-la. Agora estão convencidos de que podem organizar-se e revirar sua sorte, e assim devem fazê-lo porque ninguém mais o fará por eles. Quanto mais desesperadora for sua situação, mais alto o preço que terão de pagar para mudá-la, se não eles próprios, pelo menos seus filhos. Assim camponeses, que até bem pouco tempo estavam dispostos a qualquer sacrifício para enviar um de seus filhos à escola, podem agora decidir que sua esperança está em vincular-se a uma liga camponesa; uma nova consciência política está brotando nas cidades e nas campinas, e, não apenas no Brasil, mas em outras partes da América Latina, estão surgindo organizações para expressar esta manifesta vontade de ação.

Entre os estudantes e a juventude das classes mais privilegiadas, este compromisso com a revolução é ainda mais forte. Em uma sociedade em que o ideal burguês do profissional, como indivíduo interessado sobretudo em seu progresso pessoal na ordem econômica e profissional, teve tão grande aceitação, o sentimento ora em voga se torna quase incompreensível. Um número cada vez maior destes jovens acha impossível ignorar os sofrimentos das massas e a injustiça presente na ordem social que conhecem. O humanismo tradicional da alma ibérica se expressa agora por uma preocupação com a humanização que conquistou a imaginação da geração mais jovem. A isto se juntou a convicção de que a vida e o trabalho só podem ter significação quando se relacionam com a luta das massas. Assim declarou Oscar Niemeyer, o arquiteto de Brasília: "O povo do Brasil se encontra em má situação... A tarefa principal para qualquer brasileiro é estar ao lado deste povo". Muitos estudantes das classes menos privilegiadas chegaram à conclusão de que não têm direito de seguir em frente a menos que

identifiquem seu destino pessoal com o de sua família e de sua classe. Em termos práticos, isso conduz a uma identificação – tanto no desenvolvimento cultural quanto na ação política – dos estudantes e intelectuais com os camponeses e operários industriais que poderia tornar-se realmente uma das forças mais poderosas e criadoras na expansão futura da América Latina. Isso já aconteceu no passado em alguns casos isolados, como o movimento Apra em seus primeiros anos.

Este compromisso tem seus perigos. Um entusiasmo dessa natureza pode facilmente conduzir a posições extremadas, especialmente quando os que tendem para a revolução perderam a confiança nos grupos da sociedade que podem ajudar a manter uma atitude mais equilibrada. Estes movimentos podem ser atraídos por uma ideologia ou um poder exterior. Podem ficar assim tão afastados da realidade que se tornem ineficazes para encarar os problemas que se propõem solucionar. As forças que buscam preservar as estruturas presentes podem se dar conta deste idealismo e quebrar seu poder. Mas, no momento, a nova tendência revolucionária representa uma força pejada de grandes possibilidades tanto para construir uma nova sociedade quanto para dar origem ao conflito e posterior desintegração.

A presença cristã na revolução

No Brasil, pelo menos, muitos católicos e protestantes tomaram consciência de seu relativo afastamento do povo e da vida nacional. Depois de um primeiro período em que o catolicismo foi quase a religião popular, a hierarquia conseguiu controlar e disciplinar a igreja. E nesse processo se distanciou das principais correntes da vida nacional. Quando o protestantismo chegou ao Brasil, há pouco mais de um século, sua mensagem e ação se mostraram surpreendentemente pertinentes à situação dessa época. No entanto, gradualmente desenvolvendo modalidades e formas de um grupo minoritário, pôs-se à margem da luta humana que se estava travando no Brasil. Agora, protestantes e católicos descobriram de repente que, ao participar da luta revolucionária, encontram-se na corrente principal da vida nacional, em estreita relação com o povo no ponto de seus mais profundos interesses. A propriedade do Evangelho e a oportunidade de testemunhá-lo é agora um fato evidente e não o objeto de penosas buscas. Assim, a participação nos novos movimentos levou muitos cristãos à consciência de sua alienação e, ao mesmo tempo, a uma excitante oportunidade para o testemunho e o trabalho cristãos. Entre os católicos isto se expressa em movimentos leigos de ação católica que em muitos lugares tomaram posição firme para a esquerda e estão profundamente envolvidos na luta, juntamente com outros grupos que têm os mesmos objetivos. A participação protes-

tante não se estruturou tão claramente. No entanto, é evidente que um crescente número de pastores e leigos, de camponeses, operários e estudantes, dos pentecostais aos presbiterianos, chegaram ao aludido descobrimento, estão levantando o assunto na igreja local, em conferências de jovens e em institutos de pastores e estão se fazendo presentes, de um modo ou de outro, nos movimentos revolucionários. Um pequeno grupo de estudantes universitários de várias denominações protestantes declararam o que isto significa para eles em uma declaração preparada durante a semana santa de 1962:

“Reconhecemos que, até bem pouco tempo atrás, éramos apenas observadores de outros grupos que, conscientes de sua responsabilidade, estavam participando da luta revolucionária que chegou a ser intensa no Nordeste.”

“Agora, porém, diante desse processo revolucionário e sua importância vital para a afirmação da auto-realização histórica do povo brasileiro, e tendo em vista a imediata necessidade de reformar as estruturas de uma sociedade que revela os terríveis sintomas e males do Nordeste – fome, enfermidade, morte – nós, cristãos postos por Deus neste lugar do Brasil... reconhecemos que devemos escolher entre dois caminhos: ou participar ativamente do processo revolucionário, e assim estar ao lado do “homem brasileiro”, especialmente o homem do Nordeste, ou, por nossa omissão, por nosso individualismo e oportunismo, trair a revolução e a pátria, colocarnos ao lado dos grupos dominantes e opressores, manter o *status quo* e tornar-nos responsáveis, desse modo, pela fome e pela morte. Escolhemos o primeiro caminho porque somos cristãos. Nossa escolha é definitiva e envolve a totalidade de nossa vida... Nossa decisão não se baseia em princípios ideológicos ou *slogans*, mas em fatos e em problemas humanos, que são de interesse do próprio Deus – Pai, Filho e Espírito Santo – a quem nós vemos como Senhor do mundo, e no encontro com as realidades e problemas que se nos revelam no estudo sério e profundo da Bíblia”.

A seriedade da preocupação que se reflete nesta declaração, assim como a comoção de muitos católicos e protestantes, não resulta apenas de seu natural entusiasmo pela revolução, mas também de sua descoberta do significado e pertinência da fé cristã a esta situação. Perceberam que as questões levantadas no âmago desta luta são as mesmas que surgiram com a vinda de Cristo ao mundo e que sua participação nesta luta é um diálogo com os outros em torno do Evangelho. Surpreenderam-se ao descobrir as oportunidades de contato com

os marxistas e a intensidade das discussões que se entabulam constantemente com eles. Também encontraram muita gente que, embora tendo chegado à conclusão de que deve participar da revolução, se encontra desorientada. Não querem aceitar o marxismo, mas não conhecem nenhuma outra alternativa. Muitos deles não só estão abertos à fé cristã, como ansiosos por ouvir algo sobre ela. Esta espécie de oportunidade para dar um testemunho cristão se apresenta muito raramente. Os que se encontram nessa situação só podem aceitá-la com gratidão e confiar em que acharão recursos para enfrentá-la.

(Tradução de Maria Helena Kühner)

AULA INAUGURAL

Vitória, 01/12/2001

Fiquei profundamente comovido ao receber o convite para dar esta aula inaugural no momento em que se amplia e se reestrutura o Seminário da Igreja Presbiteriana Unida. Para mim, este evento tem um significado muito especial. No ano de 1959, fui convidado pelo Reverendo Joaquim Beato para colaborar com ele na organização do Seminário do Centenário, que naquele momento representava a concretização de nossa visão de um novo modelo de educação teológica para esta região. E como início do trabalho, o Reverendo Beato me honrou como o convite para dar a aula inaugural. Agora, quarenta anos depois, tenho o gozo de estar novamente nesta mesma região do Brasil, participando do esforço de recriar a educação teológica do presbiterianismo brasileiro. A Deus seja dada a glória.

Muita coisa aconteceu na evolução da educação teológica na América Latina, desde 1959 até hoje. Para surpresa de muitos, teólogos católicos e protestantes têm colaborado na produção de uma teologia autenticamente latino-americana. A Teologia de Libertação se desenvolveu até o ponto, se queremos ser fiéis ao Evangelho, de tomá-la como nosso ponto de partida. Pois a Teologia de Libertação representa uma mudança radical em nosso conceito e experiência de Deus, na redescoberta do “Jesus histórico” entre os pobres da Palestina e da América Latina, e numa nova maneira de ser Igreja – não tanto como instituição, porém mais como comunidade de discípulos.

E talvez, ainda maior importância para nós e para o futuro de nossa teologia, seja a afirmação da Teologia da Libertação de que toda a reflexão teológica deve **sempre começar dentro da situação em que nos encontramos**. A originalidade e riqueza do que esses teólogos têm produzido nas últimas três décadas deve-se a essa revolução. Ao mesmo tempo, convém lembrar que tal afirmação, que pode parecer muito radical, tem uma longa história. Para citar apenas um exemplo, podemos rememorar o teólogo mais destacado do século vinte, Karl Barth, autor de uma teologia sistemática sem paralelo desde o tempo da Reforma até os nossos dias. Disse ele, categoricamente, que devemos fazer teologia com a Bíblia numa das mãos e o jornal na outra. O único problema era que Barth e seus colegas europeus que isto afirmavam, nunca assim procederam. Coube aos teólogos da América Latina tornar em realidade essa visão de Barth e essa mudança no método de reflexão teológica como base para a nossa própria teologia. Um seminário novo tem a liberdade – e eu diria, a responsabilidade – de dedicar-se à tarefa da reflexão teológica a partir dessa perspectiva. E ao cumpri-la, estará dando uma importante contribuição para o futuro das igrejas evangélicas no Brasil.

Estou convencido, porém, de que uma iniciativa de tal monta não pode parar neste ponto. Uma teologia que elabora sua reflexão no contexto da situação concreta do povo pobre de hoje, deve reconhecer que nos últimos anos a **situação passou por mudanças fundamentais**. Sendo este o caso, nossa primeira responsabilidade num novo centro de educação teológica, deve voltar-se para o pleno envolvimento numa outra realidade social e, através de um novo diálogo com nossa herança de fé reformada, esforçar-se para **recrutar essa teologia** – e assim estar de posse de uma mensagem de boas novas para o nosso povo. Em outras palavras, creio que uma nova geração tem a responsabilidade de seguir mais ou menos o mesmo processo de recriação teológica da primeira geração dos teólogos da libertação.

O que mudou?

Um significativo número de teólogos, pastores, mulheres e homens leigos da minha geração, viram com alarmante clareza a opressão e o sofrimento das massas de seres humanos, de mulheres e crianças submetidos a um sistema econômico e político que lhes nega quase tudo que consideramos necessário para uma vida humana integral. Esses teólogos, pastores e leigos sentiram-se compelidos a se relacionar com essas vítimas, lendo a Bíblia com elas a partir da situação em que viviam, ajudando-as a se engajar na análise desse sistema de opressão; e motivando-as no compromisso de lutas políticas que promovam a mudança desse quadro doloroso. Nossa teologia evoluiu como resposta de fé para aquela situação. E todos quantos participaram dessa revolução teológica – e freqüentemente pagaram um alto preço por isto – continuam a refletir teologicamente nessa mesma direção.

Cedo ou tarde, no entanto, nos apercebemos que mudou a situação na qual emergiu essa teologia – e a mudança foi profunda. Como consequência da presente ordem econômica global, e do seu inevitável processo de desintegração social, transtorna-se o destino de um imenso número de pessoas, forçadas a abandonar suas terras e a concentrar-se na periferia das cidades, provocando ainda mais o seu desordenado e rápido crescimento. São vidas que não raramente chegam ao desespero, ao abandono; tornam-se vítimas da violência e da brutalidade, muitos à mercê de forças demoníacas sobre as quais não têm nenhum controle. E consomem suas energias numa pesada luta diária pela sobrevivência. No meio de tudo isto, aos poucos chegam à conclusão de que nenhuma ideologia ou movimento político lhes oferece base para alguma esperança. Perante a fome, a doença, a violência, sua única esperança é encontrar um poder que transcenda a sua realidade, a fim de reorganizar e recriar suas vidas e comunidades despedaçadas. No seu desespero, um número cada vez maior de

pessoas está se voltando para movimentos religiosos populares, um último recurso para muitas delas.

Waldo Cesar e eu sentimo-nos compelidos a formular tal conclusão como resultado de nossos estudos sobre o pentecostalismo, iniciados há cinco anos. Desde então, onde quer que esteja, tenho enfatizado e reiterado essa leitura da situação. E lamento dizer que as decisões tomadas nos Estados Unidos a partir dos eventos de 11 de setembro em Nova York me convencem de que apenas podemos esperar por coisas piores. Num estado de guerra, os recursos econômicos são mais e mais dirigidos aos esforços de guerra, em prejuízo das necessidades humanas e sociais. As tentativas para estabelecer controle sobre o processo econômico global têm sido indefinidamente frustradas. E se a evidente fraqueza na economia global, e em particular dos Estados Unidos, anterior ao 11 de setembro, está sendo intensificada pelos acontecimentos recentes, os efeitos serão sentidos primeiramente pelo povo pobre e marginalizado do mundo.

A multidão – um novo sujeito histórico?

Numa situação de tal natureza, porém, alguma coisa está acontecendo – e pode assegurar grandes promessas para o futuro. Dessa multidão de desesperados, um povo partido e desarraigado, compelido a lutar pela sobrevivência diária, pode estar emergindo *um novo sujeito histórico*, capaz de se tornar numa formidável força para mudanças – e precisamente dentro das condições presentes. Pode ser que a maioria desse povo marginalizado, sempre acostumado a pensar em mudanças sociais como produto de movimentos políticos organizados, não consiga perceber que o próprio processo que produz a desintegração social pode também ser instrumento para libertá-lo e motivá-lo a se tornar agente de mudanças sociais, mesmo não estando consciente do que está fazendo. Tal é a tese de dois intelectuais neomarxistas, Michael Hardt e Antônio Negri. Em livro recente, *Empire*, publicado por Harvard College, declaram que isto está se passando perante os nossos olhos. Camponeses, no isolamento de vilarejos tranquilos dominados pelo passado, ou pessoas em pequenas cidades relativamente estáveis, encontram-se agora sendo erradicadas. Estão se transformando em nômades, movendo-se através de todo tipo de limites – geográficos, de classe social, de culturas tradicionais e, especialmente, de fronteiras internacionais. E assim, compelidos a explorar um novo futuro. Constituem o que Hardt e Negri chamam de *multidão*, “a maior sublevação social destes tempos”. Conduzidos pela energia que provém do desejo de viver, “os desgraçados se transformam em seres todo-poderosos”. “Os movimentos da multidão designam novos espaços, e suas jornadas estabelecem novas moradias. E têm a possibilidade de determinar novas formas de vida e de cooperação”. De fato, os escritores citados vão ainda

mais longe com a afirmação de que “somente a multidão, através de suas experiências práticas, pode oferecer os modelos e determinar quando e como o possível se torna em realidade.” (410)

Aqui, novamente, a resposta dos Estados Unidos aos eventos de 11 de setembro podem, creio tanto acelerar esse processo como bloqueá-lo através de um longo caminho. É bastante provável que as decisões tomadas pelo governo americano neste momento representem, mais do que tudo, um esforço concentrado para conter esse inevitável movimento da “multidão”. Mas estou convencido de que nada disto poderá ser contido pelo poder militar ou por uma crescente repressão. Sua continuidade e expansão, no entanto, pode demandar um grande sacrifício de parte daqueles que estão sendo conscientizados dentro desse processo.

Mudanças na teologia e na igreja

Se está correta a minha análise do que acontece com essa massa de pobres e abandonados, então o seu futuro – sim, e o nosso futuro também – dependerão especialmente de duas coisas:

Um tremendo movimento do Espírito entre pessoas partidas e desesperadas, cuja conseqüência será o poder de reorganizar-se e de reconstruir suas vidas, individualmente e em comunidade;

E um movimento do Espírito entre “a multidão” – como um novo sujeito histórico – cujo resultado tornará possível ao povo que perambula desorientado, sem direção e sem esperança para o futuro, a se encontrar na busca e na consecução de um novo e cativante projeto de vida.

Em outras palavras, para nós, como cristãos comprometidos com a transformação da sociedade, a luta social e política para responder ao sofrimento do pobre de hoje deve estar focalizada no cultivo e na comunicação do poder do Espírito. Waldo Cesar e eu muito temos escrito nos últimos anos sobre a tremenda vitalidade e crescimento dos movimentos pentecostais, sua descoberta em como enriquecer o povo com uma mensagem que produz uma tão profunda experiência de Deus. Durante a semana entrante, vamos explorar tudo isto com aqueles, entre os presentes, que estão arrolados no nosso curso.

Mas como conseqüência do que aconteceu nos Estados Unidos em 11 de setembro, não posso parar nesse ponto. Nossa situação como cristãos comprometidos mudou radicalmente, em dois sentidos.

Fomos repentinamente despertados pela extraordinária força espiritual do Islã, seu poder de converter pessoas oprimidas, sua ponta de lança nas lutas por uma mudança social, e a transformação de profissionais de classe média em mártires. Onde está o segredo desse poder? Estudantes ocidentais recentemente

indicaram que o Islã está preenchendo o vazio aberto pela inabilidade dos partidos políticos para ordenar ou transformar as sociedades árabes. E um estudioso (Robert Sarly) fundamenta que o segredo dessa intensa fé repousa na descoberta feita por Maomé no ano 622. Ele ofereceu ao "desamparado povo de pobres insignificantes e de baixa auto-estima o sentimento de que eles gozam de uma inerente capacidade (isto é, de uma dádiva de Deus) para elevar-se acima de suas identidades pessoais e manter-se unido ao Corpo de Deus". E isto não é alguma coisa de um passado distante, mas é a realidade central da fé islâmica de hoje, repetida e alimentada por seus adeptos; de uma identidade em estado de consciência transformada, do sentimento de estar unido a Deus a cada dia, cinco vezes por dia, em oração.

Em segundo lugar, fomos forçados a reconhecer que também nós estamos mais ou menos na mesma situação dos pobres e abandonados da terra. Durante os últimos dois meses, tenho me relacionado com grupos de cristãos socialmente comprometidos, que se reúnem regularmente para procurar discernir como atuar responsavelmente entre pessoas que ainda vivem em estado de choque e de profunda perturbação com o uso do poder militar na destruição de cidades e talvez de nações. Através de semanas, chegamos à conclusão de que não apenas o nosso país, mas o mundo, poderá eventualmente enredar-se numa espiral descendente de violência, cujo fim não podemos prever. Oramos, estudamos a Bíblia e discutimos sobre os acontecimentos, pois temos que enfrentar o fato de que nós, como esse povo quebrantado do mundo, também nos sentimos desesperançados e necessitamos ser sustentados pela experiência da presença e poder de Deus em nossas vidas.

Depois de dois meses, um membro do grupo registrou por escrito a conclusão a que chegamos. Para encontrar nosso caminho nessa fronteira da fé, necessitamos explorar mais profundamente os recursos de nossa herança bíblica e teológica. Mas também necessitamos fazer alguma coisa talvez mais assustadora e mais arriscada. Precisamos expandir nosso círculo de fé e incluir pessoas e comunidades estranhas à nossa corrente dominante de cristãos de classe média das Igrejas. Em resumo, temos que nos abrir à transformação de forças espirituais que ainda não experimentamos e que ainda não compreendemos.

Renovação da teologia e reestruturação da educação teológica

Tudo o que disse aqui é baseado na pressuposição de que uma nova experiência de educação teológica no Brasil, neste momento, deve estar fundamentada nesse processo de renovação e recriação teológica. E tenho tentado falar do que considero parte do contexto e natureza dessa tarefa teológica. Para mim, isto implica em que um novo seminário deveria ter, como centro de sua vida e trabalho, um

núcleo de homens e mulheres que se dedicasse a um processo de reflexão teológica situado no meio da luta pela vida, conforme está sendo agora definida.

Talvez possam me dizer que este seminário não dispõe de recursos para tanto. Estamos acostumados a pensar que uma reflexão dessa natureza exige um grupo de pessoas que dediquem todo o seu tempo e energias a tal esforço; e que a Igreja Presbiteriana Unida não está em condições de apoiar um projeto deste tipo. Claro, seria muito bom ter uma equipe de teólogos e de especialistas na Bíblia livres para trabalhar exclusivamente nesse campo. Mas há outros modelos. Devo lembrar que um dos esforços feitos no Brasil nos anos cinquenta e início dos sessenta – o programa de Igreja e Sociedade – é agora reconhecido como representativo dos primeiros passos no Brasil para a Teologia da Libertação; e que aquele programa não se desenvolveu dentro de condições muito favoráveis.

Esse projeto teve início quando Waldo Cesar e eu nos encontramos pela primeira vez em 1953 e decidimos que era o momento para tentar despertar o maior interesse possível das Igrejas protestantes na reflexão teológica e num envolvimento comprometido com a sociedade. Começamos com um pequeno grupo de cinco ou seis pessoas do Rio, Belo Horizonte, Campinas e São Paulo, que se encontrava uma vez por mês. Aos poucos identificamos os tópicos sobre os quais refletir, encontramos caminhos para trabalhar com eles e para falar e escrever com o objetivo de alargar o círculo de discussão. Isto foi se concretizando através de retiros, conferências nacionais, e diálogos em âmbito internacional. E na medida em que procurávamos articular nossa posição, nos sentíamos capazes de alcançar um círculo maior de pessoas de diferentes profissões e de posições religiosas distintas. E na luta com temas que não havíamos enfrentado até então, nem nos demos conta de que estávamos lançando as bases para uma nova linguagem teológica. E décadas depois dessa experiência, vários especialistas da Europa Ocidental e da América do Norte afirmaram que tais esforços não somente levaram aos fundamentos da Teologia da Libertação no Brasil, como também contribuíram para o pensamento social do Conselho Mundial de Igrejas. Neste contexto de continuidade de uma reflexão teológica, apresento duas teses para maior discussão:

Em primeiro lugar, um programa vital de educação teológica deve situar-se no meio da vida e da luta do povo de Deus.

E se esse povo é hoje a multidão desarraigada, sempre em movimento, podemos acompanhá-la somente se descentralizarmos o programa do seminário. Não é surpresa que as mais criativas experiências em educação teológica se originem cada vez mais das “Novas Igrejas” e não da Europa Ocidental e da América do Norte. E certamente na América Latina tais novas experiências têm como base a descentralização da educação teológica. Não posso falar do que isto

viria a significar para este seminário, o que apenas pode ser determinado por aqueles que estão no centro da vida da sua vida e da Igreja. O que posso fazer de mais próximo, é narrar brevemente uma experiência desse tipo, na qual estive envolvido nos últimos anos.

O Seminário Bíblico Latino-americano (agora Universidade – UBL) em San José, Costa Rica, representa o mais criativo programa de educação teológica que encontrei na América Latina. Durante sessenta anos esse seminário reuniu homens jovens de todo o Sul, da América Central e do Caribe. Eles se dirigiram a San José e ali permaneciam durante quatro ou mais anos. Estudavam teologia sem nenhuma conexão com sua Igreja, sua cultura ou seu povo. E muito freqüentemente, quando terminavam o curso, casavam-se e permaneciam em Costa Rica. Muitos dos que retornavam aos países de origem sentiam-se mais em casa numa profissão secular de classe média, do que no pastorado. Assim foi lamentável, mas não surpreendente, que o seminário se tornasse cada vez mais alienado das Igrejas às quais devia servir, e que declinasse o número de inscrições para o curso. Há cerca de dez anos, tomou-se a decisão para uma mudança radical.

Agora, a linha principal de educação teológica levava adiante pela UBL se estende por mais de trinta centros estabelecidos através do continente, de Havana (Cuba) a Santiago (Chile). Cada centro está intimamente associado com uma Igreja (ou Igrejas) e oferece estudos teológicos tanto para pastores quanto para líderes leigos. Os que lecionam em cada centro vivem e trabalham lá. O núcleo da faculdade em San José orienta o programa em cada lugar, recruta e treina os professores, prepara guias de estudos e, de tempo em tempo, dá breves cursos nesses centros locais. O seminário em San José promove, a cada ano, cursos com a duração de um bimestre. Cada estudante de algum centro local, para se graduar, inscreve-se num estágio obrigatório em Costa Rica, de pelo menos dois “bimestres”. Um bimestre de cada ano consta de um “curso integrado” para todos os estudantes, concentrado num tema específico, com a participação de três ou quatros professores de diferentes disciplinas.

Lecionei naquele seminário no regime antigo e, mais recentemente, no atual programa. O que mais me fascinou foi a mudança fundamental ocorrida com essa orientação, o espírito e a motivação dos alunos, assim como do corpo docente, com o novo programa. Os professores são desafiados a desenvolver um trabalho criativo e contam com o estímulo e a vitalidade de muitas pessoas das Igrejas. Durante o estágio por breves períodos em Costa Rica, os estudantes levam as experiências e problemas que identificam na Igreja e na comunidade onde vivem. Não há necessidades de gastos com a construção de grandes prédios em Costa Rica ou nos vários Centros. Em todos os centros locais, as classes funcionam na Igreja ou na comunidade. Os estudantes gastam muito pouco em viagens ou em pensão e acomodação. O seminário tem condições de oferecer um sólido treinamento teológico para um amplo corpo de estudantes, e assim

relacionar-se de perto com a Igreja onde o Centro está localizado. E em San José, professores e estudantes graduados estão livres para dar tempo e energia no trabalho conjunto a partir de suas respectivas áreas de estudo e pesquisa. O curriculum toma em conta a situação cultural e social dos centros locais, que se mantêm suficientemente flexíveis para evoluir em resposta à realidade confrontada pelos membros da Igreja.

Em segundo lugar, educação teológica deveria ser essencialmente um processo de formação espiritual e não principalmente um exercício acadêmico.

Durante um tempo demasiadamente longo, temos admitido uma identificação histórica na preparação de ministros das principais Igrejas protestantes com o mundo universitário. Correntemente homens e mulheres são aceitos nos nossos seminários basicamente por seu nível acadêmico, e não pela autenticidade e profundidade de sua caminhada espiritual. Instituições de educação teológica preservam o *ethos* da academia, mesmo quando estão geograficamente distantes de importantes instituições de educação superior. E, no conjunto, especialmente nos nossos principais seminários, o tempo e o esforço de cada estudante se concentra inteiramente em estudos acadêmicos.

Reconheço que fui treinado nessa direção, e gastei muitos anos da minha vida perpetuando esse tipo de educação teológica e de preparação para o ministério. Dou valor ao fato de que fiz ambas as coisas, como estudante e como professor de teologia. Como bom calvinista, considero que um sério trabalho bíblico e teológico é de crucial importância para a vida da Igreja. Sinto-me penalizado quando vejo a falta de estudos bíblicos e teológicos mais completos no protestantismo latino-americano de hoje. Também creio que uma importante contribuição que seminários originados da Reforma podem fazer nesta conjuntura seria dar oportunidade para homens e mulheres jovens da Igreja, que não dão maior importância a estudos acadêmicos da teologia e da Bíblia, a entrosar-se com tais estudos.

Gostaria, porém, de insistir numa coisa. Se esperarmos dar resposta aos desafios que tenho esboçado aqui, devemos empenhar-nos, mais do que tudo, no cultivo de uma crescente e vital experiência de fé. Não como alguma coisa que tome o lugar de um estudo acadêmico sério, porém, de preferência, como um elemento distintivo no centro de nossos esforços intelectuais. Não tenho um modelo para propor dentro dessa concepção de treinamento teológico. Não conheço ninguém que o tenha. Mas acredito firmemente que o Espírito nos guiará nesta questão.

Quero concluir, porém, contando uma experiência recente, que para mim confirma a importância do que acabo de dizer.

Faz algum tempo, estou colaborando com um grupo de homens e mulheres, católicos e protestantes, na criação do que estou chamando de "seminário alternativo". Trata-se de um grupo que se dedica a várias atividades a serviço de pessoas necessitadas e à luta pela transformação da sociedade. Querem estudar a Bíblia e Teologia, mas se recusam a ter contato com qualquer seminário tradicional.

Há pouco, reunimos um grupo de quarenta mulheres e homens com o objetivo de preparar o programa de estudos para o próximo ano. O plano incluía líderes de movimentos de negros e de mobilização de pobres, ativistas contra a militarização do Estados Unidos, drogados em processo de recuperação e várias mulheres sem lar. Tivemos uma boa discussão sobre os cursos de interesse do grupo, mas notei que uma senhora afro-americana não estava satisfeita com o resultado. Na hora do almoço sentei-me ao seu lado com o intuito de saber mais ao seu respeito. Ao apresentar-se disse: "meu nome é *Eu Pertença a Jesus*". Diante de minha surpresa, explicou que pertencia a uma família negra abastada e altamente educada – era da quarta geração, com formação universitária. "A maioria dos meus primos e seus amigos estão de tal maneira conscientes do racismo em nossa sociedade, assim como das próprias experiências de humilhação decorrentes de sua condição racial, que caíram em profunda depressão, entregues ao álcool ou a drogas, ou mesmo ao suicídio. E se fui capaz de caminhar em outra direção, devo isto apenas a um motivo. Minha mãe me levou, ainda criança, a uma pequena Igreja pentecostal. Deixei essa Igreja há alguns anos, mas foi ela que me preparou para seguir a minha própria trilha através de uma profunda experiência de identificação com Cristo. Essa foi a única coisa que me sustentou durante anos. De fato, recentemente me tornei tão consciente dessa experiência que também mudei meu nome. Meu nome de batismo era Margareth. Agora me chamo Ude, uma palavra da língua africana que significa *Eu pertenço a Jesus*. E desta maneira posso conservar sempre diante de mim, dia após dia, minha única fonte de vida e poder para a luta".

Estou convencido de que um número cada vez maior de jovens cristãos está a busca de recursos bíblicos e teológicos que sustentem sua luta. E também creio que estarão satisfeitos somente se puderem encontrar no centro de qualquer programa de educação teológica, um processo de formação espiritual que lhes dê orientação e sustento nas suas lutas pelo Reino de Deus.

Em conclusão, deixem-me dizer da minha alegria com esta iniciativa. A Igreja Presbiteriana Unida está diante de uma extraordinária possibilidade para criar alguma coisa que poderá dar uma contribuição por demais necessária à penetração do protestantismo na vida do povo brasileiro. Que este empenho seja ricamente abençoado por Deus.

(Tradução de Waldo Cesar)

D

EPOIMENTOS

SHAULL MUDOU O PROJETO DE VIDA DE UM JOVEM SEMINARISTA.

Áureo Bispo dos Santos

O professor Shaull mudou o meu foco de visão e de missão do cristão na Igreja e na Sociedade; de um jovem seminarista, pietista, voltado para o crescimento espiritual interior e de uma evangelização para a "salvação de alma", de defensor de uma Igreja isolada do mundo, para um jovem de vida espiritual intensa, mas, com visão nova de uma evangelização para a salvação do homem integral e de uma igreja aberta e voltada para um mundo que Deus amou e entregou o seu Filho Jesus Cristo para salvá-lo; e envolvida na luta para a transformação de uma sociedade injusta, desigual, desumana, discriminatória, para uma justa, humana e solidária. Este meu envolvimento na luta pela mudança da sociedade e a tentativa de levar a Igreja e engajar-se neste mesmo processo, significou, posteriormente, na minha demissão do Seminário e expulsão da Igreja.

Shaull, nas suas preleções, ressaltava a necessidade da identificação do seminarista com o seu povo, sua cultura, seus problemas sociais, políticos e econômicos. Estes desafios me levaram a identificar-me com o meu povo nordestino, região mais pobre do Brasil, quicá do mundo. Decidi, então, fazer uma

viagem de trem na Leste Brasileira, partindo do interior da Bahia até Goiás, para conhecer mais de perto a situação do povo empobrecido, excluído e faminto em busca de emprego e de melhores dias de vida para si e sua família, no Centro Oeste e Sudeste. Foram dez dias de profunda experiência, onde vi crianças morrendo, mulheres parindo no próprio trem, homens, mulheres e crianças maltrapilhas e esqueléticas. Era um quadro desolador e angustiante. Foi essa viagem que me levou a deixar o Seminário Presbiteriano de Campinas, cidade linda, encantadora e rica onde se localizava a chamada "Casa dos Profetas", vida capaz de embevecer o seminarista nordestino e não querer mais voltar ao Nordeste. Percebi que poderia ser eu um destes. Daí, tomei a decisão de estudar no Seminário Presbiteriano do Norte, Recife, cidade linda, mas muito pobre. Permitia, porém, viver a realidade do povo a quem íamos servir e com quem íamos trabalhar para mudar o quadro sócio-econômico e religioso da região.

Chegando a Campinas, após a viagem, disse a Shaull que tinha decidido estudar no Nordeste e expliquei as razões de tal decisão. Disse-lhe, também que ele era, em parte, responsável por tal resolução, pois me desafiara a identificar-me com o meu povo e esta sugestão me fez mudar o rumo do meu caminho. Shaull concordou comigo, apesar de lamentar a perda do nosso convívio e eu das suas excelentes aulas. Nessa ocasião, ele me sugeriu uma riquíssima bibliografia de livros teológicos, políticos e econômicos, tanto brasileiros quanto estrangeiros. Devorei-os durante os dias no Recife. Embora, vivendo no Nordeste, nunca deixei de encontrar-me com Shaull em seminários, conferências e encontros no Brasil, Estados Unidos da América do Norte, e na América Central e Caribe. Sempre sendo enriquecido com as suas mensagens novas e desafiadoras.

O foco da mensagem de Shaull era o pobre e a sua libertação. Baseado no testemunho bíblico-profético e na mensagem de Boas Novas de Jesus aos pobres (Luc. 4:17-19), Shaull conclui que há um interesse especial de Deus pelos pobres. Para Shaull, "A Igreja só pode ser o povo de Deus se a luta pelos pobres estiver no centro da fé e da vida de cada cristão e de cada comunidade e que os pobres tem uma posição privilegiada como interpretes da auto revelação de Deus". Shaull era um teólogo-profeta. Nunca satisfeito com o ontem. Sempre estava além do hoje, sob a ação escatológica do Espírito Santo. Nas suas viagens ao Brasil se volta para o crescimento espantoso dos movimentos religiosos pentecostais, e se junta ao Waldo Cesar e fazem uma profunda reflexão teológica e sociológica e produzem uma obra monumental, *"Pentecostalismo e futuro das Igrejas Cristãs"*, ao mesmo tempo um desafio, um alerta, um grito e também um chamamento das Igrejas históricas para uma reforma radical. Para eles, enquanto as Igrejas históricas de classe média não se envolverem com os pentecostais e com outras comunidades de fé dos pobres, excluídos ou arruinados, não estarão preparadas para responder, neste momento, à ação do Espírito Santo.

Noutro lugar afirmam que não há futuro para as igrejas históricas se elas não se sujeitarem a herança existencial atual, a “uma espécie de questionamento radical que brote de um sério encontro com o pentecostalismo. Isto porque a ação do Espírito Santo na vida dos pobres e marginalizados pode estar lançando os fundamentos para uma nova expressão do protestantismo completamente diferente de qualquer coisa que tenhamos conhecido até agora”. Através da pesquisa realizada e dos estudos feitos, as Igrejas Pentecostais são as Igrejas dos pobres. Li esta obra duas vezes e fiz vários apontamentos. É uma obra não somente para ser lida, mas também estudada e discutida nas Igrejas, seminários e outros grupos cristãos, ou não.

Ao longo destes 50 anos, tenho me voltado a estudar os movimentos pentecostais no contexto das igrejas protestantes históricas, buscando, através de uma investigação bíblico-teológica, e também de uma pesquisa sociológica conhecer as razões do fenômeno chamado de pentecostalismo das igrejas históricas.

Na última viagem a Salvador tivemos o privilégio de hospedar Shaull em nossa casa, onde conversamos longamente sobre o livro *Pentecostalismo e futuro das Igrejas Cristãs*, cujo interesse comum me enriqueceu muitíssimo. Decidimos manter contatos constantes sobre este assunto tão importante quanto significativo para nós que estamos na Igreja e seriamente preocupados com o seu futuro. Todavia, foi o último encontro nosso, pois Deus o levou antes que nos reuníssemos outra vez. Deus seja louvado por nos ter oferecido uma dádiva tão grande como o Shaull, com sua extraordinária contribuição para todos que tivemos o privilégio de conviver com ele.

Áureo Bispo dos Santos

Diretor da Faculdade Dois de Julho, professor do Instituto de Educação Teológica da Bahia (ITEBH) e pastor da Igreja Presbiteriana Unida de Itapagipe (BA).

ranararaku@ig.com.br

UMA FIGURA HUMANA E EVANGÉLICA

Frei Carlos Josaphat OP

Richard Shaull foi um grande itinerante da cultura e do Evangelho. Durante mais de meio século, desde o seu doutorado em Teologia em 1952, nós o vemos como professor, como conferencista, como participante de eventos culturais e mais ainda como porta-voz da dignidade, dos valores e dos direitos humanos, no Brasil, nos EUA e na Europa.

Mas o que eu desejo ressaltar muito singelamente é que nele vi sempre o irmão e amigo, um companheiro de lutas: desinteressado, dedicado, consagrando-se ao bem e ao outro, com a simplicidade de quem crê na força do amor.

Meus contatos com Richard Shaull se estendem a um pequeno trecho de sua imensa carreira: de 1957 a 1962, quando ele já era professor no Seminário Presbiteriano de Campinas. Nesse tempo eu mesmo lecionava em São Paulo, na Escola Dominicana de Teologia, em Perdizes. Nós nos encontramos em torno de dois grandes desafios, pelos quais um e outro sempre andamos apaixonados: o ecumenismo e a promoção da justiça social.

Desde os primeiros encontros, tornamo-nos amigos. De minha parte admirava nele essa inteireza do intelectual, do evangélico, do homem de ação em um jeito afável. Sabia afirmar o empenho pela justiça e a necessidade de mudar as coisas, tudo isso em um tom macio, em uma maneira inteligente de expor e de dialogar. A partir de 1966 eu me interessei muito pela Conferência Mundial de Igreja e Sociedade, que me parecia o elã do Espírito animando o mundo da Reforma, à semelhança do que se passava na Igreja Católica, que acabava de celebrar o II Concílio do Vaticano. Pressenti nessas alturas a presença e a influência internacional de Richard Shaull, mas infelizmente não mais tive oportunidade de prosseguir meus contatos com ele.

Gostaria de ilustrar com uns tantos exemplos as razões de minha admiração e de minha profunda amizade a Richard Shaull. Em torno dos anos 1958-1963, todo um pequeno grupo de reflexão e de ação ecumênicas se reunia de modo habitual no Convento Dominicano das Perdizes. Éramos uns 12 pastores e professores de teologia, de confissão luterana, anglicana, católica, presbiteriana e talvez mais uma ou outra de que não me recordo. É sobretudo nesse quadro que os laços de conhecimento e de afetividade se estreitam entre mim e Richard. Às vezes nós dois comentávamos: "Parece acaso. Mas não é. Sempre que há uma discussão em uma grande assembléia nós dois estamos do mesmo lado, unidos nos mesmos pontos de vista." Essa convergência nas assembléias e nos comícios, sobretudo na fase pré-revolucionária de nosso País, nada mais era do que o

resultado de diálogos mais íntimos, mais pessoais, em um clima de total confiança. Eu via nele a figura humana e mais evangélica surgindo em meio às nossas buscas de comunhão ecumênica e no turbilhão de uma luta que se queria eficaz em prol de nosso povo e mesmo da humanidade que buscava prolongar os anseios de paz no pós-guerra.

As nossas reuniões ecumênicas tinham o ritmo mais ou menos mensal e se consagravam a questões de atualidade política e social, no empenho de refletir sobre a realidade de nosso País à luz do que nos parecia ser os grandes valores evangélicos. Às vezes nós nos ocupávamos de algum ponto ou de algum livro no domínio da teologia bíblica. Assim, consagramos umas sessões (tenho vontade de dizer memoráveis) ao livro de Ch. H. Dodd *O Quarto Evangelho*, publicado em 1953 e dado de presente ao nosso grupo por Carlos Pinto Alves. A propósito da mensagem joanina, o nosso olhar se estendia aos problemas da vida cristã, da pastoral evangélica, do compromisso social, levando essa dúzia de pastores e professores a se esquecer do tempo, a varar pela noite adentro, em uma espécie de comunhão ecumênica que nós desejávamos ver ampliar-se e cobrir toda a cristandade. Bem se compreende o quanto a fraternidade que me unia a Richard Shaull se afirmava nesses encontros de estudo, de reflexão e, quem sabe, de contemplação, à luz da palavra de Deus e de nosso empenho pela justiça e paz.

Onde há amizade não pode faltar humor. Certa vez, Shaull e eu nos perguntávamos o que fazer se as autoridades de que nós dependíamos não mais aceitassem que trabalhássemos no sector um tanto escorregadio da luta pela justiça. Mal eu dizia a Shaull que eu me refugiaria junto dos presbiterianos no Estados Unidos, pedindo asilo para o amigo católico, e ele já vinha propondo uma solução, não muito diferente, de se refugiar em um Convento Dominicano, lá no centro do Brasil. Mas nós bem sabíamos que o futuro a Deus pertence.

Até hoje experimento uma saudosa alegria recordando esses lindos sonhos e essas simples gargalhadas que ressoavam ingenuamente naqueles agitados anos 60.

Frei Carlos Josaphat, O.P.

Teólogo dominicano, professor emérito da Universidade de Friburgo (Suíça), escritor, autor de *Fé, Esperança e Caridade* (Ed. Paulinas, S. Paulo, 1998), *Las Casas, todos os direitos para todos* (Ed. Loyola, S. Paulo, 2000), *Evangelho e diálogo inter-religioso* (Ed. Loyola, 2003). Atualmente leciona na Escola Dominicana de Teologia, em S. Paulo, ITESP, entre outros.

Frei_carlos@uol.com.br

RICHARD SHAULL – MESTRE, PROFETA E AMIGO.*Claude Emmanuel Labrunie*

Shaull salvou minha fé em Cristo e minha vocação pastoral quando eu estudava no Seminário Presbiteriano de Campinas. Em meio à total escuridão teológica e ao desespero quanto à Igreja institucional, Shaull, recém chegado ao Seminário, foi meu professor a partir do segundo ano, em 1954. Foi a luz que Deus mandou para iluminar o fim do túnel. Enfim, descobri que ainda havia profeta e teólogo na Igreja em que vivia. Fui ali por três anos seu discípulo de História da Igreja e mais um semestre de Ecumênica e um semestre de Teologia do Antigo Testamento. Mais do que discípulo, apeguei-me ao Mestre como aquele que se estava afogando agarra-se ao salva vidas. Ele acreditou em mim e tornamo-nos amigos. Comecei a aprender porque tinha enfim um companheiro no caminho de Emaús que “me ensinava as Escrituras”.

Shaull foi sempre um docente sempre antenado com tudo o que o Espírito Santo estava fazendo ao redor do mundo. Eu podia acompanhar finalmente um presbiteriano que vivia intensamente a visão e a realidade do movimento ecumênico. Fiquei abismado quando me dei conta de que Shaull datilografava em média vinte cartas numa tarde, com destinatários espalhados pelos quatro cantos do mundo. Um dos resultados dessa correspondência que me lembrava a capacidade epistolar de João Calvino, foi a completa atualização da Biblioteca do Seminário. Centenas de volumes que representavam a fantástica renovação bíblica e teológica do século XX começaram a cascadear nas estantes.

Momento inesquecível foi quando, por ocasião da crítica pública do sermão de prova de um estudante da última série – crítica na qual participavam todos os membros da congregação de professores – Shaull iniciou sua participação nessa atividade acadêmica dizendo, com muito tato pastoral e pedagógico, que o sermão que todos acabáramos de ouvir, não era cristão pois em nenhum momento apontara para a obra realizada por Cristo. Esse comportamento repetiu-se por várias semanas até que alguns alunos começaram a entender que a prédica e a teologia cristãs têm pressupostos cristocêntricos.

E assim começaram a acontecer coisas incríveis: seminaristas participando de congressos internacionais e em estágio prático em fábricas de São Paulo! Candidatos ao ministério foram vivenciar a participação no movimento estudantil brasileiro e foram beneficiados com bolsas de estudo de pós-graduação em teologia. Shaull levou um grupo de seus estudantes para participarem na capital paulistana de um culto numa imensa Igreja Pentecostal que reunia normalmente dois mil adoradores, operários da periferia. Pudemos observar ali testemunhos

pessoais de milagres ocorridos durante a semana e um sermão improvisado na hora – supostamente por inspiração do Espírito Santo – baseado em texto bíblico achado no momento. Sermão totalmente incoerente e incompreensível. Começamos a ser despertados para a vitalidade evangélica do pentecostalismo.

Shaull abriu novos horizontes e novas oportunidades para muitos. Como exemplo, refiro-me a sua intensa participação na dinamização do movimento estudantil evangélico, renovando a atuação da UCEB – União Cristã de Estudantes do Brasil, filiada à Federação Mundial Cristã de Estudantes. Nesse movimento muitos estudantes começaram a relacionar sua fé com a realidade brasileira, em suas dimensões sócio-econômico-políticas, iniciando a transição da infantilidade teológica do fundamentalismo individualista para a consciência da missão profética e total da Igreja. Também ali aprendemos a participar de culto comunitário litúrgico que nos permite transcender a tradicional improvisação.

Não me deparei mais com outro cristão tão completamente engajado em viver o Evangelho de maneira relevante para o dia de hoje, encarnando a relação entre fé e cultura, Igreja e mundo, na heroica e martirizante obediência de procurar ser sal da terra e luz do mundo. Desta maneira Shaull foi o mais calvinista e ecumênico dentre os cristãos que tive o privilégio de conhecer neste nosso país. Seus artigos e seus livros manifestam seu incansável dinamismo de participação em todas as iniciativas proféticas ao seu alcance no Brasil, na América Latina e do Norte, no mundo. Conheceu a perseguição dentro e fora da Igreja – apanágio do verdadeiro profeta e discípulo de Jesus Cristo. Graças a ele, significativo segmento da juventude e da *intelligensia* das Igrejas evangélicas históricas começou a levantar-se e a agir, impulsionado por seu desafio teológico e exemplo vivido. Pagaram pesado preço por isso, o ônus dos que se identificam com a causa dos sem voz e sem vez. Verdadeiro precursor e desencadeador da Teologia Latino-americana da Libertação, viveu a herança de Jesus e de Calvino até as últimas conseqüências. Assumiu em pessoa a vivência da “Igreja Reformada sempre se reformando”! Cristo seja louvado! Amém!

Claude Emmanuel Labrunie

Pastor e professor (Moderador da Igreja Presbiteriana Unida 1987/89)

O ESPÍRITO FALA ATRAVÉS DE SEUS PROFETAS

Derval Dasílio

Para a América Latina, o Espírito escolheu Richard Shaull. Precisamos dar a conhecer quem foi Shaull e o que ele significou para nós, professores, alunos, contemporâneos da luta inicial da Teologia da Libertação. Ouso, portanto, uma incursão superficial em ponto menor, de minha parte, na experiência com Shaull.

Para começar, de fato, não tive o privilégio de conhecer Shaull pessoalmente quando ingressei no Seminário do Centenário. Em 1966 ele estava sendo “removido” do Brasil pela Missão Presbiteriana no Brasil, remanescente do *Board of Foreign Missions* que trouxe Shaull para a América do Sul em 1942. Meu primeiro contato com o ministério de Shaull aconteceu na década de 60, imediatamente antes de minha vinda para o Seminário Presbiteriano do Centenário, em Vitória-ES, para onde se transferira quatro anos depois de sua fundação em Presidente Soares-MG, com a participação de Shaull. Um ex-estudante do Seminário de Campinas-SP, da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB), que trabalhava numa siderúrgica recém-fundada, pouco antes do golpe de 31 de março de 1964, falava-me de uma teologia que fermentava também o educandário presbiteriano em São Paulo, de suma importância, uma “revolução cristã e socialista” no Brasil. Um teólogo presbiteriano era citado como propagador dessas idéias perigosas: Richard Shaull. Os estudantes tinham a cabeça “transtornada” pelas idéias que vinham de lá, saíam da IPB para não mais voltar, por motivos óbvios, ou eram expulsos do Seminário de Campinas. Alguns latino-americanos, do Peru, da Venezuela, vieram para o Centenário pelos mesmos motivos: o Seminário do Centenário respirava e transpirava a teologia de Shaull.

Morava eu num alojamento de operários da tal siderúrgica, conversávamos sobre fé, política e responsabilidade social, mas nada se solidificava em termos de compromisso cristão. Nessa época li alguma coisa de Walter Rauschenbusch, *Evangelho Social* e outros. *Em seus passos, que faria Jesus?* – li esse livro e não me lembro do nome da autora. Mas só no seminário fui ler o livro de Shaull escrito para a juventude: *Alternativa ao Desespero*. Rola por aí até hoje. Mas o que mais marcou minha memória juvenil foram as greves operárias intentadas contra o capital estrangeiro e seu poder empresarial na siderúrgica onde trabalhava. Os japoneses da Shikawagima Corporation chegavam a plena velocidade, e Jango Goulart seria derrubado no mesmo ritmo. Vi colegas assassinados ou presos sob o pretexto de manutenção da segurança da empresa – mas eram líderes operários militantes, tão somente. Vi trabalhadores fazendo piquete

nos portões da fábrica... e os vi mortos a rajadas de metralhadora, às dezenas, por atiradores num caminhão militar. Era assim na vida, nas amizades e afinidades com colegas de infância e juventude. Eu era um garoto crente, bobo e alienado, atônito, perplexo diante de algo que não era explicado dentro da minha igreja. Diziam-me que Fé e Política não tinham a ver entre si. Os fatos, porém, revelavam outra coisa. Uma palavra, que aprendi depois, no seminário: “perplexidade”, constituía minha experiência cristã naqueles dias. Graças a Deus! Os jovens que éramos perguntavam muito, e tínhamos poucas respostas na Igreja.

Foi assim que descobri Richard Shaull. Abandonei meu emprego na siderúrgica, matriculei-me no Seminário do Centenário. Vim estudar Teologia, e o que descobri? “Fé e Política”, “Compromisso Social do Cristão”, “Igreja e Sociedade” (tenho até hoje exemplares da revista *Iglesia y Sociedad*, e vários livros desse tempo, conclusões das grandes conferências latino-americanas patrocinadas pelo Conselho Mundial de Igrejas (CMI): *América Hoy*, *Estos Poderes Rebeldes*, *La Ética en el Contexto Cristiano*, e depois li Paulo Freire, *Pedagogia do oprimido*, por exemplo, entre tantos livros que Shaull nos influenciara a ler. Não fui diretamente aluno de Shaull, mais fui instruído, presencialmente ou à distância, por seus discípulos ou companheiros. Tantos... Joaquim Beato, Claude Labrunie, Alfredo Sunderwirth; os jovens pastores Rubem Alves (paraninfo da minha turma), Breno Schumann e Jacy Maraschin; João Dias, Áureo Bispo, à distância, lá no Seminário Presbiteriano do Recife. Estudos Brasileiros e Teologia da Política, inovação curricular revolucionária, eram ministrados por Waldo Cesar, Jether Ramalho, Esdras Borges Costa. Todos comungavam com Shaull, dos estudantes aos professores. A juventude de ambos os grupos, alunos e mestres, foi tomada pela hermenêutica libertária de Shaull.

Quem se lembra do padre Camillo Torres? E de Regis Debret? Nós nos lembramos. Quem se lembra do primeiro Harvey Cox e de como ele nos era empurrado com os paradigmas da secularização e pós-modernidade teológica. Shaull não permitiu essa invasão. Interessava-lhe, especialmente o mártir luterano da teologia política engajada e expressa nas *Cartas da Prisão: Resistência e Submissão*, de Bonhoeffer. A “teologia dentro das grades” clamava por uma “teologia da libertação”.

Finalmente, encontramos-nos e trabalhamos juntos, Shaull, Waldo e eu, 33 anos depois que o Seminário do Centenário fora fechado pela IPB (João Dias contou esta história em *Inquisição sem Fogueiras*.) Terminamos nossos estudos quase clandestinamente, sustentados pelo sínodo que apoiava o educandário “subversivo”. Ambos foram fechados pela IPB, um depois do outro.

Pois bem, Shaull voltou para a aula inaugural da Faculdade de Teologia da Igreja Presbiteriana Unida, três décadas depois. A escola de teologia recebeu o seu nome postumamente, logo após o embarque para a última viagem! Sua coragem profética nos contagiou com o último curso ministrado em vida, acom-

panhado por Waldo Cesar. Outra vez, o protestantismo brasileiro era colocado diante de um desafio: a opção do Reino de Deus identificada na massa oprimida do cristianismo latino-americano. O curso — *Pentecostalismo e Futuro das Igrejas Cristãs* — reuniu mais de 50 participantes durante 10 dias, em dezembro de 2001. Eu estava extenuado pelo trabalhoso esforço do encontro em Vitória. Shaull, aos 81 anos, era um menino cheio de energia, cujos olhos brilhavam pela acolhida do seu trabalho de parte de novos e mais jovens alunos e leitores; e se mostrava pronto para outra jornada — as suas memórias, seu último livro. De volta aos Estados Unidos, enviaria um e-mail, do qual registro um parágrafo:

“Aproveito estes momentos de relativa paz e tranquilidade depois de todas as festividades do Natal para expressar minha profunda gratidão pelas palavras do Conselho da Faculdade de Teologia sobre o cursinho que Waldo e eu pudemos oferecer em Vitória. Fiquei muito comovido vendo o interesse, a participação e a resposta favorável aos nossos esforços. Também por toda a atenção das pessoas que tomaram a nossa visita tão agradável — e por que não mencionar as moquecas de peixe. Durante os últimos anos, em diversos lugares da América do Sul e do Norte, tenho apresentado minha reflexão sobre minha jornada teológica da Teologia da Libertação, que você denominou de “uma Teologia do Espírito”. Mas foi somente no cursinho em Vitória que senti uma resposta na parte de um bom número de pessoas que me animou a seguir no esforço de articulá-la e buscar como desenvolvê-la em companhia de outros. Por isto, também estou muito agradecido. Durante os próximos meses tenho o compromisso de trabalhar duro para terminar as Memórias, e depois estar livre para me concentrar no desenvolvimento desta nova linha de reflexão. Estou pedindo a Deus que bendiga ricamente os esforços de todos em Vitória na estruturação e desenvolvimento da Faculdade de Teologia. E aguardo notícias”.

Que mais precisamos de um patrono tão expressivo. Fizemos muito pouco, e ainda há muito por fazer. Para a memória de Ricardo Shaull, uso a frase do neto de Ernest Hemingway dirigida ao avô ilustre: “Ele ainda toca as pessoas de um modo que a maioria dos escritores apenas sonham fazer”. O que a teologia deve a esse gigante espiritual ainda está por ser dito. Quem nos dera ser porta-vozes da Libertação que ele pregou. Como se diz dos grandes: Ele ainda fala!

Derval Dasílio

Faculdade de Teologia “Richard Shaull” / IPU
<dervaldasilio@intervip.com.br>

RELEMBRANDO RICHARD SHAULL

Esdras Borges Costa

Penso no irmão Shaull. Em meio à saudade de tantos momentos partilhados, ressalta o desafio do teólogo missionário que sabia e queria ouvir. Não apenas um desafio intelectual, presente sempre. Nem apenas o desafio para agir. Mas o desafio da curiosidade fundamental. “I suspect...” – e aquele gesto e olhar à procura de algo escondido no turbilhão do tempo que é agora, do espaço que é aqui mesmo. Essa curiosidade, expressão de fé, é memória pessoal e fraterna de Richard Shaull. Das reuniões de estudo e planejamento da UCEB, dos projetos comuns, dos reencontros em que o tempo de separação (às vezes anos) se esvaía, em um momento, no milagre da “koinonia”.

Sempre em diálogo. Parar para pesquisar? pesquisar para agir? agir e pensar? pensar e repensar? O resultado era continuar andando pelas agendas, as dúvidas sobre objetivos e meios, a busca de colaboradores, e outros passos do caminho – sem perder a curiosidade. E dando graças a Deus pelos momentos de lucidez. Eu me apoiava em sua fé, e o teólogo missionário me socorria do ceticismo operacional da pesquisa.

Imagino que hoje ele estaria tão vibrante e curioso como sempre. Era possível, mas não era fácil para mim, surpreender-lhe as irritações, os desapontamentos e as hesitações – que naturalmente foram freqüentes. Seus impulsos de vida e ação me pareciam mais freqüentes e fortes. Ao relembrar sua leitura dos fatos portentosos, me preparo melhor para inquirir sobre o significado de novos fatos – já sem contar com sua presença pessoal.

Shaull tinha consciência clara dos poderes do mundo e fé no poder de Deus; poder humano, poder de Deus, reino dos homens, reino de Deus. É assim que entendo suas intuições. Ia além das asserções, pois questionava a estrutura das estruturas. Superava suas próprias hipóteses críticas sobre as instituições e os interesses que as manipulam, pois acreditava no julgamento e na misericórdia de Deus sobre as “estruturas deste mundo”.

Acompanhá-lo nessa inteligência política não foi fácil para as comunidades que inspirou, ajudou a organizar, e curtiu com entusiasmo. Ainda mais difícil e trabalhoso porque as “estruturas” estão dentro de nós, pessoas e comunidades.

Éramos estudantes em nosso mundo interior, assim como na vida comunitária e na universidade, havia muitas batalhas e atravessar. A fé recebida e vivida – ou a ausência de fé – as ideologias a peneirar, a identidade a entalhar, os compromissos a cumprir ou afastar; eram também “estruturas em crise”. Richard

Shauli foi irmão-discípulo e testemunha experiente da redenção em Cristo.

Shauli tinha grande curiosidade pelos grupos pequenos de testemunhas, aquelas comunidades “em que cada participante vive um dom especial (um carisma) para a edificação do corpo de Cristo, uma igreja de iguais que aprendem a se fortalecer mutuamente, comunidades em que essa rica diversidade de dons para o ministério é reconhecida e cada pessoa é preparada para o serviço cristão e tem oportunidade para praticar. (*Reformation and Liberation Theology*, pg. 126).

Eu perguntava (talvez sem razão) e ainda pergunto – teriam de ser, essas comunidades, efêmeras, dispersas? Embora espiritualmente unidas? Teriam de perder o poder do testemunho ao se organizarem, se localizarem, se perenizarem? Ainda hoje essa pergunta me conduz a alguns dos pontos mais frutíferos dos textos de Richard Shauli sobre (entendo eu) a vocação dos pobres e não apenas a preocupação pelo pobres.

Shauli tinha questões generosas e agudas para a reflexão e a pesquisa, a evangelização e o serviço cristão; e respostas humildes sobre os riscos de agir e testemunhar. Não eram apenas perguntas e respostas suas, pois a interlocução e o intercâmbio lhe eram naturais – e impressionavam pela sinceridade e empenho.

Simplifico? Indeadidamente? Ao sugerir que, de seu ministério para o Brasil, a década de 50 foi principalmente de descoberta e esperança? A de 60, de sedimentação e conflito? A de 70, de renovação e meditação? São essas, talvez, palavras muitas vagas sobre um caminho de grande riqueza, pois o caminhante nunca parou de construir. Teologia da ação de Deus no mundo, teologia da responsabilidade social da igreja, teologia da libertação, reestudo da Reforma Protestante e dos protestantes radicais do século XVII – são algumas das jornadas que Shauli percorreu com competência, sempre em diálogo franco com outros teólogos inquietos, religiosos ou não.

Maior homenagem do que estas simples palavras de saudade será relemburar suas intuições, retomar a inspiração na Escritura, na igreja e nas experiências de fé, reestudar suas análises, reviver a “koinonia”, estudar com atenção a “conjuntura” – sobretudo o agravamento das desigualdades e injustiças. E assim, se possível sem a culpa que gera a desconversa, olhar para o próximo com solidariedade e agir com discernimento, enquanto Deus for servido.

Esdras Borges Costa

Professor e sociólogo, presbiteriano, ex-secretário da União Cristã de Estudantes do Brasil (UCEB).

Esdcosta@ig.com.br

BUSCANDO NOVIDADES NO TRABALHO DO ESPÍRITO

Jether Pereira Ramalho

Espírito sempre atento e sensível aos sinais dos tempos e aberto às novas interpelações que trazia às igrejas, pessoas e sociedade: assim era Richard Shaull, para os jovens evangélicos que entravam em contacto com ele. Fascinava porque não se submetia a esquemas, nem se instalava em velhas concepções teológicas ou em consagradas estruturas eclesiais.

Sou oriundo de uma igreja congregacional de um subúrbio carioca, filho de pastor da tradição clássica do protestantismo, e ainda jovem comecei a participar de liderança na denominação congregacional e no cenário mais amplo do protestantismo. A primeira leitura que me fez refletir sobre minhas posições foi o seu livro *Igreja na diáspora*.

Shaull sempre nos surpreendia. Apontava horizontes novos, diferentes formas de ser igreja e a procura de Deus na doce calma, no silêncio, mas também nas lutas e nos embates. Indicava caminhos diferentes de ler a Bíblia. Sempre disposto a ouvir indagações e discordâncias, sem nunca manter atitude impositiva, aberto ao diálogo e à troca.

Era sensível aos sinais dos tempos e disponível às novidades do Espírito. Não se intimidava em trilhar novos caminhos.

Sempre fui muito presente aos desafios do ecumenismo desde a minha juventude. Shaull ampliou minha visão. O ecumênico não poderia se restringir à sua faceta institucional, formal e teórica. No emaranhado da história, Deus estava falando a todos na diversidade das culturas e nas muitas diferentes formas de crer.

Shaull não se instalava nunca. Nos últimos anos aceitou um novo desafio: como compreender o crescente movimento do Espírito que atingia fortemente as igrejas, principalmente nos países pobres e no surgimento e crescimento de igrejas pentecostais. Volta ao Brasil e com humildade e docilidade procura compreender e testemunhar o que havia de tão precioso e significativo no que o Espírito estava falando ao povo pobre de tantos países. Causou admiração, mas também estranheza a muitos teólogos. Afirmavam alguns: teremos agora um Shaull que de revolucionário passou a pentecostal. Terminei com as próprias palavras de Shaull no livro: *Pentecostalismo e futuro das igrejas cristãs* (Ed. Vozes e Sinodal, 1999.) "Mulheres e homens que vivem em meio à pobreza, desintegração social e violência, descubram que sua luta cotidiana está posta no contexto de uma outra realidade, o Reino do Espírito a qual circunda e permeia todos os aspectos de sua existência. Através da experiência pentecostal, conectada

com e dentro dessa Realeza, conhecem um Deus de graça e compaixão que está a seu lado e assim percebem todas as coisas ao seu redor de uma forma totalmente diferente.”

Shaul continua a nos falar e a nos desafiar a ouvir as novidades que o Espírito tem a nos dizer hoje.

Jether Pereira Ramalho

Sociólogo, Igreja Evangélica Congregacional

CAMINHANDO COM RICHARD SHAULL

Jovelino Ramos

A primeira vez que o ouvi foi num culto vespertino na Igreja Presbiteriana de Campinas, São Paulo, em março de 1954. Eu era um calouro no Seminário Presbiteriano, e ele um professor recém chegado da Colômbia. Se me lembro bem, o sermão foi sobre o testemunho cristão numa época de rápidas transformações sociais.

Ouvi com muito interesse, mas não sabia como reagir. E o não saber reagir já era um início de reação. Estava esperando um sermão semelhante aos muitos que ouvira na infância e adolescência. Na verdade, naquela noite, ansiava por uma palavra de conforto, de enlevo espiritual, talvez com um pouco de crítica à igreja católica e culminando numa fervorosa exortação ao cultivo de piedade pessoal. Não foi o que recebi. Após o culto perguntei aos colegas seminaristas se haviam gostado da mensagem. Alguns me disseram que não a entenderam. Um deles disse que não havia gostado, pois não via nenhuma relação entre a missão da igreja e todo aquele falatório teológico sobre mudanças sociais. Falatório teológico? A propósito, conta-se que, convidado a orar, imediatamente após uma das muitas conferências do Shaull, um presbítero concluiu a sua prece com a seguinte petição: "e acima de tudo, ó Senhor, protege-nos contra o perigo da teologia."

Aquela conversa na porta da igreja prefigurava o tipo de atitudes que o novo missionário, teólogo e mentor iria enfrentar durante os seus muitos anos de trabalho no Brasil. Richard Shaull era erudito. Richard Shaull era culto. Richard Shaull iria entusiasmar a juventude evangélica com o seu dom de profundidade e clareza. Richard Shaull era o visionário dotado da capacidade de desafiar e anunciar. Para ele, como professor e mentor, o importante não era transmitir conhecimentos, mas questionar conhecimentos. Para ele, mais importante do que fatos era a mensagem dos fatos. Para ele, perguntas eram importantes, por vezes mais importantes do que respostas. Para ele, ouvir era tão importante quanto proferir. Para ele, ser cristão não significava seguir um acervo de regras, mas seguir a Deus, e correr com Deus o risco de uma jornada de fé, esperança e amor. E era o que propunha naquela noite. Propunha uma jornada que levaria da segurança institucional à busca do novo de Deus no mundo; das concepções dogmáticas ao envolvimento na realidade histórica; e da ação fragmentária à unidade e reconciliação. Como discípulo, companheiro e amigo percorri com ele vários segmentos dessa caminhada. E na medida em que escrevo mais convencido estou de que é

importante refletir sobre a distância percorrida, baseado na firme convicção de que a jornada continua.

Da segurança institucional à busca do novo de Deus no mundo.

Richard Shaull chegou ao Brasil numa época de grande agitação e mudança. Era a década de 50. Década de mutações vertiginosas. Naquele mesmo ano de 1954 o país passava por uma profunda crise constitucional que resultaria no suicídio do Presidente da República e na tentativa de um golpe de estado. Os estudantes se manifestavam nas ruas em defesa do monopólio estatal do petróleo e contra a subserviência do Brasil aos interesses dos Estados Unidos. As migrações internas se avolumavam. Meses depois um novo presidente seria eleito, e o país entraria numa fase de intensa industrialização, *pari passu* à construção da nova capital. As igrejas evangélicas não sabiam como se relacionar com tantas mudanças. Na verdade a questão não figurava na sua agenda. A preocupação básica do protestantismo nacional era como ganhar almas para Cristo. Para Shaull a pergunta fundamental era como descobrir e vivenciar os novos atos de Deus no contexto brasileiro. Para ele, a Igreja não existia para si mesma, como refúgio dos santos, mas sim, como comunidade apostólica (do grego *apostellein*, ou enviar), enviada por Deus para estar no mundo e com o mundo. Citando Agostinho, Shaull chamava atenção para o fato de que Deus não quer ser Deus sem o mundo. Devíamos, portanto, estar mais preocupados com o bem estar e o futuro do mundo do que com o bem-estar e o futuro da Igreja. A igreja existe para ser sal da terra e luz do mundo.

Das concepções dogmáticas à realidade histórica

Nada de filosófico, metafísico ou abstrato nos ensinamentos de Richard Shaull. Suas formulações eram bíblicas e teológicas. Espirituais? Sim, mas sua espiritualidade tinha sabor de história, baseada na concepção paulina de que o nosso Deus é um Deus vivente, o Deus de Abrão, Isaque e Jacó, o Deus dos profetas, o Deus que veio ao mundo na pessoa de Jesus Cristo para conceder-lhe não apenas vida, mas vida em plenitude (João 10.10). Para Shaull, como para Søren Kierkegaard, Deus não é uma verdade que se prova, mas um ser em relação ao qual se vive.

E assim foi que Shaull organizou grupos de seminaristas para trabalhar nas fábricas de São Paulo durante as férias escolares. E assim foi que Shaull organizou a comunidade de Vila Anastácio. Sim, em Vila Anastácio, um bairro

industrial da capital paulista, onde a maioria dos operários eram imigrantes de zonas rurais, sem nenhuma idéia de seus direitos. Inspirado na experiência dos padres operários, na França, Shaull encorajou um grupo de pessoas a viver semelhante ministério, naturalmente adaptado à situação do Brasil. E lá fomos nós. Trabalhávamos nas fábricas identificando-nos com os operários, e participando com eles num esforço comum de descoberta e reivindicação dos seus direitos. Tratava-se de uma iniciativa experimental, mas profundamente simbólica e precursora do que viriam a ser, décadas depois, as comunidades de base e o conceito de opção pelos pobres. Na verdade, para muitos, as posições teológicas articuladas e assumidas por Richard Shaull foram consideradas precursoras também da Teologia de Libertação.

E assim foi também que ele nos envolveu no trabalho da Associação Cristã de Estudantes do Brasil (UCEB). Tratava-se de um ministério especializado. À semelhança da Juventude Universitária Católica (JUC), a UCEB organizava capítulos locais, no caso, as Associações Cristãs de Acadêmicos, as ACAS. Em tais associações os estudantes evangélicos se encontravam para estudo, reflexão, apoio mútuo e bem assim para articular respostas aos desafios comuns que enfrentavam na escola e na sociedade.

A participação no trabalho com os estudantes e operários não apenas expandiu a nossa concepção de ministério mas também deu estrutura, conteúdo e direção ao nosso esforço de vivência de fé em meio às mudanças sociais que ocorriam no nosso contexto de vida.

Da ação fragmentária à unidade e reconciliação

Richard Shaull via na multiplicidade caótica e competitiva das igrejas e seitas como que um obstáculo ao testemunho cristão. Mais do que obstáculo, um descaso à oração sacerdotal de Cristo como registrada em João 17.22-23: *"...deí-lhes a glória que me deste, para que sejam um, como nós somos um. Eu neles, e tu em mim, para que sejam perfeitos em unidade, e para que o mundo conheça que tu me enviaste, e os tens amado como me tens amado."*

E assim foi que meses após chegar ao Brasil começou a ter reuniões informais com um grupo de monges dominicanos em São Paulo. Eram encontros de profundo teor teológico com o objetivo de identificar e clarificar os pontos de divergência e afirmar os pontos de convergência entre o catolicismo brasileiro e a fé reformada. Provavelmente foi a primeira tentativa no Brasil de encontro ecumênico de tal nível. E aqui, outra vez, Shaull antecipava o que estava para acontecer na década de 60, no pontificado de João XXIII e das resoluções do Concílio Vaticano II. Hoje as portas para o diálogo ecumênico entre evangélicos e católicos continuam abertas, embora não tão abertas como

antes de João Paulo II. A propósito, o trabalho com os estudantes havia sempre sido eminentemente ecumênico.

Eventualmente Richard Shaull seria o líder da delegação brasileira à conferência teológica de Estrasburgo, organizada pelo Conselho Mundial de Igrejas em parceria com a Federação Mundial Cristã de Estudantes, em agosto de 1960. A conferência contou com a participação de luminares da teologia de missão, e com a presença de mais de mil participantes de todo o mundo. Em reconhecimento à sua imensa contribuição à causa ecumênica, foi-lhe dada a honra de ser o primeiro orador, o iniciador da Conferência. Anos depois, e pela mesma razão, seria eleito Presidente da Federação Mundial Cristã de Estudantes.

Para Richard Shaull ecumenismo significava muito mais do que cooperação e esforço conjunto de denominações. Para ele ecumenismo refletia o caráter real da igreja como testemunha e instrumento do Deus que através de Cristo atua no mundo, destruindo barreiras de separação e produzindo reconciliação.

Além de teólogo Shaull foi para a nossa geração o profeta, o pastor e o companheiro. Com a minha esposa Joan, fui visitá-lo em Ardmore, Pensilvânia, na sua última semana entre nós. Lá me encontrei com Waldo Cesar, seu amigo especial, parceiro de muitas aventuras, e com Nancy, sua dedicada esposa. Visita curta, mas inesquecível. Fui dizer adeus. Mas de certa maneira ele nunca partiu. Seu exemplo, seus ensinamentos, suas iniciativas, e sua esperança por um mundo melhor, continuarão nos inspirando, e por certo, inspirando as gerações futuras. Neste sentido, a jornada continua, e ele continuará conosco.

Jovelino Ramos

Pastor presbiteriano, foi aluno de Richard Shaull no Seminário Presbiteriano de Campinas (SP), tendo trabalhado sob sua orientação em vários projetos, entre os quais a congregação de Vila Marieta, em Campinas, a comunidade de Vila Anastácio (SP) e a UCEB – União Cristã de Estudantes do Brasil. Foi o primeiro pastor da Comunidade Cristã de Ipanema (Rio). Em 1968 mudou-se para os Estados Unidos como exilado político, onde reside com esposa e filhos. Trabalhou durante anos com a equipe do Conselho Nacional de Igrejas (EUA) e em outras organizações confessionais e ecumênicas.

<joveramos@hotmail.com>

ERA BOM ESTAR JUNTO DELE – E MAIS NOS ENGAJAR PELOS POBRES

Leonardo Boff

Foi com serenidade e alegria espiritual que soube da páscoa de Richard Shaull, o grande amigo do Brasil e dos que crêm por estas terras. Aprendi muito dele, pois foi um dos primeiros, senão o primeiro, a suscitar a questão da revolução/libertação para o Brasil e para a América Latina. O encontro com ele em palestra em Gainesville e depois em encontro familiar nos USA me mostrou um teólogo e pesquisador incansável, atento para os novos rumos da realidade e por onde poderiam vir as respostas da fé. Mas principalmente admirei o sábio e sobretudo o homem no qual o espírito do evangelho se tornava irradiação. Sim, ele irradiava uma benquerença e uma serenidade que vinha do evangelho de Jesus. Era bom estar junto dele. Sua aura nos envolvia e saíamos alegres e com vontade de mais trabalhar e mais nos engajar pelos pobres.

Leonardo Boff

[<mm-lboff@compuland.com.br>](mailto:mm-lboff@compuland.com.br)

RICHARD SHAULL, SEMPRE À FRENTE DE SEU TEMPO

Luiz Alberto Gómez de Souza

Richard Shaull, Dick, foi, entre os jovens evangélicos dos anos 60, o que para nós, católicos, representou o Pe. Henrique C. de Lima Vaz. Sólidos na reflexão teológica um, filosófica o outro, pressentiram novos tempos e a emergência de uma outra consciência histórica. Shaull escrevia, nesses anos, em publicações de ISAL (Igreja e Sociedade na América Latina), sobre uma *"teologia da revolução"*. Tive meu primeiro encontro com ele, creio que em 1965, em Pedra Sonora, estado do Rio, na preparação do número de lançamento de *Paz e Terra*, na qual ele, Vaz e vários de nós colaboramos. Nos tempos do autoritarismo militar, questionado pelo poder político e por setores conservadores de sua Igreja, deixou o país ao qual se ligara muito profundamente.

Logo depois, em 1966, eu terminava meu trabalho com Ivan Illich em Cuernavaca e não sabia bem para onde ir. Escrevi-lhe e imediatamente conseguiu um convite para um colóquio em White Plains, perto de Nova York, para permitir-me ir a Princeton, onde ele lecionava e estudar a possibilidade de seguir ali uma pós-graduação. Assim era, atento às necessidades de cada um. Nos Estados Unidos, pude perceber o forte impacto que exercia sobre jovens esquerdistas norte-americanos, sendo o mentor intelectual de NACLA, com sua revista e publicações.

Pouco adiante chegou 1968, ano que visibilizou o esgotamento do período da modernidade, com a explosão criativa da contracultura. Dick Shaull acompanhou e vivenciou com entusiasmo esses novos tempos. Lembro que alguns companheiros da etapa anterior ficaram preocupados com um aparente abandono de certas bandeiras de luta. "Shaull nos deixou", disse-me um. Pensei comigo mesmo: "Não estará ele à frente, desvendando novos caminhos, que não são renúncia, mas dialética e contraditória continuação, mudando para permanecer fiel às opções mais radicais?" Vários de nós estávamos tocados pelos estimulantes ventos de renovação e de crítica. Os meios das Igrejas, institucionalizados, e os hábitos políticos e ideológicos, às vezes têm dificuldade para entender a profecia e a novidade. Pelos anos seguintes, com sua maneira discreta e firme, participou dos novos tempos.

Num certo momento Dick hospedou-nos, a Lúcia e a mim, em Nova York, num centro pastoral latino-americano da Igreja Episcopal, onde residia, quando vinha dar suas palestras naquela cidade. Deu-me indicações bibliográficas, com seu jeito despretencioso de quem parecia estar dizendo coisas sem importância. Um amigo que o conheceu ali, e que não sabia de sua biografia e trajetória,

observou que, à primeira vista, o que ele dizia era demasiado simples e de sentido comum. Os sábios têm o dom de deixar claras as coisas complexas, falando em estilo direto, sem escudar-se em erudição ou elocubrações enredadas. Lembro de uma exposição de Pe. Vaz, sobre moral e ética. "Só isso?", comentou alguém, que esperava um discurso mais complicado. Quem domina a fundo um tema, pode torná-lo transparente e reduzido às suas linhas essenciais.

Sempre inquieto, voltou ao Brasil para estudar aqui o fenômeno pentecostal. Recordo que, acompanhando os cultos da Igreja Universal, indicou que não se interessava tanto pela instituição, ou pelo comportamento de seus dirigentes; o que o tocava mais profundamente era olhar nos olhos daquelas pessoas que entravam no templo e ver como saíam logo depois, tantas vezes revigoradas e iluminadas. Em texto recente, para a última assembléia da CNBB, tive a ocasião de escrever: *"Há que ter um cuidado e uma sensibilidade especiais diante de muitos daqueles que procuram Igrejas pentecostais e neopentecostais: ali vão, freqüentemente, os pobres entre os mais pobres e desvalidos, as camadas de mais profunda exclusão. Como solução de facilidade, se pode, rapidamente, com boa dose de razão, apenas acusar essas Igrejas de explorar as carências desses pobres; seria importante tentar perceber, além disso, o que os leva até ali, na busca de conforto para seus sofrimentos acumulados, esperanças frustradas e sede de afeto e compreensão. Richard Shaull, teólogo lúcido e humano, com enorme empatia e caridade, que muito amou o Brasil e que acaba de partir de maneira tão serena e exemplar, teve essa postura de abertura e de escuta, na sua pesquisa sobre a Igreja Universal; justamente ele, como presbiteriano, em sua tradição calvinista, poderia ter tido apenas reticências e distâncias a certas práticas. Isso nos leva à necessidade de repensar a pastoral urbana nesse mundo preferencial dos pobres e necessitados"* ¹.

E no epílogo do livro que escreveu, com Waldo César, sobre sua pesquisa, Shaull concluiu pela necessidade de um encontro, mais adiante, da caminhada da libertação com o mundo pentecostal, num novo clima de renovação bíblica.

"Creio estarmos no limiar de outra promissora era de criatividade ecumênica, na qual pentecostais, católicos romanos ou protestantes das igrejas históricas descubram como cada um está empreendendo (novas) tarefas... no contexto das relações de compromisso para com os pobres e na presença da igreja entre eles, como tem estado na experiência de Fé na América Latina nas últimas décadas... E pode ser muito bem que ao longo dessa rota nos encontremos a nós mesmos em posição de estabelecer relações com pessoas de outras religiões que proporcionem novas fontes para a vida e esperança de todos nós" ².

Voltou ao Brasil, enfrentando um câncer, mas sempre vital, encontrando amigos e fazendo palestras. Disse-nos que era uma alegria vir a nosso país, onde

sentia que sempre aconteciam coisas novas e interessantes, quando tinha a ocasião de estimulantes diálogos. Pelas cartas de sua fiel companheira, Nancy, acompanhamos suas últimas semanas de vida e Waldo César, que esteve com eles nessa ocasião, representou um grupo grande de amigos em sua despedida. Partiu sereno, com a consciência de uma vida plena e fecunda, preparado para o grande e definitivo encontro com o Espírito. “ *He was ready to go, and I supported his leaving* ”, escreveu Nancy, no mesmo dia de sua morte. “ *We both felt that we had no ‘unfinished business’* ”³. Assim foi Dick, mestre e profeta infatigável e, sobretudo, um grande e querido irmão.

Notas

- ¹ L.A. Gómez de Souza, *Igrejas cristãs e política*, Comunicação à 41ª Assembléia Geral da CNBB, Itaici, 1º de maio de 2003.
- ² Waldo César e Richard Shaull, *Pentecostalismo e futuro das igrejas cristãs. Promessas e desafios*, Petrópolis, Ed. Vozes/Sinodal, 1999, p. 301.
- ³ Carta de Nancy Johns, *Dick's Progress* # 20, 25 de outubro de 2002.

Luiz Alberto Gómez de Souza

O autor é sociólogo, assessor de provimentos sociais e de pastorais da Igreja Católica, autor de recente livro *A utopia surgindo no meio de nós*, Rio, Mauad, 2003, Diretor Executivo do Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais (CERIS).

O PROFETA DO DIÁLOGO

Mozart Noronha

“... E aqueles que por obras velerosas
Se vão da lei da morte libertando
Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e a arte.”
(Luís de Camões)

Richard Shaull partiu e foi morar com as estrelas. Era assim que Jorge Amado, em *O ABC de Castro Alves*, imaginava homens e mulheres valentes que, ao deixarem a terra transformavam-se em estrelas. Richard Shaull partiu levando consigo um continente de saudades nossas e deixou conosco um continente de saudades suas. Libertou-se da lei da morte não só por suas obras valorosas, mas, principalmente pela Graça Divina, irresistível e incondicional, conforme ensinou aos seus discípulos na condição de um fiel herdeiro da Reforma Protestante. Assim como Dietrich Bonhoeffer, Shaull acreditava na Graça Preciosa que vem de Deus e ao mesmo tempo compromete o ser humano com os imperativos dessa mesma Graça. Com tal convicção jamais viveu preocupado com a sua salvação individual. Para ele esta salvação é por Graça e Fé, e, portanto, uma tarefa divina. Todo ser humano mergulhado na fonte da Graça não precisa preocupar-se mais com a salvação da sua alma, mas, com coragem, dúvida ou medo ousa dar um salto no escuro a exemplo de Sören Kierkegaard, na certeza de que alguém o espera de braços abertos. Martinho Lutero ensinou que deveríamos orar como se tudo dependesse de Deus e trabalhar como se tudo dependesse de nós. Richard Shaull concordava com Lutero e dedicou toda a sua vida a serviço da causa humana, especialmente dos pobres, oprimidos e marginalizados.

Depois de muitos anos fora do solo brasileiro Shaull voltou ao Brasil, em companhia da esposa Nancy. Sua vinda trouxe alegria e esperança. No Rio de Janeiro visitou a Paróquia Bom Samaritano, da Igreja Evangélica de Confissão Luterana, trazendo profunda e oportuna mensagem aos seus irmãos luteranos. Era um homem de diálogo, ecumênico por vocação. Suas convicções firmadas na teologia calvinista nunca o separaram das demais famílias cristãs. Pode-se afirmar que ele pertencia a todas as famílias eclesiais ou, melhor dizendo, a todas as famílias humanas. Alma muito grande, que jamais o deixaria circunscrito a um pequeno universo doutrinário-dogmático.

Para vê-lo e ouvi-lo compareceram, além de membros da comunidade luterana, inúmeros amigos que fizeram e ainda fazem parte de sua história. Selava-se, definitivamente, um relacionamento efetivo e afetivo do professor Richard Shaull com a Paróquia e Centro Social Bom Samaritano. Todas as vezes que voltava ao Brasil recebíamos a sua agradável visita e ouvíamos a sua palavra do púlpito ou em pequenos grupos de amigos. Num dos encontros fraternos que tivemos mostrei-lhe o livro de sua autoria, *O Cristianismo e a Revolução Social*. Shaull, com um sorriso e a simpatia que lhe era peculiar, pegou a caneta e escreveu: "Para Mozart, muitos anos depois de 1953. Com abraços, Richard Shaull". Não me lembro da data deste significativo autógrafo. Para ele não foi importante registrar aquele dia, mas destacar o tempo cronológico "muitos anos depois de 1953", quando a União Cristã de Estudantes do Brasil, com ousadia e fervor evangélico-revolucionário, entregava aos corações ardentes e mentes inquietas de jovens e adultos o clássico teológico-político-pastoral do professor e profeta de Deus Richard Shaull.

Em *O Cristianismo e a Revolução Social* escreve Shaull: "O Reino de Deus transcende todos os partidos políticos e a todos julga; a Igreja visível não pode ser identificada com qualquer partido sem a destruição de muito do seu testemunho. O evangelho é para todo povo, incluindo mesmo comunistas como também reacionários – e a igreja oferece a todos um lar espiritual, a todos os que crêem em Jesus Cristo sem olhar a filiações políticas." Esta frase expressa a convicção de Shaull. Homem de luta e de paz. Pessoa que conseguia ver no seu semelhante, desde que fiel e leal, alguém com quem se podia conviver e dialogar.

Richard Shaull era um ferrenho crítico do capitalismo desumanizante e alienante, mas também um crítico audaz do comunismo totalitário e burocrático. Para ele, tal projeto de libertação estava desvirtuado e tinha se transformado em uma proposta de características dogmáticas e assimilado os aspectos mais negativos da religião, acusada por seus adeptos como "ópio do povo".

Em seu novo momento o teólogo Richard Shaull estava voltado para estudar as manifestações religiosas do povo, especialmente os movimentos pentecostais e neopentecostais. Nesse projeto, ao lado de Waldo César, percorreu várias igrejas no Rio de Janeiro, com o objetivo de entender e escrever sobre outras manifestações de culto e de fé que têm se tornado sinais de esperança para inúmeros condenados e deserdados da terra. Essa busca, sem dúvida, fazia parte das aspirações ecumênicas e humanistas do nosso irmão, amigo e profeta do diálogo.

Mozart Noronha

Pastor da Paróquia Bom Samaritano. Comunidade Evangélica Luterana do Rio de Janeiro-IECLB. Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. <Ipanema@celurj.org.br>

MUITO OBRIGADA, SHAULL

Myra Bergman Ramos

Richard Shaull sabia fazer convites inesperados e de grandes consequências. Sei que mudaram a minha vida.

Primeiro, ele me convidou para ir ao Brasil. Encontrei Shaull pela primeira vez numa conferência da ACM na Nova Inglaterra. Falamos juntos por talvez quinze minutos. No fim da conversa, ele me perguntou sobre meus planos depois de terminar o curso pós-graduado. Eu disse que estava pensando em um trabalho na Tailândia. Shaull disse que o Brasil era mais interessante. Respondi que poderia ser, mas ninguém estava me pedindo para ir ao Brasil. Depois fiquei pensando no encontro, que por algum motivo me impressionou muito. Escrevi uma nota para Shaull, no Brasil, dizendo que tinha gostado muito da conversa. Ele escreveu de volta sugerindo de maneira casual que seu falasse com Margaret Flory, da Igreja Presbiteriana, na próxima vez que estivesse em Nova York. Quando entrei em contato com Margaret Flory, descobri que os dois já tinham planejado minha ida iminente ao Brasil. Eu seria "projeto piloto" para uma das muitas idéias criativas do Shaull – o *Frontier Intership*, que levaria jovens norte-americanos para viver e trabalhar em outros países na condição de estudante ou operário.

Tomada totalmente de surpresa, acabei indo ao Brasil em 1959, sem muita noção específica de minha tarefa, mas com a certeza de estar participando de algo muito importante. Aprendi o português e trabalhei com a ACA (Associação Cristã de Acadêmicos) do Rio, que fazia parte do grupo evangélico ecumênico UCEB (União Cristã de Estudantes do Brasil). Vivíamos uma época cheia de promessa de uma reforma profunda da sociedade brasileira – esperança que foi esmagada pelo golpe militar de 1964. Aquela vivência me abriu os olhos e mudou minha perspectiva de maneira fundamental. Nunca mais poderia ver os acontecimentos por lentes puramente norte-americanas.

O segundo convite foi igualmente surpreendente e significativo. Em 1969 eu estava morando em Nova York, e Shaull novamente interveio na minha vida. Propôs que eu traduzisse para o inglês o livro *Pedagogia do Oprimido*, do grande educador Paulo Freire (então em exílio). Não importava que não tivesse nenhuma experiência de tradução. O Shaull convidava, e a gente fazia. O privilégio de conhecer Paulo e de ter um papel na publicação de sua obra-prima nos Estados Unidos foi uma dádiva tremenda. Muito obrigada, Shaull!

Myra Bergman Ramos

Estudante nos EUA – 1953-59. Residência no Brasil – 1959-60 (como secretária assistente da ACA do Rio, grupo local da UCEB); e 1962-68 (como esposa do Rev. Jovelino Pereira Ramos). 1968-98 – administração universitária, inclusive na Escola de Medicina de Harvard, onde participei do desenvolvimento e execução de um currículo inovador. Fiz consultas com grupo brasileiro tentando reformar seu currículo médico. 1999 – participação no protesto contra WTO; 2003 – participação no Fórum Social Mundial em Porto Alegre; atualmente, participando da oposição a administração do Bush. (myraramos@direcway.com)

A "TERCEIRA CONVERSÃO" DE RICHARD SHAULL

Raimundo César Barreto Jr.

Excertos de artigo, produzido em Princeton, em setembro de 2003, cuja publicação integral será feita em revista especializada nos EUA.

Meu último encontro com Richard Shaull ocorreu poucos dias antes de sua morte. Fui à sua casa, juntamente com Mark Taylor – seu amigo e meu orientador na tese de doutorado no Seminário de Princeton – para nos despedirmos. Gentilmente atendendo a um convite meu, Shaull havia se tornado parte da minha comissão orientadora e também um dos mais importantes e mais agudos “provocadores” do meu pensamento durante a elaboração do projeto de tese. No curto período em que trabalhou comigo, Shaull já estava enfermo, mas continuava com a mente muito ativa. Permanecia escrevendo, encontrando e recebendo amigos em sua casa, pensando com muita clareza e procurando discernir o que, de novo, o Espírito de Deus está fazendo no mundo. Continuava apaixonado pela maneira como Deus estava agindo entre os mais simples, os pobres e excluídos. Mesmo na condição física debilitada em que se encontrava, continuava cheio de vida.

Penso no Shaull de quem me despedi há quase um ano atrás como um vulcão em plena atividade, apesar dos 82 anos de vida. Essa impressão se tornou ainda mais forte depois de ler alguns dos seus escritos publicados nos últimos seis anos de vida. Cheguei à conclusão que qualquer lembrança dele como pensador e profeta cristão que não leve em conta essa atividade de sua mente, no último estágio de vida, não faria jus ao todo de sua existência. É importante lembrar que Shaull foi alguém em constante construção, que nunca se permitiu atingir um ápice. Nunca permitiu que seu pensamento fosse cristalizado numa forma final. Por isso, para compreendermos a sua caminhada, é importante percebermos que até o fim ele continuava aberto para o irromper do Espírito de Deus, que vem ao nosso encontro a partir do futuro, e, portanto, aberto a experimentar novas “conversões”.

Neste artigo, gostaria de afirmar a relevância das últimas transformações experimentadas por Shaull, transformações que não alteraram o âmago da teologia que afirmou ao longo de sua vida. Suas últimas experiências e convicções, se bem entendidas, reafirmam as bases fundamentais da sua fé, de forma ainda mais radical e numa nova linguagem. Nos seus escritos mais recentes, Shaull passou a usar com mais frequência termos como “conversão”, “transformação espiritual” e “aprofundamento da fé” para descrever algumas de suas

experiências. Num artigo escrito para o periódico *The Other Side*, em 1997, ele se refere ao encontro com o pentecostalismo brasileiro no Rio de Janeiro como uma “terceira conversão”. Ele usou essa terminologia para falar não apenas de sua própria trajetória, como também para se referir às atuais transformações na caminhada da igreja, apontando sempre para possíveis alternativas de futuro que possam inspirar as novas gerações.¹ A fim de compreendermos o que Shaull chama de terceira conversão e o que esta pode nos oferecer em termos de contribuição, irei, de forma breve, resgatar as experiências que configuram as primeiras duas conversões às quais se refere. Sendo que Shaull não se preocupou em definir o termo “conversão” nos seus escritos, vamos usá-lo aqui simplesmente para indicar algumas transformações na sua trajetória espiritual que resultaram de encontros significativos com pessoas e realidades.

Primeira conversão

Embora Shaull não descreva no artigo referido o que teria sido a sua primeira conversão, creio ser possível inferir, com certo grau de confiança, que por primeira conversão podemos entender todo o processo que definiu sua fé como cristã e protestante. Reynaldo Leão Neto está correto ao afirmar que Shaull foi, durante sua vida inteira, um protestante. Sua vida e pensamento foram marcados do começo ao fim pela crença na soberania de Deus, que é o grande absoluto que julga e relativiza todas as demais instâncias, sejam ideologias, instituições, filosofias, estado, partidos políticos, igrejas, etc. Porque Deus é soberano, “absolutamente tudo está submetido à crítica e ao protesto”, inclusive a igreja protestante.² Podemos, então, entender todas as experiências e encontros que formaram essa característica da sua fé e do seu pensamento como parte dessa primeira conversão, marcada, desde cedo, por uma vida religiosa intensa, na qual cada experiência vivida e cada encontro com novas realidades e pessoas se transformava num encontro com a Divindade.

Os seus relatos autobiográficos mostram uma experiência religiosa que se formou por meio de encontros com diferentes “outros”. O seu encontro pessoal com a Bíblia, produziria nele uma inquietação, ainda no início da adolescência, diante do chamado radical de Jesus ao discipulado, bem como diante dos seus ensinamentos sobre o apego aos bens materiais e sua ênfase sobre o amor, em contraste com uma existência centrada em si própria. O encontro com a privação material na infância e adolescência lhe abriu os olhos para a realidade da miséria ao redor do mundo e lhe desafiou a usar sua vida na tentativa de transformar a ordem que criava tal situação.

No Seminário de Princeton, Shaull veio a experimentar uma nova transformação, marcada pelo seu encontro com três grandes pensadores protestantes.

Primeiro, John Mackay, novo reitor do seminário e ex-missionário na América Latina. Com Mackay, Shaull aprendeu a relacionar sua trajetória intelectual à sua trajetória espiritual. "Tudo o que aprendia da Bíblia e da teologia estava autenticamente centrado numa fé pessoal e numa experiência de vida", recorda Shaull.³ Também com Mackay, Shaull aprendeu que a natureza da fé cristã era de tal ordem que nos levava inescapavelmente à ação.

Já no seu encontro com o famoso teólogo Emil Brunner, Shaull pôde repensar sua herança reformada, sem precisar abrir mão da mesma, e encontrou um equilíbrio na sua teologia que o satisfazia como opção ao fundamentalismo, de um lado, e ao liberalismo, do outro. Brunner reforçou em Shaull a convicção de que "a suprema Realidade no coração do universo era a graça de Deus e sua compaixão presente e ativa na vida humana e na história". (SPG)

Mas, ninguém influenciou de forma mais definitiva o pensamento de Shaull nesse período que o teólogo tcheco Josef Hromadka. O pensamento de Hromadka, entre outras coisas, lhe forneceria ferramentas para a compreensão da crise da civilização ocidental, bem como lhe ensinaria a relacionar a teologia com as novas forças filosóficas e sociais. O que lhe marcou mais profundamente no ensino de Hromadka foi sua compreensão do significado da escatologia como algo central no pensamento bíblico. Nas palavras do próprio Shaull, Hromadka o ensinou que "podemos entender melhor nossa luta pela vida no confronto com o que virá a ser. Podemos agir mais responsavelmente no mundo quando guiados pela visão daquilo que mais contribui para sua futura transformação". (SPG)

Essa centralidade da escatologia no pensamento de Shaull foi fortalecida ainda mais pela linguagem teológica que ele adquiriu posteriormente, sobretudo após o seu encontro com Paul Lehmann, durante o interlúdio de dois anos entre seus ministérios na Colômbia e no Brasil. Conforme afirma o próprio Shaull, "Lehmann não apenas ensinou-me a pensar teologicamente, mas ajudou-me também a compreender que a teologia neo-ortodoxa que havia aprendido poderia transformar-se numa força poderosa para analisar as mudanças sociais e poder participar delas". (SPG) Para ele, a Bíblia era portadora de uma visão messiânica de um mundo em transformação.

Com Lehmann e, a partir dele, com Bonhoeffer, Shaull passou também a compreender a Igreja como sendo aquela comunidade no mundo onde Cristo está sendo formado. Lehmann, particularmente, mostrou que essa comunidade, ou *koinonia*, é o locus principal do testemunho apostólico profético e a realidade criadora da presença de Cristo no mundo. Percebendo, porém, que não encontrava esse testemunho apostólico profético na *ecclesia*, Shaull passou a procurar outras formas de *koinonia* nos movimentos de estudantes, nos sindicatos, e em outros movimentos que ele chamou de "igreja na diáspora."⁴

Segunda conversão

A segunda conversão de Dick Shaul teve relação com esse seu despertar para a natureza da Igreja como uma Igreja vivendo na diáspora. Ela teve início no seu encontro com os pobres latino-americanos, bem como com a miséria e opressão, quando chegou à Colômbia e, posteriormente, ao Brasil. Em sua primeira noite na Colômbia, Shaul se viu obrigado a passar por cima de crianças dormindo nas calçadas para chegar ao hotel. No seu encontro dramático com a pobreza, seus ouvidos foram abertos para escutar de modo novo o clamor apaixonado das Escrituras pela justiça. Essa "conversão", que chamou de conversão à solidariedade com os pobres, altera a maneira de Shaul fazer teologia, a qual passa a dar cada vez mais atenção ao contexto de pobreza e opressão no qual ele está inserido, sem o afastar completamente dos elementos mais marcantes que caracterizaram a primeira conversão.

Embora sua passagem pela Colômbia tenha sido bastante significativa, foi no seu encontro com os estudantes brasileiros na década de 50 que Shaul pôde desenvolver o papel não apenas de profeta, mas também de teólogo que influenciou uma geração inteira de pensadores brasileiros. Shaul foi o principal intelectual orgânico de um movimento evangélico, de caráter ecumênico e progressista, que causou rebuliço na Igreja e na sociedade brasileira até ser bruscamente interrompido pelas reações conservadoras na Igreja e pelo golpe militar de 64. Ele vislumbrou naqueles grupos de estudantes uma nova forma de comunidade cristã, numa nova fronteira, a fronteira das transformações sociais e em diálogo com intelectuais, cristãos ou não. Sempre com o olhar no futuro, Shaul entendia que ao desenvolver comunidades alternativas, o movimento estudantil cristão no Brasil assumia o risco e a possibilidade de ser a "igreja do amanhã". (SPG) Um exemplo dessa postura pode ser vista no uso que Shaul faz do termo 'revolução', o qual se tornou central para o seu pensamento nesse período. Ele usava-o como uma categoria teológica, não ideológica, compreendendo-o à luz da centralidade da escatologia e da transcendência radical de Deus que marcavam sua teologia. Ao usar o termo 'revolução' dessa forma, Shaul encontrava uma linguagem que facilitava a conexão da fé cristã com a situação concreta experimentada pelos cristãos naquele contexto histórico.

Aquele período de ebulição social no Brasil foi marcante, e Shaul, como ninguém, ofereceu algumas ferramentas teológicas para interpretar a realidade vigente. Nesse ínterim, porém, seu pensamento e sua prática foram profundamente transformados. Ao voltar para Princeton, Shaul não era apenas um teólogo norte-americano com uma experiência missionária na América Latina, mas, sim, alguém que, transformado pela sua imersão na realidade latino-americana, levava uma teologia desenvolvida em meio às lutas revolucionárias naquele

continente para desafiar seus estudantes norte-americanos. Mais tarde, frustrado com a apatia teológica no Seminário de Princeton, ele anteciperia sua aposentadoria e retornaria à América Latina, dessa vez à América Central, que fervilhava como um vulcão nos anos oitenta.

No processo de sua “segunda conversão” Shaull lançou algumas bases que mais tarde seriam desenvolvidas pela teologia da libertação. Ele ousou ao apontar possibilidades até então desconhecidas e ao antecipar temas que só entrariam nos círculos teológicos anos depois. E ao voltar à América Latina, nos anos 80, e se encontrar com as comunidades eclesiais de base, entendeu que uma nova reforma estava acontecendo na igreja, onde uma nova teologia estava dando à luz uma nova igreja.⁵ Mais tarde, ele descreveria esse encontro com a teologia e prática libertadora latino-americana como sendo uma “segunda conversão”. (SPG)

Num outro artigo, de 1991, Shaull se refere às CEB's como uma nova expressão da *ecclesia reformata semper reformanda*, e afirma que sua herança calvinista o “levou a crer que a igreja, a fim de ser fiel ao seu chamado, tem que sempre estar aberta à renovação e sempre disposta a responder, de novas maneiras, à orientação do Espírito Santo em novas situações históricas.”⁶ Para ele, a igreja está sendo sempre chamada a ler os sinais dos tempos. Nesse processo de sua segunda conversão, Shaull caminhou de uma solidariedade com os pobres, e da luta pela justiça, para uma convicção sobre o privilégio hermenêutico do pobre, que o colocava como ator teológico, a quem os teólogos “profissionais” deveriam ouvir. É com isso em mente que podemos entender melhor o que ele chama de “terceira conversão”.

Terceira conversão

Enquanto as duas primeiras conversões do Shaull são mais conhecidas e aceitas, muitos ignoram algo que foi muito significativo para o pensamento do Shaull nos últimos anos de sua vida: seu encontro com os pentecostais, que teve um forte impacto sobre sua vida.⁷ Mas, diferentemente, de outros analistas da explosão pentecostal na América Latina, ele não enxergou esse movimento como um substituto para a teologia da libertação e, sim, como um possível complemento para a mesma.

Em 1996, Shaull escreveu um artigo no qual afirmava que a teologia da libertação está viva e passa bem, mas que está experimentando um processo de renovação, o qual requer maior participação dos marginalizados e excluídos nas elaborações teológicas. Para ele, uma nova geração de teólogos/as da libertação não queria apenas conviver com os pobres e fazer teologia por eles, mas, sim, que a teologia partisse deles próprios. O convívio

com as CEBs, na década de oitenta, havia convencido Shaull, de uma vez por todas, quanto ao ponto de vantagem hermenêutica do pobre. No seu encontro com aquelas pessoas simples e às vezes iletradas que se reuniam para estudar as Escrituras, ele percebeu que elas tinham tal capacidade de compreender a riqueza e profundidade da mensagem bíblica, que ele, com todo seu preparo acadêmico, não possuía.

Quando iniciou sua empreitada acadêmica nas igrejas pentecostais do Rio de Janeiro, ao invés da abordagem "objetiva" típica da observação participante dos cientistas sociais, ele se aproximou dessas igrejas e dessas pessoas pentecostais como alguém convencido de que o Espírito de Deus estava não apenas agindo entre eles, mas também através deles para se dirigir aos demais. Shaull, assim, levaria às últimas consequências o privilégio hermenêutico dos pobres. No contato com eles, ele entendia que estava pisando num terreno sagrado, numa nova fronteira.

Sua abordagem, no entanto, não é acrítica. Ele, naturalmente, percebe que está diante de uma expressão da fé e da vida cristã que é bastante diferente daquela definida pela Reforma Protestante do século XVI. Sabe também dos riscos de exploração da fé e da religiosidade popular por líderes sem escrúpulos. No entanto, crê que "se for desenvolvida em fidelidade ao testemunho bíblico, essa visão e experiência da fé cristã... poderia oferecer uma resposta convincente para a presente crise da civilização [ocidental], especialmente ao grande número de pobres e marginalizados que são vitimados por ela."⁸ Assim, Shaull convida as igrejas históricas a entrarem num diálogo aberto com esse mundo pentecostal. Os termos desse diálogo são os mesmos dos seus diálogos anteriores, com o marxismo e com as ideologias políticas no período revolucionário. Deve haver abertura para se aprender com os pentecostais e para se discernir o que Deus está apresentando a nós através desse movimento religioso, mas, ao mesmo tempo, uma reflexão crítica que possibilite o protesto e a reorientação sempre que necessários. Ele permanecia radicalmente protestante.

Ao falar de uma terceira conversão, Shaull não está convidando todos os cristãos a se tornarem pentecostais, mas, sim, a uma abertura que lhes permita conectar com o mundo religioso das classes mais pobres, que está impregnado de expressões pentecostais. O convite à terceira conversão é, portanto, um convite a um encontro com o outro. Assim como em Lévinas, para Shaull a ética começa no encontro face-a-face com o outro, que no seu caso é o outro pobre e, nesse ponto de sua vida, o outro pentecostal.

Conclusão

Richard Shaull contrastava um ideal firme e um senso de missão inabalável com uma tremenda capacidade de se deixar transformar por seus encontros com a vida, com as realidades e com as pessoas com quem pôde conviver. Ao lermos seus escritos notamos, por um lado, um senso de missão que parece acompanhá-lo desde a adolescência. A paixão pela justiça e a convicção de que Deus está vivo e ativo na história humana sempre marcaram tanto sua ação como sua reflexão. No entanto, é exatamente essa compreensão da presença dinâmica de Deus no mundo, agindo sempre de maneira nova e surpreendente, que o impede de cristalizar seu pensamento. Shaull, do começo ao fim de sua vida foi alguém aberto para o futuro. Alguém sempre procurando entender de que jeito Deus está agindo agora, e o que Ele nos está chamando a fazer. É por isso que em alguns de seus últimos textos, vemo-lo falar em “conversão” como uma analogia para diversos encontros transformadores em sua jornada. Há uma conversão na adolescência, conversão em sala de aula no seminário de Princeton, conversão no seu encontro com a pobreza na Colômbia, conversão no seu encontro com a revolução, conversão quando encontrou as CEB's e, finalmente, uma conversão no seu encontro com o pentecostalismo.

O último legado do Shaull para a Igreja brasileira não pode ser desprezado. Seu último chamado profético às igrejas cristãs foi para que estas não apenas se encontrem com o mundo e a realidade dos pobres, mas também que se tornem abertas para ouvir o testemunho destes. Somos desafiados a assumirmos o papel criativo da teologia, permitindo que ela transforme e recrie nossas lógicas. Credo que o Espírito Santo está fazendo algo novo entre os pentecostais, Shaull nos desafia a permitirmos que esse mesmo Espírito nos fale através deles.

Notas

¹ Richard Shaull, “The Third Conversion,” *The Other Side* 33/2 (1997):32-34.

² Reynaldo Ferreira Leão Neto, “Richard Shaull - O Profeta da Revolução,” in *Pastoral e Mística, Cadernos de Pós-Graduação/Ciências da Religião* XIII/8 (1995): 83-110. Leão Neto consegue, ao meu ver, captar algumas características-chaves para a compreensão do pensamento de Shaull.

³ Boa parte das referências a seguir, procedem do manuscrito de suas memórias, gentilmente cedido pelo próprio Shaull, agora publicadas sob o título *Surpreendido pela Graça*, Editora Record, Rio, 2003. No texto serão indicadas por SPG.

⁴ Richard Shaull, “The Form of the Church in the Modern Diaspora,” *The Princeton Theological Bulletin* 57/1(1964): 3-18.

⁵ Richard Shaull, *Heralds of a New Reformation* (New York: Orbis Books, 1984), 119.

⁶ Richard Shaull, “The Christian Base Communities and the Ecclesia Reformata Semper Reformanda,” *The Princeton Seminary Bulletin* 12/2(1991)201-213(201).

- ⁷ Richard Shaull e Waldo Cesar pesquisaram por dois anos o pentecostalismo no Rio de Janeiro. O resultado dessa pesquisa foi o excelente livro *Pentecostalism and the Future of the Christian Churches: Promises, Limitations, and Challenges* (W.B. Eerdmans: Grand Rapids, MI., 2001), também publicado em português pela Editora Vozes.
- ⁸ Richard Shaull, "From Academic Research to Spiritual Transformation: Reflections on a Study of Pentecostalism in Brazil," *Pneuma* 20/1 (2001):71-84 (75).

Raimundo César Barreto Jr.

Batista, mestrado em teologia em Praga (República Tcheca) e Atlanta (EUA), ora completando o doutoramento no Princeton Theological Seminary (EUA), sobre o tema "Quando Carisma e Justiça se encontram: em busca de uma ética social evangélica no Brasil". Em Princeton conheceu Richard Shaull, que se tornou membro de sua banca, sendo possivelmente o último doutorando orientado por ele. <raimundo.barreto@ptsem.edu>

“... SU CADÁVER ESTAVA LLENO DE MUNDO”

Rubem Alves

Eu era jovem e andava por um caminho plano e seguro. Todos os seus detalhes me haviam sido ensinados. Ele estava todo sinalizado com tabuletas para evitar que alguém se perdesse. Em algumas tabuletas se liam “certezas”. Em outras, “proibições”. Certezas e proibições têm importantes funções psicológicas. As certezas nos dizem que já encontramos a verdade. Quem já encontrou a verdade deixa de procurar. As certezas, então, embalam a inteligência que se põe a dormir. É tranqüilizante saber-se possuidor da verdade. Eu vivia tranqüilo. As proibições, por sua vez, nos dizem o que não se pode fazer. Sabendo-se o que não se pode fazer somos libertados da terrível necessidade de tomar decisões. As decisões são necessárias quando nos defrontamos com uma encruzilhada, bifurcação, dois caminhos à nossa frente. Posso tomar o caminho da direita, posso tomar o caminho da esquerda. Mas não há nenhuma tabuleta indicando qual deles conduz ao fim desejado. Toda encruzilhada nos coloca numa situação de incerteza. E a incerteza produz ansiedade: é preciso decidir, sem saber ao certo... Mas se existe uma tabuleta num dos caminhos com a palavra “Proibido”, a dúvida se resolve. A proibição decide por mim. Livro-me, assim, da terrível condição de ser um ser moral – que é, precisamente, a condição de tomar decisões sem ter proibições que decidam por mim. Eu não tinha conflitos morais porque as proibições já haviam tomado as decisões por mim. Assim caminhava eu, dezenove anos, pelo caminho das certezas e proibições, tranqüilo, pelo caminho que levava aos céus. Pois os céus não são o destino dos homens? Tão convencido estava eu do caminho que estava seguindo que até me havia matriculado numa escola onde se ensinam certezas e proibições, um seminário, porque o meu desejo era conduzir as almas pelo caminho que eu seguia.

Aí, o inesperado aconteceu. Um homem apareceu no meu caminho, andando na direção contrária. Perguntei-me, espantado, se ele não se dava conta de estar andando na direção errada. Aí, ao nos aproximarmos, ficamos um diante do outro, e olhei bem dentro dos olhos dele, e vi, refletido como num espelho, um mundo que eu nunca havia visto, o mundo que estava atrás de mim, o mundo do qual eu fugia, em busca dos céus. Olhando bem vi que naquele mundo não havia caminhos. “Caminhante, não há caminhos! Os caminhos se fazem ao caminhar!” E também não havia nem certezas e nem proibições. O que havia eram horizontes, direções, possibilidades, liberdade. E o mundo muito bonito. Me convidava...

O estranho não disse nada. Mas os seus olhos apontaram. E os meus olhos se abriram. Experimentei então os medos e os risos das dúvidas. Pois não é isso que experimenta o alpinista que escala o Aconcágua? O risco da morte bem vale a emoção dos desafios! Os que não suportam dúvidas jamais escalam picos; eles ficam nas planícies andando pelos caminhos conhecidos e seguros. Experimentei a alegria e o sofrimento de ter de tomar decisões sem que ninguém me desse ordens ou proibições, tendo apenas o meu próprio coração como conselheiro. Troquei o caminho que leva aos céus pelos muitos caminhos que levam ao mundo. E assim tenho andado pela vida afora, sem certezas e sem proibições... Tudo por causa do olhar daquele homem...

Ele, o estranho com que me encontrei, viveu aqui em Campinas. E posso dizer que a minha vida se divide em dois períodos: antes de conhecê-lo, depois de conhecê-lo. O seu nome era Richard Shaull. Lembro-me perfeitamente bem: encontramos-nos pela primeira vez na avenida Brasil, próximo ao cruzamento com a rua frei Antônio de Pádua. Era o ano de 1953. As casas eram poucas, os eucaliptos eram muitos. Não falava português; falava espanhol. Havia sido expulso da Colômbia, por ordens da hierarquia católica. Uma igreja construída sobre verdades e proibições não pode suportar a presença de alguém que ensina dúvidas e liberdade. Viera então para o Brasil como professor do Seminário Presbiteriano, à avenida Brasil, 1.200. Se me perguntarem: "O que foi que você aprendeu com ele?" – a resposta é simples: "Dick Shaull me ensinou a pensar." Lembro-me de um prova que fiz em uma de suas disciplinas. Eu estava certo de que teria 10, porque a prova tinha sido completa, perfeita. Mas ganhei um 9.0. Fui reclamar. Aleguei que havia escrito precisamente o que ele havia dito nas aulas. Ele me respondeu: "Por isso mesmo. Você apenas repetiu o meu pensamento. Lendo a sua prova eu não aprendi nada. Eu esperava encontrar na prova o seu pensamento..."

Profetas não são videntes que anunciam um futuro que vai acontecer. Profetas são poetas que desenham um futuro que pode acontecer. Profetas sugerem um caminho. Richard Shaull falava de futuros com que nós nunca havíamos sonhado. Ele via o que ninguém mais estava vendo. Em seis meses ele já sabia muito mais sobre o Brasil do que eu. Foi ele que me apresentou a um catolicismo inteligente. Sugeriu que eu lesse *A Descoberta do Outro* e *Lições de Abismo*, livros dos anos de lucidez de Gustavo Corção. Foi através dele que fiquei sabendo dos movimentos de renovação que silenciosamente fermentavam dentro da Igreja Católica, a renovação bíblica, a renovação litúrgica, movimentos esses que haveriam de influenciar profundamente o Papa João XXIII – de saudosíssima memória! – e o Concílio do Vaticano II.

Pensador profundamente mergulhado na tradição da Reforma Protestante (celebrada no dia 31 de outubro, data em que Lutero afixou suas "95 Teses", às portas da catedral de Wittenberg), ele nos ensinou a lição fundamental de

teologia: “O problema do céu, Deus já o resolveu por nós. Não há nada que tenhamos de fazer. Resolvido o problema do céu, estamos livres para cuidar da terra, que é o nosso destino...”

Shaull tinha visões de um mundo diferente. Foi o primeiro que me falou da responsabilidade social dos cristãos. Se, para a igreja tradicional o mundo era o lugar da perdição do qual os cristãos deveriam fugir – foi isso que os monges fizeram -, para Shaull o mundo era o lugar da nossa vocação. É preciso estar presente no mundo para que ele se renove, ele dizia. Essa palavra, “presença”: como era importante no seu pensamento! E foi assim que ele liderou um projeto impensável: um grupo de seminaristas, durante as férias, trabalhando como operários numa fábrica na Vila Anastácio, em São Paulo. A inspiração para esse projeto veio de um movimento católico, os “padres operários” que, na França, resolveram parar de esperar que os trabalhadores fossem à igreja, e foram, eles mesmos, até onde eles viviam: as fábricas. Sem o saber, Shaull estava lançando as sementes da “teologia da libertação”.

Cerca de 10 anos antes do Concílio do Vaticano II ele já sonhava com o ecumenismo. Ecumenismo: essa palavra era maldita tanto para protestantes quanto católicos. Para os católicos, donos da verdade, maldita porque os protestantes eram apóstatas. Para os protestantes, donos da verdade, maldita porque os católicos eram idólatras. Inimigos irreconciliáveis, como poderiam católicos e protestantes se assentar para partilhar de uma fé comum e do mesmo ritual eucarístico? Pois o Shaull, andando na direção contrária como convém a um profeta, resolveu transgredir o proibido: organizou encontros secretos com os dominicanos de S. Paulo e nos convidou, um pequeno grupo de seminaristas, a participar da conspiração. Sabíamos que se a conspiração fosse descoberta a punição seria certa: seríamos expulsos do seminário. E assim, com uma mistura de medo e de alegria, lá íamos nós com o Shaull, para uma experiência com que jamais havíamos sonhado. Foi bom descobrir que os católicos eram pessoas inteligentes, amantes da Bíblia, fraternas... Até então não sabíamos disso!

Não conheço ninguém que em tão curto espaço de tempo tenha semeado tanto. Não é possível contar tudo. Só posso dizer que um homem que anda na direção contrária não o faz impunemente. Os profetas são seres malditos. Nietzsche, um outro que caminhou na direção contrária, sabia o preço que se paga por ver o que os outros não vêem. Dizia ele: “Os fariseus têm de crucificar aquele que inventa a sua própria virtude”. Aqueles que não vêem odeiam aqueles que vêem. Richard Shaull foi crucificado. As igrejas não o suportaram: expulso da Colômbia, pelos católicos, expulso do Brasil, pelos protestantes...

Agora ele ficou encantado. Partiu. É certo que plantarei uma árvore para ele no meu lugarzinho solitário, no alto de um montanha, à beira de um vulcão,

junto com as árvores de outros conspiradores... No silêncio, quando não houver ninguém por perto, as árvores conversarão entre si...

Rubem Alves

Escritor, ex-teólogo. <rubem_alves@uol.com.br>

AH, AH! BEM, E ENTÃO?...
Como, a ver, Richard Shaull pensava e agia

Rubens Menzen Bueno

Nós éramos universitários realmente preocupados com a situação brasileira. Vivíamos naquele ciclone de idéias-ideologias, movimentos-partidos, comunidades-rompimentos. Os instrumentos de análise, os dados e fatos eram desembaraçados e postos em “esquemas” compreensíveis, graças às perspectivas dos partidos, dos líderes, dos intelectuais em movimento.

Shaull se admirava da velocidade com que as coisas aconteciam e de como nós avançamos, queimando etapas, vendo mais longe, mais claro. Na verdade ele tinha dado o empurrão com suas abordagens da “história do pensamento humano”, onde a fé e as religiões têm também papel central.

Mas assim que “fechávamos” nossa descrição, vinha a reação do Shaull: “Ah, ah! Bem: e então? Se isto é assim, qual é nosso compromisso? Que temos de fazer? Como respondemos à essa realidade? O que muda em nosso pensamento e ação?”

Evidentemente ele se incluía imediatamente no grupo que via as coisas daquela maneira. Mas ele não era um ingênuo político. Ele escarafunchava nossos dados, nossa ótica, os valores que presidiam nossas utopias (ou vice-versa), nossas organizações e a eficácia de nossas ações. Frequentemente ele enriquecia o cenário com fatos de um mundo mais amplo – da história, da fé, de outras situações no terceiro mundo. Mas seu enriquecimento não rompia o nosso compromisso.

E em seguida vinha o desafio: “Tudo isto nós temos como base para refletir e ponderar. Mas, então, para onde vamos? Que vamos fazer na prática? Como será nossa vida de hoje em diante? E como isto altera nosso pensamento?”

Por isso o Shaull não fez uma “Teologia Sistemática”. Shaull entendeu que nossa posição é de insegurança : temos que enfrentar perguntas para as quais não há respostas, ou seja, o ponto de partida para a reflexão teológica é o nosso inescapável envolvimento, como cristãos, nessa luta.

Mas a experiência é que a teologia que temos não nos equipou para desaprender o tipo de pensamento – de cartesiano a dialético, tanto faz – e para construir uma nova vida e pensamento que são exigidos para a transgressão e a transcendência na nova ordem secular. O intelectuais que chegaram a esta compreensão não estão dispostos a mudar suas vidas, atados que estão a decisões vocacionais tomadas há vinte anos. Os estudiosos da ética cristã na Europa e Estados Unidos não têm interesse nessa abordagem.

Quem pode dizer o que o Shaull pensaria agora? Creio que foi no ano 2000, eu lhe contei que levava seu pensamento para as aulas da Escola Dominical da Igreja Pentecostal do bairro. Ele nem me perguntou "que pensamento". Simplesmente disse que isso provavelmente era o que ele falava antigamente. Mas queria saber quais ações o grupo pentecostal fazia no bairro. E quando eu critiquei os pentecostais porque não falavam da "realidade brasileira", ele me disse que talvez estivessem falando, mas a partir de outro paradigma, que eu deveria compreender melhor.

E, começando de novo, voltou à pergunta do profeta: Ah, ah! Bem! E então? E agora?

Diante disto, que novo rumo vai tomar sua vida e da sua comunidade?

Rubens Menzen Bueno

Estudei no Seminário Presbiteriano de Campinas (1959-63), fui secretário da União Cristã de Estudantes do Brasil-UCB (1962-1968), fui vice-presidente da UEE/SP (1962-1963), militei na UNE, estudei Ciências Econômicas no Recife (1964-1967), fui membro "at large" do comitê executivo da Federação Mundial Cristã de Estudantes (1964-1968), fiz mestrado e trabalhei com desempregados em Puerto Rico (1969-73), trabalhei na indústria automobilística com o movimento sindical metalúrgico em S. Bernardo do Campo (1974-2002). Devo a maior parte das decisões de vida aos diálogos com Shaull.

rmenzen@uol.com.br

MESTRE E AMIGO

Tomiko Born

Foi um privilégio enorme ter conhecido e convivido, em vários momentos da minha vida, com Dick Shaul.

Quando teria sido o primeiro encontro? Provavelmente por volta de 1952, quando cursava meus primeiros anos na Faculdade de Serviço Social. Compareceu ele, na companhia de Letícia Costa, a uma reunião ecumênica, na Igreja Metodista Livre, no bairro de Jabaquara, em São Paulo. Éramos todos/as jovens nisseis, membros das Igrejas Holiness do Brasil, Metodista Livre e Episcopal, e vínhamos realizando atividades conjuntas há algum tempo. João Mizuki, um jovem pastor da Igreja Metodista Livre, participara do histórico encontro da Federação Mundial Cristã de Estudantes, no Sítio das Figueiras, e havia voltado cheio de entusiasmo. Logo depois, convidara Richard Shaul para estar conosco.

A partir do contato com o Shaul e a Letícia, passei a participar de encontros promovidos pela UCEB, juntamente com muitos outros jovens das igrejas acima citadas e continuei a fazê-lo ao longo de todo o curso universitário. Foram vários acampamentos no Sítio das Figueiras, São Paulo e outros em Pedra Sonora, Resende.

Eu era uma jovem confusa, limitada e desorientada pela doutrina de minha igreja, que pregava a santificação, ou seja, o batismo pelo Espírito Santo e a possibilidade de um estado de perfeição moral e religiosa. Havia participado em várias reuniões de reavivamento espiritual, ouvindo sermões que falavam de libertação da raiz do pecado. O pecado a que se referiam era o individual, muitas vezes resultante de relacionamento conflituoso entre pessoas, na família, no trabalho, na escola...

Leio novamente o texto que Shaul escreveu após o atentado de 11 de setembro no World Trade Center (traduzido por Waldo Cesar) e encontro a mensagem que há meio século abriu perspectivas totalmente novas para aquela jovem confusa:

No centro de nossa fé, está a convicção de que o Deus que criou este mundo, deu aos seres humanos uma extraordinária liberdade – cultivar uma vida abundante para todos; ou explorar essa liberdade na destruição da vida humana e da sociedade. Deus nos deu a possibilidade dessa escolha, e não violenta essa liberdade nem a tira de nós, mesmo quando explorada por homens em desespero.

Nossa herança de fé também declara que Deus está ativamente presente neste mundo. Está presente como aquele que ouve o lamento dos pobres e dos abandonados da terra. Deus acompanha o seu sofrimento – e nos chama a segui-lo; e oferece vida, para nós e para outros, na medida em que respondemos ao lamento dos que sofrem.

Como aconteceu com muitos, o convívio com Shaull naqueles anos da juventude, marcou profundamente a minha vida. Não foram apenas as suas palavras, mas o cuidado que ele teve comigo e, acredito, com cada pessoa que conviveu com ele. Os depoimentos no culto em sua homenagem, realizado na capela do Seminário da Igreja Presbiteriana Independente, em São Paulo, deixaram isso muito claro. Lembrei-me, então, das várias ocasiões em que conversei com ele sobre as dificuldades que estava encontrando com a doutrina da minha igreja. Os cuidados que dele recebi não foram somente nesses momentos, mas, também, em períodos de sofrimento e desorientação pessoal.

Após o seu falecimento li também, no livro *De Dentro do Furacão*, textos autobiográficos, no qual fala da sua infância pobre, da família atingida pela Grande Depressão,

... muito raramente idéias religiosas eram discutidas, mas o espírito religioso, o amor, o cuidado e uma grande sensibilidade face às injustiças sofridas por homens e mulheres num mundo mais vasto que o nosso estavam presentes.

E consegui enxergar a fonte da luz que iluminava a face de Shaull, mestre e amigo.

Tomiko Born

Assistente social, dedica-se desde 1974 a trabalhos relacionados com problemas do envelhecimento. Foi professora do curso de Gerontologia Social do Instituto Sedes Sapientiae (São Paulo). Embora aposentada, continua ativa na Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia, coordenando o Fórum Nacional de Instituições de Longa Permanência para Idosos e cursos para formação de cuidadores idosos.

<thborn@uol.com.br>

R

ESENHAS

Surpreendido pela Graça, Shaull, Richard, Editora Record, Rio de Janeiro, 2003, 322 p.

UM CAVALHEIRO ENTRE DOIS MUNDOS

Clara Mafra

Nenhum período do século passado foi tão decisivo para as igrejas protestantes no Brasil e na América Latina como os anos 50 e 60. É este o período em que as igrejas se abriram para as questões sociais, descobriram o comunismo, se voltaram para o mundo dos trabalhadores, inauguram o ecumenismo. Nenhuma memória social é tão dolorosa quanto a deste período. É este o tempo das denúncias, da intolerância, das exclusões, do corte abrupto de movimentos, da tortura, do medo. Como tirar o véu de silêncio que se estabeleceu sobre o período sem cair na simples acusação do opositor autoritário e a vitimização dos que foram forçados ao exílio?

Esta história tem sido silenciada e ainda está para ser escrita. Mas com certeza, um passo fundamental foi dado por Richard Shaull, com sua autobiografia, *Surpreendido pela Graça*. No livro, em uma escrita leve ainda que com o rigor de historiador (o autor cita documentos originais, datas precisas, detalhadas seqüências de eventos, lista de testemunhas), Shaull nos conduz em uma retrospectiva sobre aqueles anos.

Curiosamente, foi por acaso que Shaull, Mildred, e suas duas filhas, vieram para o Brasil. Com trinta e três anos, com experiência de missão na Colômbia, recém doutorado em Teologia em Princeton, Shaull passava por São Paulo apenas para participar de uma conferência. Iria apresentar uma comunicação na *I Conferência Latino-Americana de Estudantes Cristãos* e, então, seguir para a sua nova missão no Chile. Porém, já nas primeiras conversas com o grupo de jovens organizadores do evento, o autor nos conta, ficou impressionado com seu trabalho, seu entusiasmo, sua esperança na possibilidade de articulação entre “vida e fé”, como se dizia então. Estas duas palavras acionaram um reconhecimento mútuo, entre Shaull e aqueles estudantes. Seguindo uma certa tradição Reformada, as igrejas de missão no Brasil viviam sob o lema de “estar separadas do mundo”, de “não sujar as mãos com a política”. O ideal era de pureza e separação com relação à sociedade abrangente. Os jovens, curiosos e vorazes por um horizonte mais amplo, queixavam-se do gueto em que foram criados e buscavam alternativas, certamente dentro de um referencial religioso, para experimentar novos caminhos. Ora, Richard Shaull era o teólogo que aqueles jovens de classe média buscavam: ao longo de sua formação, ele se distanciara dos colegas americanos democratas mas anti-comunistas, e investira em uma reflexão sobre as relações entre teologia cristã, justiça social, comunismo e ecumenismo (tendo como forte referência Karl Barth). Ao mesmo tempo, ao contrário de seus colegas acadêmicos e mais convencionais, Shaull cultivava um forte sentido de urgência e da necessidade de engajamento efetivo “com o povo”. Na Colômbia, por exemplo, mudara-se da casa luxuosa em um bairro de classe média alta que a missão lhe designara, para morar em um bairro operário, onde junto com a esposa e amigos, realizara cursos de formação.

A sinergia do primeiro encontro em São Paulo desembocou em um convite formal para que Shaull viesse para o Brasil, para dedicar-se, junto com Jorge César Mota, ao trabalho com jovens na recém formada União Cristã de Estudantes do Brasil (UCEB). Foi assim, um pouco por acaso, um pouco por improviso, e muito pela certeza compartilhada por todos envolvidos de que se vivia um “bom encontro”, que o Brasil acabou ficando, em lugar do Chile, com aquele teólogo norte-americano que, mais tarde, seria conhecido como “o precursor da teologia da libertação”.

Inquieto e articulado, aberto e criativo diante das oportunidades e possibilidades, Richard Shaull deixou uma marca profunda no protestantismo latino-americano. Não são poucos os jovens de então, hoje senhores e senhoras, que tiveram no pastor o seu Cabo de Esperança, o “antes e depois do encontro com Shaull”: Jovelino Ramos, Rubem Alves, Celso Loula, Claude Labrunie, Eduardo Galasso, Rubens Bueno, Áureo Bispo dos Santos, João Dias de Araújo, Edir Cardoso, entre outros. Com um olhar franco e direto, um ouvido atento, modéstia diante do desconhecido e convicção de fé, Shaull facilmente cativava seus jovens

interlocutores, encorajando-os na experimentação e abertura para o mundo. Além disso, ao contrário de tantos líderes que vieram depois, ele acumulava a qualidade de saber delegar. Ora, o encontro de Shaull, uma pessoa com as suas qualidades, com uma certa euforia utópica e desenvolvimentista por que passava o país na época, permitiram que uma vasta rede evangélica e ecumênica fosse criada e institucionalizada em poucos anos, colocando em comunicação e em atividade, pela primeira vez, um enorme conjunto de igrejas e pessoas que antes se viam ilhadas. Cite-se, entre estes investimentos, União Cristã de Estudantes do Brasil (UCEB), que chegou a atingir 25.000 membros; a Associação Cristã de Acadêmicos (ACA), associação que reunia jovens de diferentes denominações evangélicas; a criação do Setor de Responsabilidade Social da Igreja, ligado à Confederação Evangélica do Brasil.

Certamente sua condição de estrangeiro ajudou neste percurso de criação e cimentamento institucional: vindo de outro país, Shaull não tinha o apego aos rancores e mágoas que as alimentavam as fronteiras entre várias tribos denominacionais. Ao mesmo tempo, o fato de ser um reverendo americano com doutorado em Princeton, garantia-lhe uma posição de prestígio no topo de uma elite cristã protestante, a partir de onde podia circular por entre as divisões estabelecidas, para além da boa ou má aceitação de suas idéias.

Shaull não era um norte-americano típico. Ao longo do livro ficamos sabendo como, pouco a pouco, ele foi se distanciando de algumas referências do patriotismo norte-americano, senso-comum nos anos 50. Na Colômbia, ainda nos anos 40, ele pôde sentir de perto os efeitos perniciosos da guerra fria e da truculenta prática intervencionista dos Estados Unidos. Parte de seu tempo de doutorado, no retorno aos Estados Unidos, entre 50-52, ele se dedicou à leitura dos clássicos marxistas e à busca de uma resposta cristã aos impasses entre as alternativas, tidas como excludentes, entre capitalismo e comunismo. Não é estranho, portanto, que no Brasil, ele viesse a se aproximar dos padres dominicanos e da esquerda comunista.

Difícil imaginarmos hoje, quando somos bombardeados cotidianamente por imagens de tribos distantes e comunidades exóticas, o impacto vivido por Shaull em seu primeiro encontro com os dominicanos. Esta passagem é, porém, preciosa em sua biografia. Shaull nos conta de seu estranhamento ao entrar pela primeira vez na vida em um monastério, ao se ver cercado por vários monges com seus longos hábitos, do acolhimento caloroso, das longas horas de conversa, da surpresa do reconhecimento mútuo e cumplicidade. Tal como os dominicanos e boa parte da esquerda radical de então, os jovens da UCEB e da ACA vinham realizando trabalhos em favelas, experimentando o trabalho operário, e mesmo criando comunidades em vilas operárias. Eles compartilhavam, portanto, de um mesmo "caldo cultural de esquerda". Porém, à medida que os anos passavam, o que era tímida admiração, passou a se transformar em opção. Dizia-se que os comunistas, ao con-

trário dos cristãos inseridos na igreja, realizavam, de modo mais radical e íntegro, a verdadeira mensagem cristã. Nas suas memórias, Shaull reconhece o fascínio que a esquerda secularizada causou sobre aqueles jovens, e uma certa sensação de impotência de sua parte, como homem de fé, em sua tentativa de domar o avanço secular que se fazia naquele roldão.

Ao contrário da esquerda mais ortodoxa, Shaull nunca deixou de apostar na vida institucional da sociedade civil. Porém, ele pagou bastante caro por acreditar na capacidade de renovação de instituições pesadas e morosas como eram as igrejas protestantes de então. Sua experiência no Seminário Teológico Presbiteriano de Campinas é típica. Quando começou a lecionar, no começo dos anos 50, descobriu que a biblioteca não tinha nenhum exemplar dos reformadores clássicos, como Calvino, Lutero e Wesley. O ensino era canhestro e caricatural, baseado em cartilhas com apanhados gerais, resumidas por autores desqualificados. Em pouco tempo, Shaull tinha suas aulas lotadas, os alunos continuamente ao seu lado, apropriando-se de uma literatura engajada e ecumênica, alguns experimentando novas formas de intervenção social. Em pouco tempo, Shaull encontrou opositores que se esmeraram em produzir um dossiê com mais de cem páginas, onde foram reunidos documentos e provas de acusação contra o pastor. Cito literalmente alguns dos termos da acusação: “desorientar os jovens presbiterianos”, “desprestigiar pastores e professores”, “voltar-se contra as correntes avivalistas e puritanistas da igreja”, “disseminar o ecumenismo”. Na avaliação crítica do reitor, Shaull cometia uma série de “heresias”, “pontos infelizes dentro de elementos positivos no seu pensamento e trabalho” (2003,128). Em 1959, em função da continuidade, volume e intensidade das pressões, Shaull decidiu se afastar do seminário.

Para um olhar retrospectivo, é fácil reconhecer nesta pressão e posterior afastamento, o indício da crescente organicidade e acúmulo de poder de setores sociais retrógrados e conservadores. Porém, em sua biografia, Shaull não se alonga na descrição e análise destes opositores, suas estratégias, seu método. Parece que nem no livro, nem na vida, ele se ocupou demasiado em examinar o adversário. Otimista e pragmático, ele aprendeu a engolir o fracasso de um dia, embarcando de corpo e alma no projeto que inaugurava no dia seguinte.

Talvez uma certa subestimação da força do opositor, talvez o desconhecimento de suas estratégias, talvez métodos demasiado truculentos, talvez tudo isto ao mesmo tempo tenha colocado escamas sobre os olhos da esquerda progressista cristã da época. O fato é que o leitor, ainda que acompanhando o testemunho retrospectivo de um dos principais protagonistas daquele período, fica um tanto sem recursos para entender o súbito fechamento de atividades de tantas iniciativas naquele universo interdenominacional. O fato é que, quando Shaull aceitou o convite para ocupar a cadeira de Ecumênica na Universidade de Princeton, em 1962, já não era sustentável sua permanência no Brasil.

Por fim, vale lembrar que o livro *Surpreendido pela Graça* vai além do valor

do testemunho de Shaul daqueles anos de extremos. Nele temos uma imagem do menino, do adolescente e do idoso que Richard Shaul foi. Temos um depoimento sincero e delicado do seu retorno ao Brasil vinte anos depois, da revisão de suas idéias, do seu reconhecimento do valor do pentecostalismo, dos seus últimos anos ao lado de Nancy, da sua luta contra o câncer. Ao fim e ao cabo, muito mais que um testemunho da história, o livro nos dá o depoimento de vida de uma pessoa que se destacou como um cavalheiro que generosamente doou-se para criar pontes entre dois mundos. Sem ele, nossa incompreensão do mundo seria maior.

Clara Mafra

Antropóloga, professora da UERJ e autora dos livros *Os Evangélicos* e *Na Posse da Palavra*.

Tese de Mestrado em Ciências Sociais da Religião. Instituto Metodista de Ensino Superior. Edição de Agosto, São Paulo, 2002

FÉ E COMPROMISSO

RICHARD SHAULL E A TEOLOGIA NO BRASIL

Eduardo Galasso Faria

A reflexão teológica durante a maior parte da história do cristianismo na América Latina e no Caribe se caracterizou como um exercício de reprodução do pensamento dos centro a partir do qual se desenvolveu a missão da Igreja. No caso do catolicismo romano, desde período da conquista e inícios da colonização, os missionários tentaram fazer "tábua rasa" das crenças dos indígenas, construindo um pensamento que se ajustava à crença dos colonizadores.

Tratava-se de uma expressão da religião cristã que correspondia à época da expulsão dos mouros e judeus da Espanha, bem como dos inícios da construção do império português. Este espírito de conquista imperial reagiu veementemente, com extrema violência, contra o pensamento humanista que se desenvolveu na Europa Ocidental até o final do século XV e principalmente contra a Reforma Protestante, cujos adeptos na Espanha, foram sacrificados nas fogueiras da Inquisição.

O catolicismo que se desenvolveu na América Latina até o século XIX foi conservador, propício a uma certa amálgama com as crenças dos indígenas. Influenciado pelos ares da contra-reforma católica que se sedimentou no Concílio de Trento (1546-1564), enfatizou a repetição dos conceitos do catolicismo europeu. É verdade que houve algumas exceções. Entretanto, as fontes da memória cristã foram ocultadas ao povo. A Bíblia foi subtraída ao conhecimento popular.

O protestantismo começou a ser introduzido nestas terras do terceiro e quarto decênios do século XIX. Não resta dúvida de que, conforme as modalidades predominantes naqueles tempos, seguiu o modelo de reprodução desenvolvido pelo catolicismo romano. Por exemplo, procurou fazer com que os crentes lessem a Bíblia, mas a sua interpretação se fez de acordo com as tradições e as formas de pensamentos dos missionários. Isso teve importantes repercussões no campo da reflexão teológica: as preocupações que a dominaram eram aquelas que motivavam os grandes debates entre "liberais" e aqueles que depois

começaram a ser chamados de “fundamentalistas”. Por mais de um século não se desenvolveu uma corrente hermenêutica latino-americana.

A situação teológica latino-americana começou a ser transformada a partir da década de 1950. Não se trata aqui de analisar como esta renovação ocorreu no catolicismo romano, que a partir de 1959 começou a viver um período de reformas importantes motivadas pelo Papa João XXIII e o Concílio Vaticano II. Por outro lado, quando se trata de compreender o caminho percorrido por uma minoria de pensadores evangélicos que procuraram tornar presente o melhor do pensamento protestante na América Latina, é inevitável referir-se à influência e ao magistério de Richard Shaull.

Missionário norte-americano, compreendeu rapidamente a importância que haveria em desenvolver uma reflexão pertinente à situação latino-americana dos anos 50 e começos de década seguinte. Dificilmente se pode compreender a gestação e evolução do pensamento teológico de Rubem Alves, um dos teólogos protestantes mais criativos e profundos, sem a orientação de Shaull, que foi seu professor no Seminário Teológico Presbiteriano de Campinas e, posteriormente, na Universidade de Princeton. Da mesma forma, não se pode explicar a renovação do pensamento cristão que ocorreu entre os que participavam do movimento estudantil cristão daquela época e, sobretudo, da cristalização dessas orientações teológicas no trabalho da Junta Latino-Americana de Igreja e Sociedade (ISAL), entre os começos dos anos 60 e meados dos anos 70, sem a influência mentora de Shaull.

Eduardo Galasso foi discípulo de Shaull em Campinas. Anos mais tarde, apoiando-se em fontes de primeira mão – em particular, textos escritos pelo próprio Shaull sobre seu itinerário teológico até os anos 90 – produziu uma dissertação para receber o título de Mestre em Ciências da Religião no Instituto Metodista de Ensino Superior de São Bernardo do Campo, próximo a São Paulo. O trabalho de Eduardo Galasso, que além de teólogo é também historiador, proporcionou algo mais valioso e altamente honroso. Senso crítico, é evidente que evita cair no estilo hagiográfico.

Tive a honra de orientar seu trabalho – embora, na realidade, ao acompanhá-lo, recebi muito mais do que pude oferecer. Trata-se de um tributo reconhecido e honesto a Richard Shaull, que foi seu mestre. O texto da dissertação constitui este livro.

Galasso evidencia, sobretudo, que Shaull ensinou os jovens que com ele se formaram que a fé cristã está orientada por uma exigência de encarnação no contexto em que se encontram as comunidades. Tal exigência conduz também à busca da transformação desse contexto para há haja mais justiça e solidariedade entre os seres humanos. Por conseguinte, embora as referências ao pensamento teológico tradicional sejam necessárias, compete ao teólogo elaborá-la de tal modo que passem a ser uma manifestação vital, reatualizada da fé. Shaull

ensinou, e fez isso muito bem, que Deus está presente na história, atuando muitas vezes de maneira inusitada. Compete ao teólogos discernir – e às vezes, é preciso reconhecer, de uma maneira que parece escandalosa para os que tentam se refugiar no pensamento dogmático tradicional das igrejas – esta presença de Deus, o sentido de sua ação e chamar as comunidades para prosseguir nessas veredas, por esses caminhos de Deus, assim como Jesus de Nazaré seguiu a vontade do Pai e a ação do Espírito.

Dada a influência do pensamento de Shaul, o livro de Galasso deve ser considerado como uma contribuição muito importante para se perceber a evolução seguida por um pequeno grupo de evangélicos que fez parte da corrente da Teologia da Libertação e que se constituiu numa das contribuições mais significativas ao pensamento latino-americano no século XX. Foi este exatamente o objetivo de Shaul: criar as condições espirituais necessárias para que o testemunho cristão tivesse sentido, significação. Galasso ressalta este aspecto.

Por isso, consciente do valor de seu trabalho, recomendo a leitura e o estudo deste livro.

(Apresentação de Julio de Santa Ana)

Impressão e Acabamento

Imprinta Gráfica e Editora Ltda.

Tel – 0xx21 3977-2666

e-mail.: comercial@imprintaexpress.com.br

Rio de Janeiro – Brasil

Rubem César
Nancy Johns
Gene Bay
Mark L. Taylor
Wando Cesar
José Jorge de Carvalho
Rita Segato
Áureo Bispo dos Santos
Frei Carlos Josaphat OP
Claude Emmanuel Labrunie
Derval Dasílio
Esdras Borges Costa
Jether Pereira Ramalho
Jovelino Ramos
Leonardo Boff
Luiz Alberto Gómez de Souza
Mozart Noronha
Myra Bergmar Ramos
Raimundo César Barreto Jr.
Rubem Alves
Rubem Menzen Bueno
Toniko Born
Clara Mafra
Júlio de Santa Ana

ISSN 0100-8587

